

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

DANIELLE VAZ MACIEL

**O JORNALISMO TEM COR: QUAIS OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR
JORNALISTAS NEGROS NO RIO GRANDE DO SUL?**

**SÃO BORJA
2021**

DANIELLE VAZ MACIEL

**O JORNALISMO TEM COR: QUAIS OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR
JORNALISTAS NEGROS NO RIO GRANDE DO SUL?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Sara Feitosa

**São Borja
2021**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

DANIELLE VAZ MACIEL

O JORNALISMO TEM COR: QUAIS OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR JORNALISTAS NEGROS NO RIO GRANDE DO SUL?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Trabalho defendido e aprovado em: 06 de maio de 2021.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Sara Alves Feitosa
Orientadora
UNIPAMPA

Prof. ^a Dra. Merli Leal Silva

UNIPAMPA

Prof. Dr. Marco Antônio Bonito

UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **SARA ALVES FEITOSA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/06/2021, às 13:11, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MARCO ANTONIO BONITO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/06/2021, às 09:16, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MERLI LEAL SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/06/2021, às 18:13, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0532963** e o código CRC **98F718F7**.

Dedico este trabalho a Cláudia Jovina de
Oliveira Vaz e ao Gabriel Vaz Maciel.

AGRADECIMENTO

Eu realmente não sei nem por onde começar. Eu fico feliz e orgulhosa por ter conseguido chegar aqui, depois de passar por tantas incertezas, finalmente irei concluir o ensino superior.

Desde a hora que eu acessei o site do SISU e li que estava na lista de espera para o curso de jornalismo na UNIPAMPA São Borja, vi minha mãe chorando porque não tínhamos condições de ir até a cidade, e então ela me acordando no dia seguinte e dizendo que conseguiu dinheiro e que iríamos...foi tudo muito rápido e eu senti muito medo de falhar. Percebi então, que não foi só um sonho realizado sozinha, foi um sonho da minha família, que chorou e ficou feliz junto comigo durante todos esses anos.

Agradeço minha mãe, Cláudia Jovina de Oliveira Vaz, que sonhou e conquistou comigo esse diploma, que chorou e orou todos os dias para que eu ficasse bem e mesmo trabalhando até aos domingos como empregada doméstica, e estudando para ser professora, nunca deixou de me ligar antes de dormir para me ouvir contar do meu dia e me desejar boa noite, nunca esqueceu de me mandar mensagem de bom dia seguido de um emoji representando como estava o dia na minha cidade natal. Agradeço muito a ela, mesmo que muitas vezes não saiba como demonstrar essa gratidão. Essa conquista é nossa!

Agradeço aos meus irmãos, Gabriel e Willian, ambos me ajudaram em momentos diferentes durante a graduação e mesmo eu sendo muito implicante, sou muito grata por ter vocês na minha vida. Agradeço também às minhas tias e tios, que me ajudaram cada um de formas diferentes, demonstrando o carinho mesmo de longe. Muito obrigada Tia Dina, Tia Tita, Tio Paulo, Tia Cátia e Tia G.

Agradeço a minha melhor amiga, companheira de noites e noites de choro e gargalhadas, Ana Garcia, com quem eu instantaneamente me conectei e se tornou meu maior presente nessa fase da minha vida. Agradeço ao Crystian e a Brenda, os melhores amigos que pude ter durante esses dias de loucura e muito estudo, muita festa e muitos almoços de domingo. Amo vocês ABCD! Além disso, tive muitas pessoas que passaram no meu caminho e me ajudaram de alguma forma, Anna Carolina que foi a primeira pessoa que conversei em aula e estava perdida como eu; Laís que foi a pessoa mais engraçada e querida que encontrei; Duda Perin, igualmente engraçada e compartilhou de muitos momentos leves comigo.

Agradeço ao grupo NIARA e ao PET- História da África, que surgiram na minha vida como um ponto seguro e de acolhimento negro, muito obrigada guris. Agradeço ao Grupo T3xto, especialmente ao Prof. Dr. Marco Bonito, que me instigou a pesquisar e me ajudou,

mesmo que indiretamente, a me encontrar como uma pessoa inteligente, coisa que nunca considerei antes.

E por último e não menos importante: Agradeço imensamente à minha orientadora, Profª Drª Sara Feitosa, que me acolheu desde o primeiro momento que a procurei com a ideia de pesquisa, minha maior inspiração na universidade, ótima profissional e pessoa incrível. Muito Obrigada!

Eu fico muito feliz em ser o conjunto de todas essas pessoas e histórias que me acolheram de alguma forma, espero ter tido boa influência em vocês também. Muito Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar os desafios para jornalistas negros que exercem a profissão no estado do Rio Grande do Sul. Embora não haja dados precisos e atualizados sobre o número ou percentual de jornalistas negros no exercício da profissão, observa-se, empiricamente, que o jornalismo brasileiro é majoritariamente branco. Essa constatação resulta do racismo estrutural presente na sociedade brasileira e esta é uma das justificativas do presente estudo. A base teórica que sustenta a investigação são estudos sobre o racismo no Brasil e jornalismo –Schwarcz; Sodré; Hall; Almeida; Traquina; Ribeiro. Quanto aos procedimentos metodológicos realizamos entrevistas semiestruturadas com gestores dos veículos Rádio Gaúcha, GaúchaZH, Zero- Hora e SBT RS, bem como com jornalistas negros que atuam nos referidos meios com o intuito de responder à questão problema: Quais os desafios enfrentados por jornalistas negros no exercício da profissão no Rio Grande do Sul? Foram realizadas nove entrevistas remotas gravadas em vídeo. Como resultado da investigação destacamos que os jornalistas negros estão em um ambiente de trabalho ainda excludente e com reflexos do racismo estrutural. O principal resultado da pesquisa é: as ações antirracistas nos veículos gaúchos, ainda são ineficientes ou incompletas. Esta investigação teve aprovação do Comitê de Ética na Pesquisa (CEP) da Unipampa.

Palavras-Chave: jornalismo gaúcho; jornalistas negros; diversidade; racismo.

ABSTRACT

The present work aims to investigate the challenges for black journalists who exercise a profession in the state of Rio Grande do Sul. Although there is no precise data on the number or percentage of black journalists in the exercise of their profession, it is observed, empirically, that Brazilian journalism is mostly white. This finding results from the structural racism present in Brazilian society and this is one of the justifications of the present study. The theoretical basis supporting the investigation studies on racism in Brazil and journalism - Schwarcz; Sodr ; Hall; Almeida; Teasing; Ribeiro. As for the methodological procedures, we disconnected from the semi-structured with managers of the R dio Gaúcha, GaúchaZH, Zero-Hora, and SBT RS vehicles, as well as with black journalists who work in investigating means to answer the problem question: What are the challenges faced by black journalists exercising their profession in the Rio Grande do Sul? Nine remote videotaped interviews were conducted. As a result of the investigation, we point out that black journalists are in a work environment that is still exclusive and with reflections of structural racism. The main result of the research is: the anti-racist actions in vehicles from the Rio Grande do Sul are still inefficient or incomplete. This investigation was approved by the Research Ethics Committee of Unipampa.

Keywords: gaúcho journalism; black journalists; diversity; racism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Post Instagram- GZH Digital do dia 20/11/2020	28
Figura 2 – Capa ZH- versão impressa e digital 20/11/2020	29
Figura 3 – Segundo post no Instagram- GZH Digital do dia 20/11/2020	30
Figura 4 – Terceiro post no Instagram- GZH Digital do dia 20/11/2020	31
Figura 5 – Capa ZH- versão impressa e digital 21/11/2020	32
Figura 6 – Carta da editora - versão impressa e digital 21/11/2020	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 JUSTIFICATIVA	12
2. IDENTIDADE, RACISMO E HISTÓRIA	15
2.1. RACISMO NO BRASIL	20
2.2. RIO GRANDE DO SUL E NEGRITUDE	24
2.3. MERCADO DE TRABALHO E REPRESENTAÇÃO	34
2.4 - JORNALISMO E DIVERSIDADE	39
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E SUJEITOS DA PESQUISA	45
3.1 - REDAÇÕES GAÚCHAS	46
3.1.1-RBS	48
3.1.2- SBT	49
4 ENTREVISTAS E PERCEPÇÕES	51
4.1- UM PROBLEMA DE GESTÃO?	51
4.2- COMO É SER UM JORNALISTA PRETO NO MERCADO GAÚCHO?	61
4.3- ANTIRRACISMO E FUTURO	78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICES	93
ANEXOS	102

1 INTRODUÇÃO

Dados do ano de 2012 mostram o perfil do jornalista brasileiro, de acordo com a pesquisa desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC em conjunto com a Federação Nacional dos Jornalistas, a FENAJ¹, 64% dos jornalistas brasileiros eram homens e 36% mulheres, sendo 18% autodeclarados pardos e 5% pretos, ou seja, brancos em maioria com 72%.

Essas pesquisas, embora não atualizadas, são fundamentais para entender a importância deste trabalho. Os dados são antigos e preocupantes, sendo negros a maioria da população brasileira com 55,8% e 54,9% da força de trabalho no país², isso deixa um ponto de interrogação a quem reflete como o jornalismo e a profissão ainda é um lugar de exclusão para grande parte da sociedade. A desigualdade se mostra atual pois segundo um estudo feito pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa, o GEMMA³, mais de 90% dos formadores de opinião da Folha de S Paulo, O Globo e o Estadão são brancos, sendo esses os mais populares portais de notícia no país.

Com os dados nacionais apresentados, é necessário então fazer o recorte regional destas pesquisas sobre a desigualdade racial, no estado do Rio Grande do Sul. Dados de 2018 mostram que o Rio Grande do Sul é o estado que lidera no país os registros de injúria racial. A injúria de acordo com a Lei 7716/1989 é a ofensa direcionada a uma pessoa com referência a sua etnia, cor, religião ou origem. No censo de 2010, 16,13% da população gaúcha se autodeclarou negra, sendo que somente em Porto Alegre eram 285 mil negros, ou seja, 24,18% dos habitantes da cidade. De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) de 2000, havia 413.559 gaúchos com nível superior, sendo 96,7% brancos, entre os diplomados no Curso de Comunicação, Jornalismo e Informação foram listados 6.687 brancos, 258 negros e 33 amarelos e indígenas ou sem declaração de cor.

É frequente a generalização dos meios e de outros estados afirmar que o Rio Grande do Sul é majoritariamente branco, mesmo tendo uma história construída por grandes personagens negros⁴. Em 2000, quando a população negra no estado era de 12,65%, o levantamento feito

¹ Pesquisa: ><https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>< Acesso em: 27 de Abril de 2020.

² Pesquisa:><https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-11/negros-sao-maioria-entre-desocupados-e-trabalhadores-informais-no-pais>< Acesso em: 27 de Abril de 2020.

³ Pesquisa:><http://gema.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-genero-cor-raca-dos-colunistas-dos-principais-jornais/>< Acesso em: 27 de Abril de 2020.

⁴ Nesta frase queremos falar sobre nomes como: Francisco Cabinda, João Alejadinho e preto Antonio, sendo esses lanceiros que lutaram na guerra dos Farrapos e raramente são lembrados na história do estado. Entre outros nomes que merecem sere lembrados e alguns constam no livro “RS Negro: Cartografias sobre a produção do

pelo IBGE localizou apenas uma jornalista negra na televisão, com visibilidade entre regiões gaúchas, o número aumentou para três jornalistas quando inseridos os profissionais da capital, Porto Alegre.

Na mídia gaúcha pouco se vê negros sendo representados nos meios de comunicação, pode se perceber que o Grupo RBS, que detém maior audiência no estado, com a franquia jornalística GaúchaZH, conta com uma lista de 71 colunistas⁵, sendo que foi identificada apenas uma colunista negra, que escreve aos domingos na ZH, Eliane Marques— dados coletados durante o período de produção deste trabalho. Os gaúchos são maioria no top 10 dos jornalistas mais premiados da história⁶, sendo os três da lista, brancos. Não foi encontrado dados atuais que apresentem quantos são os jornalistas negros neste estado, mas é por isso que pesquisas como esta são ainda mais importantes.

Abre-se um parêntese, neste parágrafo pedimos licença para explicar na primeira pessoa do singular, qual a importância desta pesquisa. Bom, como autora deste trabalho, sendo uma mulher negra, coloco minha identidade como parte do desenvolvimento da pesquisa, que surgiu no terceiro semestre da graduação, quando me deparei com uma matéria sobre a falta de representatividade negra na moda⁷, que é área que me interessa, porém nesta mesma situação me pus a pesquisar sobre como o negro está inserido no jornalismo brasileiro. Mas foi no ano de 2019 quando eu li a reportagem na Revista Piauí feita pela jornalista Yasmin Santos⁸, em que ela expõe sua vivência e a falta de jornalistas negros nas redações brasileiras, que decidi que iria pesquisar sobre isso com o recorte regional. É importante entender que este trabalho será totalmente pautado através destes profissionais gaúchos, pretendo mostrar os desafios sob os olhares dessas pessoas que ainda são minoria nesta profissão.

Os dados mostram que os negros não são maioria nas redações de todo o Brasil, ainda mais em um estado onde os números de discriminação racial são grandes, por isso é necessário fazer esta pesquisa no estado. Sabemos que existem jornalistas negros no Rio Grande do Sul, mas que cargos eles estão ocupando? Quais são as pautas produzidas, escritas e distribuídas aos

conhecimento”, obra lançada em 2009, pela PUCRS. Disponível em:> <http://www.pucrs.br/edipucrs/ahrs/rsnegro.pdf>< Acesso 02 de junho de 2020.

⁵ Gaúcha ZH: > <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/a-z/> < Acesso em: 27 de Abril de 2020

⁶ Gaúchos são maioria no top10 dos +Premiados Jornalistas da História: ><https://www.coletiva.net/jornalismo-gauchos-sao-maioria-no-top10-dos-premiados-jornalistas-da-historia.291425.jhtml>< Acesso em: 27 de Abril de 2020

⁷ Onde estão os negros e negras na moda:><https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/onde-estao-os-negros-e-negras-na-moda/>< Acesso em: 27 de Abril de 2020.

⁸ LETRA PRETA: Os negros na imprensa brasileira. > <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/letra-preta/>< Acesso em: 27 de Abril de 2020.

jornalistas negros? Desse modo, a presente pesquisa questiona: **Quais os desafios enfrentados por jornalistas negros no exercício da profissão no Rio Grande do Sul?**

Objetivo geral desta pesquisa é identificar quais os desafios dos jornalistas negros no exercício da profissão no Rio Grande do Sul. Buscando mapear quais as funções ocupadas por estes jornalistas selecionados, observar como é feita a distribuição dos cargos em diferentes redações, também identificar o percentual de negros que estão presentes nas redações do estado e descrever os desafios de jornalistas negros no exercício da profissão no RS.

1.1 Justificativa

Para a pesquisa da pesquisa e construção da justificativa foi utilizada a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) como a principal ferramenta para partir à pesquisa bibliográfica e teórica. Neste sentido, para filtrar os trabalhos interessantes à investigação, as palavras “Jornalismo Negro” foram as primeiras a serem pesquisadas, com as quais obtivemos 188 trabalhos encontrados, então o filtro “Datas descendentes” foi acrescentado, para encontrar projetos mais atuais. Para afunilar ainda mais, foi pesquisado “Jornalismo e Racismo” com 61 resultados; “Negros no Jornalismo” com 188 resultados; “Diversidade nas redações Jornalísticas” com nove resultados; “Representatividade Jornalismo” com 14 resultados de pesquisa de gênero; “Representatividade Negra Jornalismo” com zero resultados e por último “Representatividade Telejornalismo” com um resultado de pesquisa de gênero. Nesta ferramenta foram filtradas quatro dissertações e uma tese consideradas relevantes para o aporte teórico da pesquisa. Elas foram escolhidas após a leitura dos resumos e introduções, priorizando a contextualização do recorte da imprensa negra brasileira e que tratassem do racismo na comunicação, foi escolhido trabalhos que estão relativamente próximos a esta pesquisa.

Os trabalhos encontrados na BDTD do IBICT, de alguma forma auxiliaram nas escolhas da bibliografia. A dissertação “Entre a cordialidade e o branquíssimo: o discurso racista na representação social da pessoa negra no jornal Folha de S. Paulo” (2019), de Aryclennys Silva Sousa, defendida na Universidade Federal de Goiás (UFG), traz uma análise em várias publicações da Folha de S. Paulo no dia da consciência negra, 20 de novembro. O mais interessante nesse trabalho é que o autor contextualiza tudo o que relaciona ser uma pessoa negra brasileira, explica os conceitos de raça, resistência, branqueamento. Neste sentido, este trabalho ainda apresenta cada tipo de racismo, como são as ferramentas dessa opressão inserida

na comunicação de diversas formas, o racismo cordial, racismo científico, racismo moderno e etc.

O segundo trabalho encontrado foi a tese “Enquadramentos e Advocacy sobre o genocídio de jovens negros: análise da cobertura da Folha de S. Paulo” (2017), de Kelly Martins Quirino, defendida na Universidade de Brasília (UnB), também traz uma análise, mas com notícias sobre o genocídio de jovens negros no Brasil. Como os outros trabalhos, há uma contextualização aprofundada sobre racismo e sociedade e analisa o discurso do jornal e ainda discute o poder de fala.

A dissertação ““Era só mais um Silva que a estrela não brilha”: a legitimação do racismo institucional do Caso Cláudia Silva Ferreira no jornalismo online” (2018), de Thais Vital dos Santos, defendida na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Traz uma análise de caso, diferente das outras essa pesquisa traz um recorte de gênero, tanto na bibliografia quanto na análise do caso, também analisa o discurso e como foi a repercussão do caso no jornalismo online.

A terceira dissertação escolhida, “Racismo em pauta: a pluralidade confrontada no noticiário da Folha de S. Paulo na década de 2000” (2011) de Isabel Cristina da Rosa, defendida na Universidade de Brasília (UnB). A autora traz uma investigação que a aproxima mais da pesquisa ora realizada, porque traz uma contextualização de sociedade pós a criação da imprensa e como a imprensa negra nasceu e resistiu nesse longo percurso pós-abolição, parte dos direitos conquistados e racismo velado, o trabalho de Rosa (2011) também é de análise de caso, no jornalismo da Folha S. Paulo nos anos 2000.

A dissertação “Racismo, negação e discurso: uma análise crítica de dois eventos ligados a práticas racistas na mídia brasileira” (2016), de Priscila Mion Edigio, defendida na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), por se tratar de um trabalho de mestrado em linguística, traz uma análise mais aprofundada sobre o discurso, como o racismo sutil ou escancarado aparece em publicações da mídia brasileira. Esse trabalho foi selecionado por se tratar de uma análise de discurso na prática do racismo no jornalismo, é interessante pensar como essa discriminação age sutilmente na comunicação, ainda sendo importante para debater quais as nuances do racismo nesse âmbito.

Outro trabalho que não é da área de comunicação, mas foi selecionado por ser semelhante a presente pesquisa, é a dissertação “Uma leitura sociocrítica do jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro (1948-1950)” (2015), do pós-graduado em Ciências Sociais Guilherme Sousa Costa, defendido na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Traz

uma análise sobre o jornal de uma comunidade Quilombola, apresentando discussões de representatividade e o poder do discurso na criação do sujeito.

Foi constatado que os trabalhos de comunicação com temáticas relacionadas ao racismo são, em sua maioria, análises em sites e jornais impressos, trazendo conceitos de racismo, linguagens e história da imprensa brasileira. Mesmo procurando trabalhos que investigassem as redações e a profissão, pouco se encontrou indagações do tipo. Então partindo disso, trabalhos que descreviam como iniciou a imprensa no Brasil, tanto a convencional quanto a imprensa especializada na população negra. Surgiu assim a questão territorial, das quatro dissertações e uma tese, todas fazem análises em veículos como, Folha de São Paulo, O Globo, O Estadão, então foi pertinente pensar como está o jornalismo no Rio Grande do Sul.

A monografia de Yasmin Santos, “LETRA PRETA: A Inserção de Jornalistas Negros no Impresso” (2019), defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é a que mais se relaciona com este trabalho. A jornalista que atua na Revista Piauí, entrevistou mais de 40 profissionais negros para entender qual a presença dos negros nas redações brasileiras no impresso, essa pesquisa rendeu a ela uma longa reportagem de capa da revista, onde ela expõe parte das entrevistas e sua vivência como profissional, a qual instigou a pesquisar mais sobre essa temática, com um recorte regional.

Constando então que a população negra no Rio Grande do Sul é minoria e ainda são minoria nas universidades públicas e privadas, este trabalho traz uma análise no mercado, percebendo onde está o negro na comunicação do estado. Por isso, será possível notar a identidade da autora impressa em todo o desenvolvimento da pesquisa, expondo assim a importância da representatividade desses jornalistas e de pesquisas como essa na área do jornalismo.

Além desta introdução, a monografia conta com mais quatro capítulos. O capítulo 2 trata-se de uma contextualização sobre as temáticas de identidade, o sistema de racismo e um resgate histórico brasileiro, nesse capítulo são apresentados também questões sobre jornalismo e diversidade. O capítulo 3 trata-se da apresentação metodológica do trabalho e a apresentação das fontes da pesquisa. No capítulo 4 é apresentado a análise deste trabalho, recortes das entrevistas realizadas pelas pesquisadoras e suas percepções. O capítulo 5 e último, trata-se das considerações finais.

2. IDENTIDADE, RACISMO E HISTÓRIA

Neste capítulo iremos abordar sobre identidade, em uma visão que inclua o conceito de raça, por ser um trabalho que pretendemos que seja de uma linguagem acessível, ainda que acadêmica. Não podemos falar de etnia tentando assim compreender a história, pois o conceito de raça foi usado e ainda é utilizado, mesmo que tenha sido criado no intuito de dividir e discriminar seres humanos (SPERANZA,2017). Sem a raça e tudo que a permeia, enquanto brasileiro, não teria como uma pessoa negra criar uma identidade (HALL; WOODWARD, 2000). Mesmo que tenhamos consciência que raça é apenas uma, a raça humana, não podemos aqui ocultar todo um significado social que esse termo carrega, pois é só com o entendimento dessas diferenças sociais que podemos estabelecer uma linha de raciocínio onde o racismo faz parte da nossa estrutura (ALMEIDA, 2019). Por isso, ocultar a raça não se faz necessário aqui, pois é sobre todo esse peso e a visão de determinados atores sociais, no caso jornalistas negros que atuam no Rio Grande do Sul, que pretendemos seguir esta investigação.

Primeiro é preciso estudar e esmiuçar o conceito de raça, principalmente o significado de raça negra no Brasil, para assim entender como que a identidade é constituída. Raça é um termo que surgiu no século XVI, com a revolução francesa e com a literatura iluminista surge o primeiro registro desse termo. Mesmo que o movimento pregasse uma visão unitária da humanidade, as questões raciais eram tomadas de discursos e estudos científicos duvidosos, que muitas vezes reforçavam as diferenças biológicas entre os povos como forma de exclusão racial. Sendo assim,

O discurso racial surgia, dessa maneira, como variante do debate de cidadania, já que no interior desses novos modelos, discorria-se mais sobre as determinações do grupo biológico do que sobre arbítrio do indivíduo entendido como um resultado, uma reificação dos atributos específicos da raça (GALTON, 1869/1988:86 APUD SCHWARCZ, 1993, p.63).

As diferenças biológicas eram utilizadas como argumentos para que determinados grupos fossem excluídos e explorados, isso até mesmo no meio intelectual, percebendo assim que quando o termo raça nasce é para unificar esses grupos sociais, assim ressaltando as diferenças, mesmo que lutassem pela unidade. Mas, com o passar dos séculos, o termo raça assim como sistema do racismo foi se modificando, tendo significados diferentes conforme cada nacionalidade, mas nunca perdendo o valor de discriminação social. Como explica Silvio Almeida:

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder de decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. (ALMEIDA, 2019, p. 24).

Então, o conceito de raça brasileira é completamente diferente do conceito de raça estadunidense, ou qualquer outra nacionalidade, pois está conectada a história e a forma de colonização. A identidade é um conceito que é determinado a partir do outro, do reconhecimento das diferenças, e também é afetada pela história de cada sujeito, portanto, pensar em raça no Brasil é importante para entender como a identidade negra é estabelecida entre a população e o próprio indivíduo. Sendo assim,

A diferença não é o ponto de partida, mas de chegada — ponto de partida são as possibilidades concretas de diferenciação. Deste modo, a discriminação será o não reconhecimento de exclusão do outro nos percalços da diferenciação, ou seja, do movimento complexo dentro do estatuto da identidade. (SODRÉ, 2015, p.17).

Quando um grupo social compreende como a sociedade é dividida, como funciona essa diferenciação, criando estereótipos e mitos, que são os principais motivos para assim o sujeito se entender com a identidade, com o negro não é diferente, principalmente pensando que desde a infância este é colocado em situações que o fazem encarar a assimetria com a pele do outro, quando se encontra com outra pessoa branca é quando entende como ele é. Sendo assim, o primeiro passo da identidade negra é dado a partir do outro, a partir do imaginário social que o afeta, pois não é só perceber que há outras raças, é tomar consciência que há toda uma regra social, que faz pessoas com a sua “cor” receberem tratamentos diferentes, por vezes, enfrentar o racismo desde antes de compreender o que significa. Como explica (SODRÉ, 2015)

Dizer identidade humana é designar um complexo relacional que liga o sujeito a um quadro contínuo de referências, constituído pela interseção de sua história individual com a do grupo onde vive. Cada sujeito singular é parte de uma continuidade histórico-social, afetado pela integração, num contexto global de carências (naturais, psicossociais) e de relações com outros indivíduos, vivos e mortos. A identidade de alguém, de um “si mesmo”, é sempre dada no reconhecimento do “outro”, ou seja, a representação que o classifica socialmente. (SODRÉ, 2015, p. 39).

A identidade do sujeito está sempre em movimento, assim como a raça, ela é definida a partir do outro, a partir de uma bagagem social, linguística e histórica, que não é oferecida à população negra, principalmente pela diáspora. Não lhes foi oferecido o direito de nome e

sobrenome, língua e religião, esse apagamento identitário atinge as famílias mesmo após mais de 130 anos da abolição da escravatura. Por isso, não foi dada às pessoas negras a liberdade de fazer parte da civilização brasileira, pelo contrário foi tomado o conceito de indivíduo dessas pessoas, obrigando-as a trabalhar e construir um país que não iria abraçar seus descendentes no futuro. “Civilização” é explicada por (SODRÉ, 2015) que cita (HUNTINGTON, 1994):

“Civilização”, tal como Huntington a entende, é a forma mais elevada de agrupamento pela cultura e o fator de identidade cultural mais amplo de que dispõe os povos, independentemente daquilo que os distingue das outras espécies. Língua, história, religião, costumes, instituições e processo subjetivo de identificação são os elementos objetivos comuns que definem a civilização, permitindo aos sujeitos a tomada de consciência de sua identidade. (SODRÉ, 2015, p. 20).

Sendo assim, o processo de identificação de povos marginalizados, como as pessoas negras, acontece de uma forma totalmente diferente de qualquer pessoa de grupo social ascendente, como as pessoas brancas. Precisamos rever a história do Brasil e como o racismo se instala aqui, para assim entender como o sujeito negro é definido.

A identificação do sujeito negro acontece de forma diferente e até “prematura”, usemos essa expressão porque a pessoa negra é condicionada repensar ações e discussões sobre raça antes de uma pessoa branca, esse processo é afetado pela forma sistemática do racismo, que envolve discriminação em todos os âmbitos da sociedade.

O racismo é um sistema de opressão muito bem articulado, dividido em seções que podemos dizer que vai do sutil, ao aceitável e o escancarado. De acordo com (ALMEIDA, 2019), existem três concepções do racismo:

1. Individualista: relação entre racismo e subjetividade, sendo uma ação feita de um sujeito a outro diretamente. Essa concepção cria uma visão de que o racista é uma pessoa de má índole, que age conforme um anseio totalmente individual, uma anormalidade social que cabe ao jurídico julgar, “Por isso, a concepção individualista pode não admitir a existência de “racismo”, mas somente de “preconceito”, a fim de ressaltar a natureza patológica do fenômeno em detrimento de sua natureza política.” (ALMEIDA, 2019, p. 36).
2. Institucional: relação entre estado e racismo. Dentro da instituição há formas de discriminação e privilégios raciais, há um limite onde o racismo é aceitável aqui e até reforçado, tirando assim o caráter individual do preconceito, como explica o autor:

Em outras palavras, é no interior das regras institucionais que os indivíduos se tornam sujeitos, visto que suas ações e comportamentos são inseridos em um conjunto de significados previamente estabelecidos pela estrutura social. (ALMEIDA, 2019, p. 38)

Sendo assim, todo o caráter de anormalidade é totalmente recusado nessa concepção, pois o racismo seria uma responsabilidade institucional, para reforçar poder e controlar comportamentos sociais e legais.

3. Estrutural: relação entre racismo e sociedade. Nessa concepção é possível relacionar com a anterior, já que o Estado usa do institucional para reforçar o poder e o racismo seria um sistema de manutenção do mesmo, ou seja, o caráter individual é apenas uma consequência indireta de tudo o que é reforçado no estado, seria por exemplo, hoje em dia há vários estudos que mostram expressões racistas que usamos no cotidiano, mas não necessariamente sabemos da profundidade e do contexto em que foram criadas, como "criado mudo" que mudamos para mesa de cabeceira. Consciente e inconsciente esse discurso nos é reforçado todos os dias e proliferado. Negar que há racismo na nossa língua, é negar toda a história do Brasil. A sociedade é induzida a acreditar que racismo é um ato isolado, individual, que compete ao jurídico, que é expresso na violência e não em atos e expressões veladas, sendo assim a instituição reforça o racismo não apontando e concertando erros históricos, principalmente por reforçarmos viver em uma democracia racial.

Assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente — com todos os conflitos que lhe são inerentes —, o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de modo de socialização que tem o racismo como um de seus comportamentos orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA, 2019, p. 47).

Quando falamos que o racismo é um sistema de manutenção do poder, pode ser que fique um pouco nublado o entendimento. Mas pensemos, que o racismo por ser um mecanismo complexo que atravessa questões do cotidiano e do social, também lida diretamente com a forma de economia vigente no Estado. A escravidão no Brasil é um dos exemplos de exploração de pessoas negras em prol de uma política, de uma sociedade e construção de um país, sendo a maior mão de obra daquele momento. Por isso, pensar em racismo de forma que é algo individual, atípico, é ignorar toda a história e contexto que vivemos. Silvio Almeida explica,

No final das contas, quando se limita o olhar sobre o racismo a aspectos comportamentais, deixa-se de considerar o fato de que as maiores desgraças produzidas pelo racismo foram feitas sob o abrigo da legalidade e com o apoio moral de líderes políticos, líderes religiosos e dos considerados “homens de bem”. (ALMEIDA, 2019, p. 37).

Sabendo disso, a identidade do sujeito negro é afetada por essas questões, mesmo que a auto declaração não tenha que ser feita por uma pessoa que já sofreu com o racismo, podemos perceber que a raça é inerente a discriminação, uma pessoa negra não se observa a partir de um ambiente saudável e sem preconceitos as suas diferenças, pois é muito mais que a cor da pele, para ser ainda mais compreensível, nesse trecho Almeida (2019) explica:

(...) o racismo— que se materializa como discriminação racial— é definido por seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. (ALMEIDA, 2019, p.34).

Por isso, o “despertar negro” acontece muitas vezes de forma lenta e dolorosa, pela pessoa viver sob sistema opressor que a apaga e espalha estereótipos raciais, esse poder é reforçado a partir do cultural e externa na linguagem. De acordo com Orlandi (1999), o processo do sujeito de incorporar um discurso e assim se identificar como sujeito próprio, é a partir da comunicação, pois a linguagem é uma parte fundamental da construção do ser. “Entendendo a língua como uma prática simbólica em que o homem se constitui dentro de uma sociedade e como o lugar onde se materializa o discurso, o homem deve ser sujeitado a ela e deve ser afetado por ela” (ALBANESE, 2015. p.13). Portanto, como é construída e assistida essa pessoa negra em uma sociedade onde o racismo se faz presente?

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo social ao qual pertencam. (ALMEIDA, 2019, p. 32).

Enquanto o sujeito está “sendo”, um ser cuja identidade está em constante mudança e que só pode ser definida a partir de ações e pelas outras pessoas, o racismo estrutural é um dos fatores a se considerar quando falamos de pessoas negras e suas identidades, suas autoestimas.

2.1. Racismo no Brasil

O conceito de preconceito dado por Arnold Rose, apresentado por (CARNEIRO, 2005), é “um conjunto de atitudes que provocam, favorecem ou justificam medidas de discriminação”, então seguindo essa lógica, para explicar o racismo no Brasil precisa ser feita uma retomada em sua história desde 1530 até 1888 período em que a principal força de trabalho da economia colonial era de escravos negros (BIBLIOTECA NACIONAL, 1999), que foram raptados de seu continente para servir a um país em desenvolvimento. Mesmo depois de mais de 130 anos da abolição da escravatura, a população negra ainda representa mais de 50% da força de trabalho e que ainda luta com a discriminação de sua pele.

Na história colonial do Brasil a visão sob os povos negros era estereotipada e racista, como por exemplo, os portugueses tinham uma visão de que brancos eram pessoas “limpas”, enquanto os negros eram a parte “suja”, a raça inferior. De acordo com Carneiro (2005), para os colonizadores portugueses os negros eram considerados objetos, de sangue impuro, proibido de ascenderem socialmente, exercerem cargos públicos, militares ou religiosos. Com isso, foi naturalizada a escravidão, não foi nesse processo que nasceu o racismo, mas foi no Brasil colônia que o preconceito foi naturalizado, sendo assim: “A origem do racismo não é científica, e o homem não nasce com preconceito. É política, social, ou econômica, ou como argumento para a dominação política.” (CARNEIRO, 2005, p. 9).

Todas as condições oferecidas compulsoriamente a população negra, fortalecia a visão racista para com essa etnia, sendo a escravidão naturalizada nesse período de Brasil colônia. Os escravos negros foram obrigados a conviver e sobreviver em uma cultura e vivência diferentes das suas, sendo obrigados a apagar o seu passado e todas as características que permeiam suas culturas, desde a língua à religião. A opressão foi tão naturalizada a ponto que a população negra escravizada vivia tanto na área urbana quanto na rural, relegados a serviços considerados degradantes, já que apenas aos brancos era permitido funções intelectuais.

Naquela época o principal argumento para defender a escravatura era que o sistema escravocrata auxiliava na propagação do cristianismo, já que graças a isso, seguido da conversão à religião católica, a população negra seria liberta do pecado e assim conseguindo a salvação eterna. Com o mito da pureza de sangue sendo sustentado por esse discurso cristão o sistema colonial, a linguagem aplicada a esse discurso português deixava claro quanto os negros não eram bem-vindos naquele período, forçando quem era contra esse discurso aceitar sob pressão. Como explica Carneiro (2005, p. 53), “Aqueles que não se enquadrassem no “modelo

ideal” de indivíduo eram excluídos, recebendo conforme o seu comportamento a denominação de “louco”, “herege”, “apóstata” ou “vadio”.”

No início do século XIX, o momento econômico era a próspera produção de café no país, o que demandou o aumento da mão de obra escrava, aumentou o tráfico humano e reforçou o quanto mesmo sendo ilegal a opressão contra negros seguia sendo reforçada com o passar dos anos, sendo que boa parte da população não reconhecia a abolição do sistema escravo. De acordo com Schwarcz (2012) muitos escravos negros cultivavam “afeto” aos senhores e muitas pessoas ainda tinham escravos que mesmo com o fim da escravidão continuaram os servindo, sendo no Brasil a escravidão mais vista de forma positiva que negativa.

Nesse mesmo período, a categoria “pardo” foi construída, sendo uma forma de colocar os mestiços em uma posição social, atribuindo a eles uma liberdade, sendo possível trabalhar em lugares subalternizados e funções cujos brancos não aceitavam. Pensando que na época “negro” e “preto”, eram usados para escravos e forros, e a palavra “negro” era sinônimo de “escravo” na prática, isso funcionava como uma designação social, por exemplo, “negros da terra” era os indígenas escravizados. De acordo com Speranza (2017) que cita (MATTOS,2013):

(...) em relação ao século XIX, a noção de “cor” “não designava, preferencialmente, matrizes de pigmentação ou níveis diferentes de mestiçagem, mas buscava definir lugares sociais, nos quais etnia e condição estavam indissociavelmente ligadas (MATTOS, 2013:60) (...) A mestiçagem sempre teve lugar destacado na forma como os brasileiros lidaram com a presença dos africanos e seus descendentes em seu território. (SPERANZA, 2017, p. 02).

Então, todo o processo de abolição da escravatura não começou por finalmente ver os negros como cidadãos brasileiros e sim por questões comerciais, mostrando que mesmo estando livres ainda eram vistos como uma raça inferior aos brancos. O período de tráfico humano foi extenso, foi apenas em 1854 após conflitos contra o governo, que foi aprovada a Lei Eusébio de Queiroz, que proibiu a entrada de africanos escravizados no Brasil em complemento com a Lei Nabuco de Araújo, que decretou o fim do tráfico negreiro internacional, devido a pressão da Inglaterra.

No século XIX o país estava lidando com índices altos de alforria, mesmo com o sistema escravagista em funcionamento, o que consequentemente construiu uma massa de trabalhadores libertos em paralelo a homens livres e pobres, a maioria deles descendentes de escravos, os “pardos”. Sendo assim: “O recenseamento realizado pelo governo imperial em 1872 informava

que, entre um total de 9,93 milhões de habitantes, 58% ou 5,76 milhões eram pretos ou pardos, e destes, apenas 1,51 milhões eram escravos.” (SPERANZA,2017, p.03).

As questões de raça no Brasil, nunca foram realmente vistas como uma necessidade pelo fim da opressão, sempre por questões e conflitos de poder. Como explica (HALL, 2003), a “raça” é uma construção política e social, é parte de um discurso que foi criado em torno de um sistema de poder socioeconômico, a palavra é usada de forma pejorativa com a intenção de exploração e exclusão, ou seja, o racismo.

Em 1822, quando o Brasil se torna independente de Portugal e procura se desenvolver como uma sociedade evoluída se torna uma nação diferente de Portugal, um país da mestiçagem e surge o mito da democracia racial, que apenas foi algo que colaborou para uma visão de país evoluído e desenvolvido, quando mesmo com a abolição, negros ainda eram socialmente excluídos e vivendo em uma situação paralela ao que a coroa queria passar do Brasil da época, como explica Muniz Sodré,

O abolicionismo da elite branca fazia o trânsito histórico do racismo de dominação para o de exclusão: o homem concreto, o povo, seria socialmente discriminado, excluído, mas formalmente realocado num padrão culto de inspiração europeia. (SODRÉ, 1999, p.79).

Sendo assim, mesmo com o sistema escravocrata não existindo mais, foram mais de três séculos de opressão e silenciamento da história e cultura negra no Brasil, na época foi difícil a adaptação da população negra já que mesmo libertos das senzalas, não lhes foi oferecido nada que fosse concreto para se restabelecerem profissionalmente, continuando a sofrer com o racismo.

Foi nessa mesma época, pós abolição da escravatura e a Proclamação da República que foi instituída a ideologia da mestiçagem, cujo maior objetivo era branquear a população brasileira. O racismo no período do Brasil colônia era uma ferramenta de manutenção do poder, a economia e a sociedade evoluída vinham na visão eurocentrista com a opressão da população negra, como explica Carneiro:

Tanto o racismo tradicional como o moderno serviram aos interesses econômicos e políticos das grandes potências colonizadoras interessadas em subjugar certos segmentos populacionais da América, Ásia e África. Podemos considerar que os argumentos que sustentavam o racismo tradicional garantiam aos cristãos-velhos, por tradição (e muitas vezes “inventada”, títulos de honra e nobreza, posse de terras e cargos; [...] (CARNEIRO, 2005, p 13).

Sendo o racismo tradicional o que era presente na época, o que pregava o mito da pureza de sangue, a superioridade intelectual da época, o racismo era mais uma das ferramentas de dominação da população. É possível perceber que esse pensamento demorou a ser apagado na sociedade, como era pregado que pessoas negras tinham sangue impuro, foi então que iniciou uma forte propaganda para incentivar imigrantes europeus a vir povoar o Brasil, como explica a citação:

Uma prova desta conjuntura é que após abolição o estado começou a promover uma deliberada política de exclusão, marginalização e estigmatização, com o incentivo a imigração de pessoas de origem europeia, com a justificativa a suposta ideologia de superioridade da “raça” branca, incentivada pelo racismo científico da época. (SOUSA, 2019, p. 27).

Sendo assim, o racismo no país era uma questão institucional, totalmente incentivada e propagada por governantes, a população negra não se sentia representada ou bem-vinda no país.

O racismo é uma discriminação histórica, que na época era escancarado, mesmo que não admitida, já que era “comprovado” cientificamente que a raça negra tinha diferenças em comparação aos brancos, esse argumento alinhava-se erroneamente à teoria da evolução de Darwin. De acordo com essa interpretação equivocada do pensamento de Darwin, com a miscigenação a raça negra seria extinta. Esse era o racismo científico, que surgiu na Europa por volta do século XVII, aceito pelos brasileiros entre 1889 e 1974. Com a superioridade da cor, da cultura e sangue limpo, as teorias de branqueamento eram uma salvação para a nação Brasileira que procurava prosperar depois da Proclamação da República, sendo assim, “chegando no Brasil e criando um argumento para não reconhecer os direitos da população negra e escondendo toda discriminação racial do país, que reverbera por longos anos em todas as instâncias da sociedade, mesmo com a resistência histórica da população negra.” (SOUSA, p. 27, 2019).

Com isso, a população negra brasileira sofreu por mais de 500 anos com opressão, que por consequência segue sendo um reflexo da sociedade atual, que mesmo o racismo sendo criminalizado por lei no país, ainda a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil⁹, os negros ainda são a minoria no ensino superior e mesmo sendo a maior parte da população brasileira por séculos, ainda não sabemos suas origens e as histórias de seus ancestrais, que por serem raptados e forçados a viver em um regime escravagista nunca foram lembrados de forma

⁹Dados da ONU: ><https://brasil.un.org/pt-br/78284-racismo-cada-23-minutos-um-jovem-negro-e-assassinado-no-brasil><

individual, se tornaram apenas parte da história classificados como “escravos” e não reconhecidos como pessoas.

2.2. Rio Grande do Sul e negritude

O estado do Rio Grande do Sul assim como todo o Brasil, foi construído e desenvolvido com base na força de trabalho de negros escravizados, a diferença é que aqui predominou uma cultura de embranquecimento que até hoje traz reflexos. Chimamanda Ngozi Adichie (2019) explica no seu livro “O perigo da história única” o quão prejudicial é espalhar apenas uma história como base de um lugar, e isso acontece nesse estado. Nas palavras da autora “A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas” (ADICHIE, 2019, p.27). Foi divulgada e compartilhada por anos a ideia de que o Rio Grande do Sul é um lugar onde só há pessoas brancas, que são educadas, de olhos azuis e loiras. E como esse pensamento se criou?

A fortuna do Rio Grande do Sul se desenvolveu no período colonial, com a mão de obra escrava. Segundo Osório (2000) os mais afortunados entre 1780 a 1807 eram os comerciantes, que atuavam também nas charqueadas; os estancieiros que se dedicavam a agropecuária e os comerciantes lavradores, que trabalhavam tanto na área rural quanto com a posse de imóveis na área urbana. Todos tinham trabalhos formais, mas a maior forma de controle de uma hierarquia social era pela propriedade de escravos.

De acordo com dados expostos por Osório (2000), a partir de uma análise de 367 inventários do *post-mortem* 1765-1825 do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, 75% dos proprietários de escravos no meio rural do estado possuíam nove escravos, em situação de cativo e vivendo em até 50 escravos por ambiente. Essa proporção de proprietários de escravos é semelhante à do estado do Rio de Janeiro, mas a situação de “distribuição” desses escravos por pessoas era maior no RS. O número de escravos eram proporcionais ao número de cabeças de gados que cada proprietário possuía. Sendo assim,

Os grandes proprietários de escravos do Rio Grande presentes na amostra são os charqueadores, que detém em média 40 escravos, variando suas posses entre 15 e 68 cativos. Na Bahia, os senhores de engenho tinham, em média, 66 escravos, número bem superior ao dos charqueadores. Já nos distritos baianos do Recôncavo dedicados ao cultivo da mandioca, o número médio de escravos por proprietário era de 4,5 - quantidade também significativamente superior aos 3,3 escravos dos pastores lavradores sulinos. (OSÓRIO, 2000, p.06).

É possível perceber a discrepância dos dados apresentados pela autora, a escravidão era de fácil acesso, barata e a consequência era a vantagem econômica para o estado. Essa situação só foi encerrada com os dados expostos no subtítulo 2.1 deste trabalho, que mostram o quanto a população negra “livre” cresceu em meados do século XIX e se modificou para “pardos”, na época o contexto de miscigenação e tráfico ilegal de escravos atingiu o Rio Grande do Sul. Foi nesse mesmo século que as teorias raciais chegaram ao Brasil, tornando inevitável a abolição da escravidão, já que o país estava se tornando negro, acreditando a partir de embasamento científico que a miscigenação estava enfraquecendo o sangue puro, mas quando traduzida e incorporada no país, a solução que os estudiosos brasileiros encontraram era de reforçar a mistura de raças para que o país se tornasse cada vez mais branco. Schwarcz explica:

Fazendo-se um casamento entre modelos evolucionistas (que acreditavam que a humanidade passava por etapas diferentes de desenvolvimento) e o darwinismo social (que negava qualquer futuro na miscigenação racial) — arranjo esse que, em outros contextos, acabaria em separação litigiosa—, no Brasil as teorias ajudaram a explicar a desigualdade como inferioridade, mas também apostaram na miscigenação positiva, contanto que o resultado fosse cada vez mais branco. (SCHWARCZ, 2012, p.39).

Então, após a abolição da escravatura foi massivamente divulgada a cultura do embranquecimento, foi incentivado a imigração europeia com o objetivo de instaurar a miscigenação positiva, ou seja, embranquecer uma população majoritariamente negra. Seguindo essa linha, uma das regiões afetadas com maior imigração, foi o estado do Rio Grande do Sul, o extremo sul do país.

De acordo com Speranza (2017), a imigração no estado teve característica de povoamento, com distribuição de terras a famílias europeias, diferente do que ocorreu no Sudeste, onde buscavam predominantemente a substituição do braço escravo na lavoura. “Além disso, a imigração no Rio Grande do Sul começou em momento bem anterior à abolição da escravidão, ainda na segunda década do século XIX, com a vinda de colonos alemães, seguidos posteriormente por italianos e outras nacionalidades.” (SPERANZA, 2017, p. 10).

Então, no fim do século XIX esses imigrantes acabaram por acumular capital, através do comércio e de suas produções agrícolas, podendo investir em indústria e assim estabelecendo suas famílias no estado, isso favoreceu a perpetuar o sistema de hierarquia social, dividido por raças e posteriormente criando a história única do Rio Grande do Sul.

Um dos exemplos de resistência e força são os Quilombos, que são comunidades descendentes e remanescentes de grupos formados por pessoas escravizadas fugitivas, entre o século XVI e o XIX, em 1888. Essas comunidades estão presentes em todo o território brasileiro

e hoje têm o direito às terras tradicionais, sendo reconhecido na legislação nacional. Porto Alegre possui o registro de 146 comunidades quilombolas, urbanas e rurais¹⁰.

Essas comunidades são importantes na construção da identidade desses povos, de pessoas racializadas no Brasil e no Rio Grande do Sul, que ainda perpetua essa história única e deixa o ambiente um tanto quanto desigual. De acordo com Sodré (2015), o conceito de comunidade era debatido e repudiado pelos iluministas, que acreditavam que esse senso de se incluir em grupos, se isolar de outras pessoas, tirava a individualidade do ser humano, mas como a construção de sujeito depende também do reconhecimento enquanto grupo, esse pensamento é criticável. No século XIX, a ideia de comunidade retorna em uma outra perspectiva, trazida por uma imigração europeia, seja criando associações, como sindicatos, cooperativas, movimentos revolucionários, entre outros. Sendo assim, “Comunidade deixa (...) de ser um fato real ou histórico, para converter-se no horizonte simbólico de relações definidas por vínculos afetivos profundos, que implicam um compromisso ético com um projeto existencial político.” (SODRÉ, 2015, p. 234).

O estado tem uma população de 81,5% de brancos, isso sendo um reflexo de toda a história de imigração, mas de acordo com dados de 2016 do IBGE, naquele ano indicava uma crescente na proporção de pardos e pretos, de 16,2% para 18,2% de aumento entre 2012 e 2016, sendo que somente em Porto Alegre eram 285 mil negros, ou seja, 24,18% dos habitantes da cidade.

Assim como a população negra cresce no estado, o racismo se tornando mais explícito, dados de 2018 mostram que o Rio Grande do Sul é o estado que lidera no país os registros de injúria racial¹¹. A injúria de acordo com a Lei 7716/1989 é a ofensa direcionada a uma pessoa com referência a sua etnia, cor, religião ou origem.

Mesmo com a população negra sendo minoria no estado e continuando a sofrer com um racismo histórico e estrutural, o movimento negro no Rio Grande do Sul é reconhecido pelo país, evidenciado pela força de criar e transformar o dia 20 de novembro. Em 1971, o Grupo Palmares de Porto Alegre fez um ato evocativo à resistência negra na noite do dia 20 de novembro no Clube Social Negro “Marcílio Dias”. O evento vinha para contrapor o 13 de maio

¹⁰ Dados retirados do Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul: > [¹¹ Dados retirados: > \[26\]\(https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2019/09/rio-grande-do-sul-e-o-estado-com-mais-casos-de-injuria-racial-no-brasil-segundo-anuario-de-seguranca-publica-ck0ebuwey00k001tgwseesdpx.html<”<</p></div><div data-bbox=\)](https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/comunidades-quilombolas#:~:text=O%20Rio%20Grande%20do%20Sul%20possui%20146%20comunidades%20quilombolas%20identificadas, encontram%20em%20fase%20de%20regulariza%C3%A7%C3%A3o.< Acesso em: 04 de março de 2021.</p></div><div data-bbox=)

de 1888, dia no qual a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, abolindo a escravidão e sendo um dia histórico para o Brasil, mas não é considerado um símbolo de liberdade pelos movimentos negros do país. Na noite do evento valorizava-se o herói negro Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares. Um dos principais nomes desse movimento foi Oliveira Silveira, um professor e poeta, nascido em 1941 na fronteira oeste do estado, na cidade de Rosário do Sul.

O ativista Oliveira Silveira, junto ao Grupo Palmares, no ano de 2003 foram os responsáveis por reivindicar e oficializar o Dia da Consciência Negra no Brasil, através da Lei 10.639, que inclui a história da África Negra e das Culturas Afro-Brasileiras no ensino básico, técnico e superior do país¹².

A história do 20 de novembro é uma das histórias do Rio Grande do Sul que não é contada, que poucas pessoas sabem e não faz parte da narrativa desse estado. Sendo que no ano da finalização deste trabalho, 2021, fazem 50 anos da primeira vez que se comemorou oficialmente a data como o Dia da Consciência Negra no Brasil. A identidade de uma população é feita desse resgate, se esse grupo social não se reconhece no estado em que nasceu e vive, como que essa identidade é construída? Sabemos que a construção do sujeito é até a forma que ele vive e compreende como é recebido em todos os ambientes sociais, a identidade é afetada por isso.

Quando Chimamanda explica que a história única rouba a dignidade das pessoas, podemos perceber isso quando injustiças escancaradas acontecem, como o caso de João Alberto, homem negro que foi espancado até a morte pelos seguranças do supermercado Carrefour, na capital gaúcha, as vésperas do Dia da Consciência Negra¹³. No primeiro momento, o caso foi noticiado pela GZH Digital, um dos principais veículos de informação do estado, sem dizer o nome da marca do supermercado e sem usar a palavra assassinato, mesmo com as imagens gravadas pela esposa da vítima.

Abaixo (FIGURA 1) com um print da publicação, podemos perceber que não é apontado o nome do supermercado e nem mesmo a cor da pele da vítima, reforçando uma expressão da democracia racial que fundamenta o preconceito velado existente no país. No mesmo dia a reportagem de capa da edição de 20 de novembro de 2020 (FIGURA 2), expressa diretamente o sistema de racismo estrutural, dá destaque para a superação do preconceito através de histórias

¹² Informações retiradas do site da UFRGS: ><https://www.ufrgs.br/oliveirasilveira/><

¹³Reportagem: Homem negro morre após ser espancado em supermercado de Porto Alegre: >
<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/11/20/video-mostra-homem-sendo-e-espancado-por-seguranças-do-carrefour-no-rs.htm><

de atletas negros, o que de algum modo explicita a exceção das narrativas apresentadas na matéria de capa.

FIGURA 1: Post no Instagram- GZH Digital do dia 20/11/20.



Fonte: Perfil GZH no Instagram

FIGURA 2: Capa de ZH - versão impressa e digital 20/11/2020



MARTA SFREDO

Quais são as candidatas à compra da Refap | 19



GIANE GUERRA

Complexo logístico de R\$ 28 milhões será erguido na RS-118 | 20

Votação da pandemia tem 72% de prefeitos reeleitos no Estado

Dos 290 que tentaram permanecer, 209 conseguiram o aval das urnas. Dois casos ainda analisados pela Justiça Eleitoral e três disputas de 2º turno podem aumentar a lista. O PP é a sigla com maior número de reconduzidos. Dificuldade de fazer campanha e embate local contra o vírus pesaram a favor de atuais gestores. | 12



SALTO SOBRE O PRECONCEITO

No Dia da Consciência Negra, Zero Hora mostra a história de cinco homens e três mulheres que superaram barreiras impostas pelo racismo estrutural e se tornaram atletas, como é o caso de Samory Uiki, 23 anos, da equipe de atletismo da Sogipa. | 33 a 37

COM 120 MIL DOSES, PRIMEIRO LOTE DA CHINESA CORONAVAC CHEGA A SÃO PAULO

O material foi desembarcado, mas, como ainda está em teste, não tem aval da Anvisa para ser utilizado. | 27

VEREADORES NEGROS ELEITOS NA CAPITAL PLANEJAM TRABALHAR PROJETOS EM CONJUNTO

Bancada vai focar em mobilidade, moradia, educação, casas de acolhimento e investimento em cultura. | 14

COMO A POLÍCIA CHEGOU À MULHER QUE ESCONDEU CORPO DO MARIDO EM CASA

Ossada achada na residência onde vivia Jonathan de Almeida, 37 anos, que sumiu em dezembro de 2016, passa por perícia. | 28

4saquesgratis.com.br

Independente de qual for o seu banco*, aqui você tem

4 SAQUES GRÁTIS

TODO MÊS

Resolução do Banco Central 3919/2010

É só achar um Banco24Horas e pronto! 1, 2, 3 e... 4 saques grátis para você.

Banco24Horas

por você

*Consulte seu banco. VerCapa

Fonte: Capa Zero Hora com intervenção da autora

A Zero Hora descreve na matéria de capa o racismo estrutural, mostrando homens e mulheres que superaram as barreiras do sistema de opressão, mas no dia anterior, publica uma

reportagem que mesmo com vídeo no supermercado, não cita o nome da marca e nem mesmo aponta a motivação do crime e não aponta o assassinato e sim “homem morre”.

De acordo com Almeida (2019), o racismo no Brasil é expresso de várias maneiras, ancorado por uma instituição e estrutura social. Não falamos sobre raça e nem falamos sobre o crime de racismo, principalmente pela visão de vivermos em democracia racial, então como questionar o responsável pelo crime cometido por seguranças que prestavam serviço para a multinacional, quando instituições de jornalismo também reforçam com uma semântica evasiva? Como o uso de “morre” e não é “assassinado”, ou ao não explicitar que a vítima se tratava de um homem negro.

No dia 20 de novembro de 2020, mais tarde naquele dia, a abordagem da GZH Digital no Instagram, no site e no print mudam, trazendo então um debate com os funcionários negros da empresa e convidados especiais, para posteriormente na superedição de final de semana estampar esse reposicionamento na edição do dia 21 de novembro. Por isso, na Figura 3 percebemos que eles já apontam a cor da pele e o nome do supermercado. Na Figura 4, o perfil posta sobre a repercussão do caso e então, aparece a palavra “assassinato”, e mais uma vez a raça de João Alberto Freitas. A ideia não é apontar o dedo para veículo A ou B, mas apresentar exemplos do longo caminho a ser trilhado no sentido de romper com o racismo estrutural que se instalou no Brasil e mais especificamente no estado do Rio Grande do Sul.

FIGURA 3: Segundo post no Instagram- GZH Digital do dia 20/11/20



Fonte: Perfil GZH no Instagram

FIGURA 4: Terceiro post no Instagram- GZH Digital do dia 20/11/20



Fonte: Perfil GZH no Instagram

A mudança de postura da reportagem da GZH Digital, mostra quanto a repercussão do assunto levou a instituição a explicitar o crime de racismo. Percebemos que a abordagem muda, quando a edição especial do dia 21 de novembro é lançada (Figura 5), expondo então pontos de vista sobre o caso, mas com pessoas negras falando, e ainda com a carta da editora de Zero Hora, mencionando explicitamente o racismo estrutural. (Figura 6).

FIGURA 5: Capa de ZH - versão impressa e digital 21/11/2020

PAULO CÉSAR TINGA
O racismo não se resolve com a indignação pontual a um episódio | 8

LILIANE PEREIRA
O problema do Brasil é que os negros nascem odiados por milhões | 18

KAREN SANTOS
A violência da escravidão perdura de forma bárbara | 20

MAURÍCIO SANTANA
Temos de ter medidas concretas para que não se repita | 21

SÁBADO/DOMINGO, 21 E 22 NOVEMBRO 2020 – PORTO ALEGRE – ANO 57 Nº 19.874 – R\$ 8,00 – Produto R\$ 7,70 | Pis e Cofins R\$ 0,30 – SC/PR: R\$ 8,50 | DEMAIS ESTADOS: R\$ 12,00



ZH
ZERO HORA

Na tarde de sexta, milhares de pessoas participaram de protesto em frente ao local onde ocorreu o crime. À noite, a manifestação pacífica se transformou em confronto entre um pequeno grupo e a Brigada.



Assassinato de homem negro na Capital provoca atos e reacende debate sobre racismo

João Alberto Freitas, 40 anos, pai de quatro filhos, foi espancado por seguranças no Carrefour do Passo D'Areia. Agressores alegam briga, mas vídeos não comprovam a versão. Após apanhar, vítima morreu por asfixia, pedindo para respirar. Protestos cobrando justiça se espalham pelo país.
| 10 a 18 e 24

LÍDERES E ENTIDADES CONDENAM CENAS BRUTAS; MOURÃO NEGA DISCRIMINAÇÃO
Políticos, organizações sociais e personalidades apontaram crime racial. Vice-presidente disse que o Brasil não é como os Estados Unidos.

PM TEMPORÁRIO E SEGURANÇA DO MERCADO SÃO PRESOS PELA MORTE
Giovane Gaspar da Silva está na BM desde 2018. Magno Braz Borges atua na empresa Vector. Ambos respondem por homicídio triplamente qualificado.



VEJA NAS PÁGINAS 2 E 3.

Fonte: Jornal Zero Hora

FIGURA 6: Carta da Editora – ZH impressa e digital edição de 21/11/2020

ZERO HORA, SÁBADO E DOMINGO, 21 E 22 DE NOVEMBRO DE 2020
6



CARTA DA EDITORA
DIONE KUHN
dione.kuhn@zerohora.com.br

Um dia de mobilização

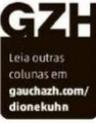
Desde quinta-feira à noite, quando chegaram as primeiras informações de que um homem negro, que fazia compras no Carrefour da zona norte da Capital, havia sido morto por vigilantes do supermercado, sabíamos que não estávamos diante de mais um caso policial dos que estamos acostumados a presenciar. Não se tratava de homicídio provocado por guerra de facções, de um latrocínio ou de um desentendimento entre clientes que levou um deles à morte. O caso – ocorrido na véspera do Dia da Consciência Negra – precisava ser visto por um outro ângulo. Não havia como desvinculá-lo de um problema secular do país: o racismo estrutural.

As autoridades policiais compete a decisão sobre em qual ou quais tipos de crime os dois agressores serão enquadrados e pelos quais responderão perante a Justiça. A nós, jornalistas, compete acompanhar o desenrolar do caso e abrir o debate. Jamais saberemos se João Alberto Freitas foi espancado por ser negro (a não ser que os próprios agressores admitam), mas as estatísticas no país nos mostram que negros são a maioria das vítimas de episódios como o de quinta-feira.

Canalizamos todos os esforços da Redação Integrada de ZH, GZH, Rádio Gaúcha e Diário Gaúcho para ouvir os familiares de Beto Freitas e testemunhas oculares da cena, acompanhar as investigações da polícia, ouvir especialistas e autoridades e, principalmente, dar vozes a cidadãos negros.

Nesta edição, além da cobertura completa do que fizemos ao longo da sexta-feira, os colunistas Tullio Milman, Paulo Germano, Rosane de Oliveira, Marta Sfredo, Giane Guerra, Pedro Ernesto Denardin, Diogo Olivier, Leonardo Oliveira e Maurício Saraiva abriram espaços em suas colunas para que personalidades negras de diferentes áreas de atuação (esportivas, culturais, políticas, econômicas) contribuíssem com reflexões sobre a morte de Beto.

É também obrigação do jornalismo retirar das sombras chagas que insistem em sobreviver em pleno século 21.



Leia outras colunas em gauchazh.com/dionekuhn

GILMAR FRAGA
gilmar.fraga@zerohora.com.br

CAVALARIA NEGACIONISTA...



CHAMOU ATENÇÃO

Bombeiros formam 84 soldados

FRANCINE SILVA
francine.silva@rdgaucha.com.br

O Corpo de Bombeiros Militar do Rio Grande do Sul (CBMRS) formou 84 novos soldados na manhã da sexta-feira. Com a presença do governador Eduardo Leite, a cerimônia, realizada no Ginásio Gigantinho, também foi marcada por discursos sobre a importância do Dia da Consciência Negra e por manifestações de solidariedade aos familiares de João Alberto Silveira Freitas, 40 anos, homem negro morto em uma loja do supermercado Carrefour, no bairro Passo D'Areia, na zona norte de Porto Alegre.

De acordo com o governo gaúcho, os novos soldados irão reforçar os batalhões de 27 cidades, incluindo Porto Alegre, São Leopoldo, Rio Grande, Caxias do Sul, Passo Fundo e Canoas. Entre os critérios para lotação estão a manutenção de um efetivo mínimo de 20 bombeiros militares por batalhão, além de reforço operacional e na prevenção de incêndios em grandes centros, como Porto Alegre e Canoas.

– Estamos trabalhando para oferecer a melhor estrutura física, material, equipamentos e viaturas para o atendimento das funções do Corpo de Bombeiros – afirmou o governador.

A turma de novos soldados integra o cronograma de reposição responsável de efetivo da Segurança Pública e Administração Penitenciária, lançado pelo governo do Estado em novembro de 2019. Ainda estão previstos dois chamamentos em 2021 para o cargo de soldado do CBMRS, totalizando as 301 vagas abertas.

Conforme o Corpo de Bombeiros, o edital de chamamento foi publicado em fevereiro deste ano. Os trâmites que antecedem o início do curso, porém, foram paralisados em 19 de março, como medida de prevenção contra a disseminação do coronavírus. Os alunos-soldados foram convocados para ingressar no curso de formação em abril, quando já estavam estabelecidos todos os protocolos sanitários para manter o cronograma de chamamento com segurança, evitando o contágio pela covid-19.



EFERSON BOTICA



EDITORES

Capa Diego Araujo diego.araujo@zerohora.com.br
Notícias Leandro Fontoura leandro.fontoura@zerohora.com.br
Comportamento e Cultura Patrícia Rocha patricia.rocha@zerohora.com.br
Jornada Esportiva Felipe Bortolanza felipe.bortolanza@zerohora.com.br
Opinião Tullio Milman tullio.milman@gruporbs.com.br
Imagem Milena Schoeller milena.schoeller@gruporbs.com.br

Todas as informações que publicamos são cheçadas pelos nossos repórteres e revisadas pelos editores, mas, se você encontrar algum erro ou impressão nas páginas do jornal, por favor, nos comunique pelo e-mail leitor@zerohora.com.br. Nós fazemos questão de corrigir. E, se você tiver sugestão de reportagem, envie pelo mesmo endereço eletrônico.

Fonte: Carta da editora Zero Hora com intervenção da autora

Essas são análises que abordaremos nos próximos capítulos, mas podemos perceber que o Rio Grande do Sul permanece conhecido por sua história única por influência do racismo estrutural. Esse sistema reflete nos meios de comunicação do estado e como Chimamanda fala, tira a dignidade de um povo. Quando não falamos sobre racismo e não consideramos o debate racial em crimes como o de João Alberto Freitas, negamos a opressão e o sistema de poder que se estabelece sobre uma população.

2.3. Mercado de trabalho e representação

No livro “A Condição Humana”, de Hanna Arendt, explica um pouco como é a relação do ser humano com o “fazer”, com o labor, o quanto o fazer e a ação de fazer está ligada a identidade do *homo faber*, que seria o sujeito cujo principal objetivo é produzir manualmente artefatos, ou ser o próprio produto. Então, de acordo com a autora, a identidade do indivíduo está “sendo” e só é compreendida quando está em ação, fabricando ou servindo a um trabalho.

Após uma análise de Hanna Arendt em outros autores da sociologia e filosofia, a autora compreende que a sociedade é um mercado de trocas, trocas de valores, sendo ele o dinheiro que gira a partir da mão invisível de Adam Smith, ou com a troca de serviços e tempo de trabalhadores explorados como Karl Marx aponta. Sendo assim, foi se criando um significado de dignidade que o ser humano quer atingir, só se é digno se está dando algo ao mercado, não só fazendo-o circular, mas se tornando uma peça desse processo. A autora explica:

A suposição de que a identidade de uma pessoa transcende em grandeza e importância, tudo que ela possa fazer ou produzir é elemento indispensável da dignidade humana. Que os médicos e doceiros e criados das grandes mansões sejam julgados pelo que fizeram ou mesmo pelo o que pretenderam fazer; os grandes só podem ser julgados pelo que são. Só os vulgares consentirão em atribuir sua dignidade ao que fizeram; em virtude dessa condescendência, serão < escravos e prisioneiros > (*sic*) de suas próprias faculdades e descobrirão, caso lhes reste algo mais que mera vaidade estulta, que ser escravo e prisioneiro de si mesmo é tão ou mais amargo e humilhante que ser escravo de outrem. (ARENDR, 2007, p. 223).

A finalização do pensamento da autora sobre os escravos de si mesmo nos parece equivocada, já que acreditamos que não há nada mais humilhante do que ser tratado como objeto por outro ser humano e ainda não estar “sendo” nada, já que nem digno de “ser” é permitido, principalmente quando apagam sua história e seu próprio nome. Quando pensamos em identidade, todo o processo de construção é feito de história, língua e cultura, quando falamos da população negra brasileira, ela foi afetada por mais de 500 anos de subalternidade e poucas oportunidades de trabalho após a escravidão, tendo que servir sem ganhar nada ou sendo

delegadas a funções cujos brancos não desempenhavam. As diferenças sociais e raciais são fatores de identificação, sendo assim:

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente (*sic*) situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente (*sic*) situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (HALL; WOODWARD, 2000, p.81).

Então, está no cerne da sociedade a identidade como parte inerente do fazer, principalmente aos grupos sociais marginalizados. E quem são essas pessoas no Brasil? De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dados de 2019 mostram que no país 13,5 milhões de pessoas vivem em extrema pobreza, sendo que 10,1 milhões declaram-se de cor preta ou parda, esses números são da pesquisa “Desigualdades Sociais da Cor ou Raça no Brasil”¹⁴. Ainda nesse estudo foi exposto a taxa de desocupação, um dos principais indicadores do mercado de trabalho, sendo de 9,3% para brancos e 13,6% de pretos e pardos. A desigualdade expressa nos números não para por aí, a investigação ainda acentua que a população ocupada de cor ou raça branca ganhava em média 73,4% a mais do que a preta ou parda.

Esses dados demonstram o quanto o racismo é um sistema estrutural, explicitando que as condições econômicas da população são afetadas pela raça, sendo um fator de desigualdade histórica, que mesmo após inúmeras políticas públicas ainda se observa. O Brasil mesmo após a abolição e a Constituição Republicana ainda falha com os mais de 55% da população. Silvio Almeida explica a partir de pesquisas como isso acontece:

Para Myrdal a situação da população negra pelo o que denomina de *causas acumulativas*. Um exemplo: se pessoas negras são discriminadas no acesso à educação, é provável que tenham menos contato com informações sobre cuidados com a saúde, a população negra terá mais dificuldade não apenas para conseguir um trabalho, mas para permanecer nele. Além disso, a pobreza, a pouca educação formal e a falta de cuidados médicos ajuda a reforçar estereótipos racistas, como a esdruxula ideia de que negros têm pouca propensão para trabalhos intelectuais, completando-se assim um circuito em que a discriminação gera ainda mais discriminação. (ALMEIDA, 2019, p.157).

¹⁴ Dados da pesquisa “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil” IBGE: >
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf<

Sendo assim, podemos perceber o quanto o sistema de racismo é muito bem articulado, e como já mencionado antes, tem ligação direta com a política e economia do Estado. O Brasil aboliu a escravidão, mas sempre crendo que o país se tornaria branco em algum momento, não dando suporte a população negra, permanecendo a base da pirâmide social, lugar que nunca saiu de fato, principalmente por ser a maior mão de obra brasileira e ainda contando com as teorias de raça, toda a divisão e debates raciais sempre foi feito para excluir grupos socialmente e economicamente.

De acordo com Silvio Almeida, considerando todo o histórico de Brasil-Colônia e até mesmo após a independência e a instituição da República, o país caminhou por um longo caminho que estruturou o racismo como parte do imaginário nacional. Com mitos de “pureza de raça” até a propaganda “democracia racial”, fez com que todos os âmbitos fossem atingidos com o preconceito, “A unidade nacional foi constituída a partir do racismo e não apesar dele” (ALMEIDA, 2019, p.107). Então, é comum perceber que em um ambiente como um escritório de advocacia, por exemplo, nem 1% dos advogados são negros, mas quando percebemos a equipe de limpeza, encontramos trabalhadores negros em um percentual bem maior.

De acordo com Speranza (2017) a Carteira Profissional foi instituída no Brasil durante a era Vargas, na gestão de Joaquim Pedro Salgado Filho, entre os anos de 1932 a 1934, sendo o substituto de Lindolfo Collor no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Nesse período de Salgado Filho, muitas coisas foram sendo desenvolvidas, definição de carga horária de trabalho, nova lei de férias, trabalho feminino, trabalho infantil, entre outras. Então, quando o documento foi oficializado a partir do Decreto 21.175, de outubro de 1932, se tornando papel obrigatório para os operários brasileiros, mas estabelecia que as carteiras deveriam conter foto do trabalhador, bem como “características físicas e impressões digitais” (art. 2, paragrafo 3). A autora explica:

As legislações não informavam expressamente quais as “características físicas” seriam coletadas do trabalhador. No entanto, as fichas de qualificação nas décadas de 30 e 40 estabeleciam uma série de itens: sexo, altura, cor, cabelo, existência ou não de barba ou bigodes, olhos e sinais particulares. (SPERANZA, 2017, p. 15).

Sendo assim, o fator raça não era considerado na Carteira Profissional, deixando a responsabilidade do empregador decidir contratar a partir do documento, que era preenchido a mão pelo identificador, que, a partir da análise de Speranza, tinha liberdade para escrever o que interpretasse. De acordo com a autora o item raça tinha 17 formas de classificar os indivíduos

a partir da cor, além de branco/branca, pardo/parda e preto/preta, tinha também “moreno escuro”, “Escuro”, “Branco Preto”, “Crespo”, “Loiro”, entre outros. Isso já mostrava que a definição raça, etnia, era um conceito muito subjetivo e até dúbio, em um país que vivia uma miscigenação “um festival de cores” como muitos autores na época descreviam.

Esses dados tornavam mais fácil para identificar a população ocupada e fazer o censo brasileiro, que em 1940 no Rio Grande do Sul registrou uma população branca superior à média nacional, de 89% contra 63,47% no restante do país, a autora explica o porquê dessa discrepância:

Tais números são semelhantes aos encontrados na amostra de fichas para obtenção da carteira profissional entre 1933 e 1945 no estado (85% de brancos). Entre as fichas dos 42.169 trabalhadores nascidos no Brasil, a porcentagem é ligeiramente inferior (35.432 ou 84%), enquanto em relação aos 3.317 estrangeiros representa quase a totalidade (3.243 ou 97,7%). Os trabalhadores imigrantes que buscaram carteiras de trabalho eram oriundos de diversos países: Alemanha, Polônia, Portugal, Itália, Uruguai, Rússia, Espanha, Romênia, Áustria, Argentina, Lituânia, Síria, Suíça, França, Holanda, Inglaterra, Tchecoslováquia, Líbano, Hungria, Suíça, Suécia, entre outros. (SPERANZA, 2017, p. 116).

Foi a partir de 1968 que surgiram as primeiras iniciativas de políticas públicas¹⁵ para combater a pobreza e esses dados, as medidas só se desenvolveram a partir de lutas de movimentos sociais pedindo uma postura positiva do Poder Público em relação a questões de nação, gênero e etnia. O debate iniciou naquele ano, com inúmeras tentativas de criação de leis que exigissem que os empresários destinassem uma parcela mínima de suas vagas de emprego a trabalhadores de afro-descendência, mas nenhuma foi formulada até o ano de 1980, como forma de combater a discriminação e compensar todos os anos de exclusão histórica. No primeiro momento, estabeleceu-se: reserva de 20% de vagas para mulheres negras e 20% para homens negros na seleção de candidatos ao serviço público, bolsa de estudos, incentivos às empresas do setor privado.

As ações afirmativas existem até hoje, muito mais desenvolvida a partir da Lei 12.288/2010¹⁶, conhecida como o Estatuto da Igualdade Racial, que prevê a igualdade de oportunidades, direitos étnicos individuais e neste documento, o Estado se compromete a

¹⁵ Dados em: > <https://acoes-afirmativas.ufsc.br/historico-das-acoes-afirmativas/#:~:text=Em%201988%20atrav%C3%AAs%20da%20abertura,da%20pol%C3%ADtica%20de%20a%C3%A7%C3%B5es%20afirmativas.<> Acesso em: 27 de fevereiro de 2021.

¹⁶ Lei 12.288/2010: ><https://www.jusbrasil.com.br/topicos/23570781/artigo-1-da-lei-n-12288-de-20-de-julho-de-2010>< Acesso em: 27 de fevereiro de 2021.

combater a discriminação racial. As cotas raciais são uma das modalidades dessa lei, que promove e compensa grupos étnicos.

Uma das provas que ações afirmativas são efetivas, são o número de matrículas de estudantes negros e pardos nas universidades públicas no Brasil, de acordo com o IBGE, em 2018 passou a representar 50,3% pela primeira vez no país. Mesmo que esse dado não seja sinônimo de que a situação de pessoas negras desempregadas no país esteja corrigida, reforça que se empresas não têm pessoas negras, em um número considerável, precisam tomar iniciativas de inclusão, mesmo que a lei garanta vagas, é preciso que tenha incentivo dentro do mercado e dos ambientes de trabalho, formação, grupos de acolhimento, todas estas iniciativas reforçam o quanto a empresa está lutando para que o ambiente seja mais o espelho da população brasileira, que é de maioria negra.

A questão da diversidade é essa, se ver em ambientes e cargos que almeja, principalmente pelo processo de identidade estar ligado à representatividade. O olhar para o outro faz com que compreendamos que há uma relação de poder, que raça e etnia são conceitos diferentes, porque um deles estigmatiza e restringe grupos sociais. Raça foi criado para isso, identificar “purezas de sangue”, e como Hall e Woodward (2000) explicam, o conflito traz a indagação e a compreensão de que tem grupos que têm privilégios sociais, simbólicos e concretos.

A representatividade desenvolve a identidade de sujeito, mas ela não deve ser a única forma de combater a desigualdade no mercado de trabalho, principalmente porque as instituições são reprodutoras do racismo estrutural, respaldado pelo Estado. A única forma de enfrentar esse sistema é criando iniciativas antirracistas efetivas, como explica Silvio Almeida:

(...) Ainda que essencial, a mera presença de pessoas negras e outras minorias em espaços de poder e decisão não significa que deixará de atuar de forma racista. A ação dos indivíduos é orientada, e muitas vezes, só é possível por meio de instituições, sempre tendo como pano de fundo os princípios estruturais da sociedade como questão de ordem política, econômica e jurídica. (ALMEIDA, 2019, p.49)

Sendo assim, não adianta colocar pessoas negras em cargos de poder, se elas não têm liberdade de criar programas e projetos que atraiam mais pessoas negras a este ambiente, criando assim uma rotatividade de diversidade. Muitas instituições já tiveram pelo menos uma gerência feita por uma pessoa negra, ou outra minoria, mas se após isso persistiu uma desigualdade entre funcionários, não houve uma mudança efetiva no quadro de funcionários e

até mesmo aquela pessoa era a única representatividade, mostra que nunca houve mudança alguma.

2.4 - Jornalismo e diversidade

O que é o jornalismo? Para Traquina (2005) o jornalismo é a realidade, é junção do que a sociedade é, é o que está acontecendo na sociedade, é abrir o jornal e cada editoria ser um âmbito da realidade. Mas qual seria a realidade de um país cuja população em sua maioria é composta por pretos e pardos? Como seria descrita a realidade de um país onde entre 2016 e 2018 a taxa de analfabetismo foi de 9,1% entre pretos e pardos, quase três vezes maior que a taxa entre brancos (3,9%), segundo dados do IBGE?

O racismo faz parte da sociedade brasileira desde que os colonizadores portugueses chegaram aqui, é preciso reconhecer que mais de três séculos de escravidão e mais de 500 anos de opressão contra a população negra deste país, ainda traz seus efeitos nas relações sociais e profissionais dos brasileiros. Então, seguindo a lógica interpretativa, o jornalismo seria uma forma de informar a realidade e defender a democracia e “Os jornalistas estão na frente de batalha da liberdade, prontos a vir à sua defesa” (TRAQUINA, 2005, p. 23), a defesa do cidadão sendo ele negro ou branco.

O racismo e o jornalismo estão ligados pela comunicação, sendo a discriminação expressa pela linguagem, verbal ou não verbal, os preconceitos ou discriminações “são adquiridos, confirmados e exercidos pelo discurso” (VAN DIJK, 2008, p. 8). Então, no jornalismo pode conter discursos ou até mesmo um sistema afetado por uma sociedade que tem seus reflexos racistas.

A imprensa brasileira se inicia em 1808 com a chegada da coroa portuguesa ao país, com a inexistência de tipografia na época, não por falta de tentativa e sim devido a repressão de Portugal, que queria manter a Colônia longe de qualquer indício de pensamento. (COSTELA, 1970, apud ROSA, 2011, p. 43). Os primeiros passos da imprensa aparecem com Antonio Isidoro da Fonseca em 1706, em Recife, porém 40 anos depois, 6 de julho de 1747, Ordem Régia prende e sequestra os equipamentos, por censura. É só com a chegada da corte portuguesa, que Dom João VI autoriza a instalação de prelos, em 13 de maio de 1808.

Então é naquele momento que nasce a imprensa brasileira junto com o controle da informação. Os jornais Correio Braziliense, em Londres, do Hipólito da Costa e a Gazeta do Rio de Janeiro, são os primeiros jornais registrados e ambos criados no ano de 1808, sendo o

Gazeta o primeiro impresso no Brasil. O país foi a última colônia americana a desenvolver o uso da tipografia, por haver censura por parte do sistema da época, como explica a citação:

O jornalista brasileiro Leonardo Dantas Silva (1988) aponta o atraso brasileiro diante do México, Peru, Estados Unidos que, em 1539, 1585 e 1638, respectivamente, já haviam começado a utilizar essa tecnologia. A primeira tentativa brasileira ocorreu em 1642, no governo de Maurício de Nassau-Siegenh, mas acabou frustrada e desautorizada pela metrópole portuguesa.” (ROSA, 2011, p. 44).

Sendo assim, além de toda dificuldade para fazer jornalismo na época a imprensa teve que se construir sob as regras da coroa, mesmo que tivesse o Correio Braziliense que era crítico à coroa, há registro que Hipólito da Costa defendia abolição da escravatura e substituição pelo trabalho livre, ainda existiam meios que eram omissos ao sistema.

Mesmo com o nascimento em 1808, foi apenas 13 anos depois que foi registrada uma intensidade de produção, foi nesse mesmo ano, 1821, que o Gazeta do Rio de Janeiro se firmou como a “única folha impressa” que o público tinha acesso. Mas com o contexto da época próximo a independência, surge a imprensa especializada, como a imprensa negra.

A imprensa negra tem seu início no Brasil na capital do império, com o pasquim O Homem de Cor, criado em 14 de setembro de 1833, com a tipografia fluminense de Paula Brito. Esse jornal surge com o anseio de negros debaterem sobre a liberdade que tanto era prometida a eles na época, sendo a voz dos libertos e dos escravizados. Sendo assim:

O cabeçalho dos cinco números do jornal, publicados entre setembro e novembro, trazia uma apresentação esquemática desse debate pulsante: no lado esquerdo, a transcrição do parágrafo XIV do artigo 179 da Constituição de 1824: “Todo o cidadão pode ser admitido aos cargos públicos, civis, políticos e militares, sem outras diferença que não seja de seus talentos e virtudes”, no direito, reproduzia um trecho do ofício do Presidente da Província de Pernambuco, de 12 de junho de 1833, “O Povo do Brasil é composto de Classes heterogêneas, e de balde as Leis intentem misturá-las ou confundi-las, sempre alguma há de procurar, e tender a separar-se das outras, e eis um motivo para a eleição recair nas classes numerosas.” (O Homem de Cor, n 1, p.1 apud ROSA, 2010, p.24)

Portanto, o jornal nasce com o maior motivo de resistência e se propondo a ser a voz da negritude da época, para assim desenvolver debates a favor do abolicionismo. Percebe-se então que o que “O Homem de Cor” se dispôs a fazer o jornalismo mencionado por Traquina (2005) anteriormente, com a mais pura definição da profissão.

A palavra ‘diversidade’ é definida no dicionário como qualidade daquilo que é diverso, multiplicidade, variedade. Mencionamos o quanto o mercado do jornalismo deturpa a visão do

significado da profissão, mais uma vez usamos aqui o que Almeida (2019) aponta: as instituições agem de forma a reforçar o sistema de racismo que é respaldado pelo estado e pela política vigente. Para combater esses números e essa falta de representatividade, os grandes veículos estão desenvolvendo editorias de Diversidade, ou criando programas de treinamentos destinados às pessoas negras e minorias.

Essa é uma iniciativa muito recente, que vem sendo aplicada como uma iniciativa de incentivar a equidade racial nas redações, e por aqui também para ajustar-se a uma demanda global, não só profissional, mas do leitor que quer se ver positivamente nos espaços de visibilidade, através das mídias sociais houve um movimento mundial pedindo por ações nesse sentido. Como o Washington Post, nos Estados Unidos, que criou uma vaga de editorial para diversidade e inclusão, coordenada pela jornalista negra Krissah Thompsom¹⁷. O New York Times também é um dos jornais que após um estudo na redação, criou um plano de ação, divulgando em fevereiro de 2021 um relatório sobre diversidade¹⁸, com dados da própria equipe de jornalistas, expondo que 9% da força de trabalho da empresa são de negros e latinos, então eles estabeleceram uma meta de aumento desse percentual, chegar a 13,5% até o final de 2025¹⁹. No Reino Unido a BBC, emissora de radiodifusão pública, criou em 2019 o cargo de diretora criativa, ocupado por June Sarpong. E no ano seguinte, estabeleceu que seu quadro de colaboradores fosse composto de pelo menos 20% de profissionais de grupos sub-representados na mídia.

A jornalista do New York Times, Nikole Hannah-Jones, criadora do The 1619 Project, vencedor do Prêmio Pulitzer 2020 — também é um dos grandes nomes do jornalismo internacional a levantar a pauta sobre diversidade nas redações dos EUA e uma das inspirações para esta investigação. Em uma entrevista para a Folha de S. Paulo, publicado no dia 23 de fevereiro de 2021²⁰, a jornalista conta o quanto a diversidade é crucial para o fazer jornalismo, nas palavras de Hannah-Jones: “Quando se pensa que jornalismo é, entre outras coisas, cobrar responsabilidade dos detentores do poder, como é possível fazer isso com redações que refletem

¹⁷ Dados da reportagem do Nexo Jornal: > <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/03/08/A-busca-pela-equidade-racial-na-comunica%C3%A7%C3%A3o-em-programa-do-%E2%80%98Nexo%E2%80%99>< Acesso em: 10 de março de 2021.

¹⁸ Relatório de Diversidade. “A Call to Action” NYT: > <https://www.nytc.com/company/diversity-and-inclusion/a-call-to-action/>< Acesso em: 10 de março de 2021.

¹⁹ “New York Times Solicita Mudança no Ambiente de Trabalho através de Relatório de Diversidade”: > <https://www.nytimes.com/2021/02/24/business/media/new-york-times-workplace-diversity.html>< Acesso em: 10 de março de 2021.

²⁰ Entrevista completa: > <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/02/diversidade-e-crucial-para-fazer-bom-jornalismo-diz-vencedora-do-pulitzer.shtml>< Acesso em: 10 de março de 2021.

apenas os extratos mais poderosos da sociedade?”. Nikole ainda explica sua visão da distinção do jornalista para o ativista, ela conta que todo o profissional mostra sua visão, seja ele uma pessoa que faça parte de grupos minoritários ou não, mesmo que exista diferenças entre o profissional e o ativista, ele ainda se encontra no meio, pois o jornalista, na perspectiva da comunicadora e sob a perspectiva do jornalismo nos Estados Unidos, é para falar em nome dos mais vulneráveis e responsabilizar pessoas em posição de poder. Ela finaliza em entrevista:

Acreditamos que jornalismo é necessário para a democracia. E todas essas posições não são neutras, mas ativas. Meu ativismo toma forma quando escrevo e exponho injustiças. Outras pessoas o fazem marchando nas ruas. Não acho que eu deva estar envolvida nessas duas frentes, mas eu não posso fingir que não exista ativismo nas minhas motivações para me tornar uma jornalista. (HANNAH-JONES, 2021).

A jornalista Maju Coutinho, âncora da TV Globo, em entrevista o podcast da Folha S. Paulo, Café da Manhã, no episódio do dia 26 de fevereiro de 2021²¹, contou sobre sua visão do jornalismo isento, principalmente em casos de misoginia, racismo, ou qualquer preconceito. Ela menciona o quanto é uma linha tênue, uma “corda bamba”, quando ela recebe pautas com esses assuntos, tenta ao máximo checar os lados, consulta pessoas que são especialistas e outras que não entendem das questões raciais. Ela explica:

Eu sou a jornalista, eu não sou a ativista. Eu fico muito nessa corda bamba, para eu não descambar para esse lado porque eu *tô*²² lá no papel da jornalista, eu não *tô* da ativista. Mas também tem momentos que a jornalista não consegue, eu sinto que não pode fazer cara de paisagem como se não fosse comigo, *né*. Então, eu juro para você isso é um dilema para mim, ainda mais nesse ano que a gente teve muita manifestação antirracista, muitos eventos, muitas coisas. Um ano muito difícil nessa linha tênue. (COUTINHO, 2021).

No Brasil, no ano de 2019, a Folha de S. Paulo criou uma editoria de diversidade, responsável não só em representatividade de jornalistas²³, mas para ampliar a grupos minoritários, aparecendo nas fontes, personagens e histórias. O veículo ainda lançou seu programa de treinamento destinado a profissionais Negros. O Nexo Jornal também lançou neste ano, 2021, o programa voltado a formação de estudantes negros de todo o país, trazendo não só

²¹ Episódio do Café da Manhã: Maju Coutinho: “Eu não sou Wikipreta”. Disponível em: > https://open.spotify.com/episode/10ZZrmeTTa0xHukKEe37D9?si=IcAlliqaTsGPS71Rf_4V4Q< Acesso em: 12 de março de 2021.

²² Nas transcrições de entrevistas em vídeo e áudio utilizadas nesta pesquisa manteremos as marcas de oralidade, como “né”, “tô”, sempre marcadas por itálico.

²³ Dados da matéria: > <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/folha-cria-editoria-com-missao-de-estimular-diversidade-em-reportagens.shtml><

ensinamentos para o mercado como bolsa auxílio e aulas de inglês. Em uma reportagem publicada para a divulgação do projeto, Camila Silva, jornalista e coordenadora do Programa Diversidade Racial na Comunicação Nexo 2021, declara:

O jornalismo não é pauta a questão da diversidade e da inclusão. Quando isso acontece é da porta para fora, com casos isolados, muito focado em números e menos em acolhimento e permanência dos talentos nas redações. Do jeito que estamos, o jornalismo é dínamo que faz a roda do racismo girar em nossa sociedade. É mais importante do que nunca termos iniciativas que diversifiquem as redações. Já passou da hora de mudarmos isso (SILVA, 2021).

De acordo com Sodré (2015), após uma análise em autores da linguística e da filosofia, o autor aponta que a mídia no Brasil, e em alguns outros países, se desenvolveu como um bem patrimonial, onde grandes famílias detêm grandes empresas e estabelecem uma elite intelectual. O jornalismo faz parte da mídia, mesmo que com todo o histórico e conceito democrático, é uma ferramenta de consolidação de ideias e de informações, mas em um histórico de uma mídia elitista, principalmente quando faz parte de um grande conglomerado. O autor explica:

A mídia funciona no nível macro como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor de pele. (SODRÉ, 2015. p. 276).

Sendo assim, o papel de uma imprensa mais diversa se torna essencial, quando pensamos em um jornalismo mais democrático, mais múltiplo. O autor ainda explica que a comunicação, e os meios midiáticos formam e produzem discursos preconceituosos e de racismo, eles “provêm os modelos cognitivos e as atitudes relativos às minorias de qualquer natureza, especialmente os negros na sociedade “clara” do Ocidente.” (SODRÉ, 2015, p.276).

No dia 25 de maio de 2020, em Minneapolis no estado de Minnesota nos EUA, George Floyd, homem negro de 46 anos, foi asfixiado por quase oito minutos até a morte, após detenção policial. Por contar com um vídeo do assassinato, aconteceram manifestações no mundo inteiro, mesmo em meio a uma pandemia, o movimento “*Black Lives Matter*” (Vidas Negras Importam) foi mundial. Esse acontecimento foi um dos momentos propulsores para os veículos de jornalismo brasileiro apontarem e lidarem com pautas antirracistas, após críticas e pressão provocada pela cobertura internacional do caso Floyd e das intervenções do público brasileiro nas mídias sociais.

Ao observarmos as coberturas jornalísticas de casos de racismo praticados aqui no país, podemos perceber o quanto as pautas não são racializadas, tratando do assunto de forma isolada e de racismo individual. No artigo de opinião das jornalistas Aida Feitosa e Cecília Bizerro, publicado no dia 20 de junho de 2020 no Correio Braziliense²⁴, uma breve análise é apontada sob alguns meios de comunicação. A BandNews foi um dos veículos que para comentar sobre o assunto dos protestos BLM e o caso de George Floyd, convidou a doutora em comunicação e professora da UnB Kelly Quirino, para compor o programa, já que a pesquisadora foi responsável por analisar a cobertura do jornal Folha de S. Paulo entre 2003 e 2017, sobre as mortes de jovens negros por resistência.

Citamos o caso de George Floyd como exemplo, pois foi após críticas que os meios de comunicação de maior audiência no país, canais de televisão aberta e por assinatura, tiveram que trazer a pauta de violência policial em um país que nega o sistema de racismo. Casos como o da GloboNews, que no dia 4 de junho de 2020, após críticas sobre os debates sobre o tema serem feitos apenas por jornalistas brancos, convidou jornalistas negros da emissora para compor a mesa do programa “GloboNews Em Pauta”. Um especial com a participação de Maju Coutinho, Aline Midlej, Flávia Oliveira, Lilian Ribeiro, Zileide Silva e Heraldo Pereira, conversaram sobre racismo no Brasil e contaram suas experiências. O programa foi exibido na Rede Globo, no Globo Repórter do dia 6 de junho, e a jornalista Flávia Oliveira passou a ser contratada fixa do programa GloboNews em Pauta.

No quarto capítulo deste trabalho, a partir das entrevistas dos jornalistas negros das diversas redações gaúchas selecionadas, iremos explorar outros aspectos relacionados com a expressão do racismo estrutural presente na sociedade brasileira e também no jornalismo, de uma forma mais apofundada e trazendo ainda a ideia de lugar de fala.

²⁴ Artigo: Jornalismo e a cobertura policial: >
https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/opiniaio/2020/06/20/internas_opiniaio_865397/artigo-jornalismo-e-cobertura-da-violencia-policial.shtml<

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E SUJEITOS DA PESQUISA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, por ser uma investigação pautada nas vivências pessoais de jornalistas negros no estado do Rio Grande do Sul. Para tanto utilizamos como instrumento de coleta entrevistas semiestruturadas com cinco jornalistas e quatro gestores de redações jornalísticas em funcionamento no estado.

De acordo com Duarte (2005) no modelo de entrevista semiestruturada as perguntas não dependem apenas do entrevistador e sim a partir do conhecimento e disposição da fonte, podendo assim deixar livre para modificar ou adicionar questões ao roteiro, por isso não tem uma estrutura fixa, mas como explica o autor “Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais, vão dando origem a específicas.” (DUARTE, 2005, p.66). Esse instrumento foi selecionado para resolver o objetivo geral que é identificar os desafios enfrentados por esses jornalistas negros no estado, portanto apenas com uma entrevista menos roteirizada se consegue atingir este objetivo de pesquisa.

Devido a pandemia de COVID-19, e o fato de a sociedade brasileira estar em uma situação de distanciamento social desde março de 2020, foi necessário desenvolver uma alternativa para a realização de parte da pesquisa. A pesquisa de campo, pensada no início da investigação, foi trocada pela realização de entrevista com gestores, com o objetivo de mapear as funções dos jornalistas negros e coletar uma perspectiva institucional sobre o racismo, jornalismo e diversidade nas redações.

Na construção do trabalho teórico se mostrou necessário a contextualização do cenário da imprensa e da sociedade pós-escravidão, tanto relacionando o passado e presente, se apropriando então de outro processo metodológico, a pesquisa exploratória, para encontrar trabalhos semelhantes a esta investigação. Esse processo é importante no desenvolvimento da pesquisa. De acordo com (BONIN, 2011), implica no movimento de aproximação ao fenômeno no concreto e buscando perceber assim os contornos da pesquisa, suas singularidades e assim entender a relevância acadêmica e social do trabalho a ser desenvolvido.

Selecionado e observado como está a pesquisa no ramo da comunicação, é então necessário encontrar uma teoria, a pesquisa bibliográfica, que auxilia no processo de construção do contexto e da problematização da temática. Essa etapa da investigação seguiu durante todo o desenvolvimento, a teoria sendo a base do trabalho científico ela ajuda no planejamento e construção do debate, problematizar a teoria e a prática foi fundamental para a construção deste

trabalho. Como aporte para a análise das entrevistas utilizaremos Bardin (1977) com procedimentos da análise de conteúdo.

Utilizando-se então dos métodos de análise de entrevistas relativos ao modo como as pessoas vivem a sua relação com os objetos, trata-se a partir da autora, uma análise de conteúdo de várias respostas e discursos apresentados sobre as mesmas perguntas, analisando sobre a relação individual das fontes com esses objetos, fenômenos, experiências. Bardin explica que: “O objectivo geral é o da observação, na nossa civilização e na nossa sociedade, da influência do modo de produção (marcado pela divisão do trabalho), dos objectos quotidianos, sobre a relação individual com esses objectos.” (BARDIN, 1977, p. 65). A autora usa dos exemplos de mercado de trabalho e de entrevistas quantitativas, mas aqui utilizaremos apenas da premissa dessa análise, criando interpretações a partir das teorias sobre o sistema de racismo e as respostas das experiências individuais das fontes, junto aos métodos de organização e separação de conteúdo apresentados por Bardin (1977).

Por se tratar de um tema que pode ter repercussão no emocional dos sujeitos de pesquisa, o projeto de investigação foi submetido ao Comitê de Ética na Pesquisa (CEP) da Unipampa e teve parecer de aprovação no dia 25 de fevereiro de 2021. Nos apêndices encontra-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os modelos do documento enviado aos gestores e jornalistas, juntamente com o parecer de aprovação do CEP.

3.1 - Redações gaúchas

Para a presente pesquisa foi preciso estabelecer um parâmetro de quais seriam os veículos que fariam parte da investigação, para assim encontrar os jornalistas negros no estado que iriam compor o *corpus* de pesquisa. Além dos jornalistas negros se decidiu que seria feito uma entrevista com cada chefe de redação. Os meios de comunicação selecionados foram:

- Impresso, digital e Rádio: Foi selecionado a redação da GaúchaZH, por se tratar de uma redação integrada e trabalhar com as três mídias, porém foi entrevistado as chefias de redação de cada um deles. O Grupo RBS tem grande influência no estado, o jornal Zero Hora, por exemplo, é o veículo, tanto impresso quanto digital, de maior circulação no

estado²⁵. A Rádio Gaúcha, também propriedade do Grupo RBS, está na primeira posição no ranking de mais acesso no estado²⁶.

- Televisão: Sistema Brasileiro de Televisão (SBT RS), por ser o vice-líder na audiência no Rio Grande do Sul, no ano de 2019²⁷. Então foi selecionada a redação do SBT Rio Grande para análise, por acumular um milhão de telespectadores em maio de 2019.

Foram escolhidos desta forma para não deixar a pesquisa centrada apenas no Grupo RBS, por serem os mais populares nos meios midiáticos de circulação no estado. As escolhas têm o objetivo de deixar o campo de investigação misto e especificar que o objeto são os jornalistas negros e não o grupo. Ainda, por se tratar de um trabalho de conclusão de curso foi preciso estreitar a escolha dos veículos.

O presente trabalho foi desenvolvido de forma remota, como mencionamos na metodologia, a pesquisa de campo foi feita de forma digital e as entrevistas também por meio de vídeo chamadas, foram utilizados o *Google Meet* e *Skype*. O período de coleta das informações e contato com os entrevistados foi do dia 29 de junho de 2020 a 4 de março de 2021. Todo esse processo aconteceu dessa forma, pela pandemia de COVID-19 e as redações em questão, estarem em modalidade de *home office*. Nos casos das redações da Rádio Gaúcha e SBT Rio Grande, as empresas estabeleceram agendas e cronogramas para gravações e respeitar as medidas de emergência para prevenir a contaminação do CoronaVírus.

Para a investigação ficar mais completa possível, foi necessário entrar em contato com o setor de Recursos Humanos das empresas selecionadas, essas entrevistas aconteceram via texto, tanto por e-mail quanto por mensagens instantâneas no *WhatsApp*. Nestes casos as informações eram pontuais, buscávamos dados sobre o número de funcionários contratados e políticas de contratação, perguntava-se também se existem programas de capacitação ou formação para a diversidade.

De acordo com essas entrevistas com os setores de Recursos Humanos, a RBS é uma das maiores empregadoras de jornalistas no Rio Grande do Sul, possui cerca de 2 mil funcionários, sendo um quarto jornalistas. Desse número foi questionado quantos jornalistas negros existem contratados na empresa, a resposta foi de que com a nova Lei Geral de Proteção

²⁵Dados retirados da reportagem: ><https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/01/30/circulacao-digital-dos-grandes-jornais-cresce-no-brasil.html><

²⁶ Informações no site: >https://www.radios.com.br/relatorios/stat_2020-06_fmestado_33-21< Acesso em: 15 de junho de 2020.

²⁷ Informações no site ><https://observatoriodatv.uol.com.br/audiencia-da-tv/sbt-e-vice-lider-no-rio-grande-do-sul-em-agosto>< Acesso em: 15 de Junho de 2020.

de Dados²⁸, responsável por proteger a liberdade e privacidade de informações pessoais e segurança do funcionário, os dados não poderiam ser divulgados. Então mesmo com os dados atualizados não foi possível ter acesso a essa informação. A empresa também não possui nenhum projeto de formação ou inclusão de minorias. Sendo a resposta:

Não são avaliados sua cor, orientação sexual, gênero, etc. Ao contrário. Acreditamos na pluralidade e na igualdade de oportunidade para todos os que estão qualificados para o desempenho das funções ofertadas; Além de questões técnicas alinhadas ao perfil da vaga, levamos em consideração o potencial de desenvolvimento do profissional, suas motivações de carreira frente ao que a empresa está oferecendo, naquele momento. E por fim, consideramos os aspectos comportamentais e se alinhamento com nossos valores, propósito e atributos. (Grupo RBS, 2020).

Houve tentativas de contato com o Recursos Humanos do SBT Rio Grande, após envio das questões e procura por resposta, o representante do setor informou:

(...) a nossa equipe do comitê de diversidade está apurando os números e consolidando os dados de todas as empresas do grupo. E só vai divulgar externamente, quando terminar esse estudo. Infelizmente não temos prazo. Sinto muito, mas no momento não vamos poder ajudar com essas informações. (SBT Rio Grande, 2021).

No site institucional do SBT, a emissora informa que possui 6 mil colaboradores espalhados por todo o Brasil²⁹. Não foi encontrada informações se a emissora possui algum programa de formação ou inclusão a minorias no seu quadro funcional no país, ou no estado do Rio Grande do Sul.

3.1.1-RBS

Para a presente pesquisa, entramos em contato com os gestores de cada uma das redações selecionadas, mesmo que a configuração seja apresentada como integrada, foi necessário fazer essa investigação por cada setor e como é feita essa gerência. Para preservar a identidade, confidencialidade e evidenciar apenas os discursos aqui apresentados, iremos usar nomes fictícios para todos os entrevistados.

Os três chefes de redação entrevistados da empresa RBS, foram:

1. Maurício, trabalha há três anos como chefe de reportagem da Rádio Gaúcha, e nove anos trabalhando na empresa;

²⁸ Lei nº 13.853/2019. Disponível em:> http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm< Acesso em 15 de março de 2021.

²⁹ Informações via: > <https://www.sbt.com.br/institucional/#trabalhe-conosco>< Acesso em: 15 de março de 2021.

2. Douglas, desde 2014 editor digital da GaúchaZH, e trabalha há treze anos no Grupo RBS;
3. Laura, desde maio de 2020 editora-chefe da Zero Hora.

Após realizada a coleta dessas entrevistas, entramos em contato com os jornalistas negros da instituição, todos se voluntariaram a participar da presente pesquisa e seus nomes serão preservados também, evidenciando apenas as experiências deles como profissionais. Participaram da RBS, três jornalistas³⁰:

1. Isabela, 34 anos, editora e apresentadora de um programa na Rádio Gaúcha; colunista do Diário Gaúcho. Oito anos na instituição, e no processo de finalização desta pesquisa a jornalista foi desligada do Grupo RBS.
2. Thomas, 29 anos, produtor e apresentador de um programa na Rádio Gaúcha. Há quatro anos na equipe do Grupo RBS, e no processo de finalização desta pesquisa, o jornalista foi desligado de suas funções na instituição.
3. Laísa, 24 anos, assistente da coluna de Economia da Zero Hora. Há um ano e meio trabalhando no Grupo RBS.

3.1.2- SBT

Diferente do Grupo RBS, no caso do SBT, foi selecionada a redação gaúcha da emissora do Sistema Brasileiros de Televisão (SBT). Também foi necessário fazer essa investigação primeiramente pelo gestor da redação, para assim encontrar os jornalistas negros da empresa. Para preservar a identidade e evidenciar apenas os discursos aqui apresentados, iremos usar nomes fictícios para todos os entrevistados.

Foi entrevistado o gerente de jornalismo do SBT Rio Grande do Sul, Fabrício, que trabalha há sete anos na empresa, e mais de 17 anos com experiência em outras emissoras de televisão do país.

Após realizada a entrevista com o gerente de jornalismo do SBT, entramos em contato com os jornalistas negros da instituição, todos se voluntariaram a participar da presente pesquisa e seus nomes serão preservados também, evidenciando apenas as experiências deles como profissionais. Participaram do SBT RS, dois jornalistas:

1. Gabriel, 48 anos, repórter do jornal SBT Rio Grande. Entrou em 2014 no SBT RS, saiu em 2016 e retornou em 2019, fazendo dois anos na empresa como empregado Microempreendedor Individual (MEI).

³⁰ Na empresa existiam quatro jornalistas negros contratados, mas obtivemos respostas de apenas três deles.

2. Lucas, 44 anos, repórter esportivo do Arquibancada GreNal. Trabalha há nove anos no SBT RS, como empregado MEI.

Todas as entrevistas foram realizadas por vídeo-chamada nas plataformas *Google Meet* e *Skype*. Os sujeitos da pesquisa assinaram o TCLE, que foi enviado logo após a aprovação do trabalho no CEP, tanto na forma digital, pela plataforma *DocuSign*, quanto na maneira tradicional de imprimir e scanear o documento após o registro. Os arquivos assinados serão guardados pela pesquisadora responsável, orientadora deste trabalho, durante cinco anos, como prevê a legislação de ética na pesquisa.

4 ENTREVISTAS E PERCEPÇÕES

Neste capítulo são apresentados os recortes das entrevistas coletadas com profissionais do jornalismo em veículos gaúchos selecionados. Estes profissionais foram divididos em gestores de redações e jornalistas negros, além disso a análise se apresenta a partir de subtítulos e assuntos tendo como base procedimentos da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). A partir das entrevistas são explorados termos e conceitos para analisar os dados de realidade apresentados pelos entrevistados no que diz respeito ao sistema de racismo estrutural existente no Brasil.

4.1- Um problema de gestão?

A seguir são apresentados os recortes das entrevistas e como cada assunto foi abordado durante as entrevistas semiestruturadas, feitas com o intuito de responder os objetivos específicos e a pergunta problema desta investigação. Para relacionarmos com os objetivos propostos na presente pesquisa, iremos apresentar esses dados dos gestores sob dois eixos dos assuntos abordados nesses recortes:

4.1.1 - EIXO 1- Diversidade e redações

No início de cada entrevista foi questionado qual o número de funcionários e se cada gestor considera sua redação mais diversificada sob seu comando. O Maurício está há nove anos como chefe de reportagem da Rádio Gaúcha e declarou que mesmo sendo uma redação integrada, ele tinha dois jornalistas negros contratados no veículo e sob sua perspectiva:

(...) esse é um número semelhante ao que tinha quando eu entrei lá. Antes de virar chefe de reportagem, eu comecei como repórter, daí durante um tempo tínhamos apenas uma figura, só uma pessoa negra como jornalista, agora voltamos a ter dois. Então, eu diria assim, dentro do meu processo de gestão hoje, lá da Rádio Gaúcha, houve um aumento, mas não é o maior número que nós já tivemos, pelo menos, não desde que eu entrei na empresa em 2011. (MAURICIO, 2020, s/p).

Para se ter uma noção de quantos são os jornalistas e quantos jornalistas negros a empresa tem, foi realizada uma entrevista com uma funcionária representante do Recursos Humanos do Grupo RBS. De acordo com a mesma, durante o desenvolvimento da pesquisa, a empresa tinha cerca de 2 mil pessoas contratadas e desse número um quarto é formado por jornalistas, isso dá o total de 500 jornalistas na redação integrada (Zero Hora, GaúchaZH e Rádio Gaúcha) mais os jornalistas que trabalham na televisão.

Questionou-se então, quais as funções desempenhadas por esses dois jornalistas na Rádio Gaúcha, quais suas editorias. Maurício explicou que por ser uma redação integrada, a única divisão da rádio é de jornalismo geral e jornalismo esportivo, que também é um braço que envolve a redação do site do jornal Zero Hora, sendo um processo diferente de gestão, mas ele contou que:

(...) hoje temos dois jornalistas negros na grande editoria chamada de jornalismo geral e dentro dessa categoria uma [jornalista] é editora de noticiário e outro [jornalista] é um produtor de programas, mas que enfim, trabalha no mesmo ambiente, é a mesma função para todos, *assim*. (MAURICIO, 2020, s/p).

Enquanto na Rádio Gaúcha existiam dois jornalistas negros, o Douglas que trabalha desde 2007 no Grupo RBS e desde 2014 exerce a função de editor digital da Gaúcha ZH, contou que na sua divisão não tem nenhum jornalista negro, mas que já teve uma jornalista que foi transferida para a rádio e que acredita ter cinco ao total, sob sua perspectiva de trabalho na redação integrada. Ele explicou que:

Eu acho que tem um esforço grande de atração, acho que a redação ainda é um reflexo social, do que é a nossa sociedade de pouco espaço, de pouco acesso para os negros e para outras minorias, acho que é um problema social do Brasil como um todo, e acho que a redação e qualquer redação do Brasil, não vai ser muito diferente disso e de qualquer escritório de advocacia, de qualquer lugar... bom, é a realidade, *tu sabe* muito melhor do que eu de como funciona. Acho que tem um esforço, uma mudança de linha de contratação, de um bom tempo para cá, acho que a gente tinha alguns colegas que eram negros, mas que eram mais velhos e acabaram saindo também em algumas decisões da empresa, não por serem negros, mas por um contexto todo. Mas acho que se mantém no mesmo nível *assim*, desde quando eu entrei a quantidade, a proporcionalidade de pessoas negras na redação apesar dos esforços e com esse, porém de “saem pessoas, entram pessoas”, acho que se mantém na mesma proporção dos últimos tempos, pelo o que eu percebo, *assim*. (DOUGLAS, 2020, s/p).

Na entrevista com a editora chefe do jornal Zero Hora, podemos perceber que a relação de funcionários e presença de profissionais negros por veículos, não é permanentemente determinada, já que como Douglas, ela também relata não ter uma base de dados de quantos jornalistas negros trabalham no seu setor, por ser uma redação integrada e ela ter iniciado a função de editora no mês de maio de 2020 e a pesquisa ter sido realizada com ela em setembro do mesmo ano. Mas ela contou que:

eu não vou falar em números, isso *tu precisa* saber a partir do RH, mas até abril, quando eu era editora de Hard News, que é a área de política, economia, segurança, área internacional e tudo, tinha na minha equipe (...) tinham três ou quatro, da equipe que eu gerenciava até abril, *né*. Então, não sei te dizer exatamente, mas eu acho que

eram três na minha equipe, mas agora eu não trabalho mais por esta equipe, *né*, agora eu sou editora-chefe da Zero Hora, então teria que ver todo o restante da redação *assim*. (LAURA, 2020, s/p).

Como descrito anteriormente, o setor de RH não divulgou os dados de jornalistas negros contratados na empresa e declarou não haver nenhuma formação ou programa de contratação para melhorar a diversidade na empresa, essa foi uma das questões apresentadas aos gestores da RBS, que alegaram acreditar que existisse uma divisão de diversidade na empresa responsável por tratar desse assunto. Maurício, chefe de reportagem da Rádio Gaúcha, declarou qual sua opinião sobre a diversidade no grupo:

Realmente hoje não representamos, em termos percentuais, a sociedade gaúcha, a sociedade brasileira, então a gente quer que cada vez mais pessoas entrem na redação. Porque mais pessoas diversas também na redação permitem uma construção de uma narrativa, de um olhar sob a sociedade diferenciado, maior *né*, porque aquela coisa se a gente fizer uma pauta “homens, brancos, velhos” a gente só vai ter esse tipo de pauta, e se tivermos só esse tipo de pauta teremos só esse tipo de pessoas trabalhando na empresa e não teremos esse olhar para esse tipo de pauta, que outras coisas estão acontecendo que também são relevantes para o nosso público. A gente também desenvolve uma forma, uma estratégia de a gente ampliar o nosso público, o nosso público consumidor. (MAURÍCIO, 2020, s/p).

O veículo de televisão, selecionado para a pesquisa, foi o SBT Rio Grande e o editor regional de jornalismo da empresa. Fabrício trabalha há sete anos na emissora e lhe foi questionado as mesmas questões que os outros gestores, então de acordo com seu relato, dentro da televisão do SBT existem dois jornalistas negros, um que trabalha na editoria de jornalismo esportivo, com o quadro Arquibancada GreNal, e o outro repórter do jornal do SBT Rio Grande, onde comanda o quadro Fala Comunidade. Fabrício adiciona que acredita que durante sua gestão houve mais contratação de jornalistas negros:

(...) acho que esses dois foram os primeiros que chegaram aqui, vamos dizer que saímos de zero e fomos para dois sabe, e eu tenho percebido que eu *tô* aqui, como eu te falei, eu *tô* aqui há sete anos *né*, eu tenho percebido nos últimos dois ou três anos que mais negros vieram aqui, conversar comigo e me mandaram currículo, fizeram chamada de vídeo, até teve uma, que foi a Luciana, ela trabalhou aqui na TVE, ela veio fazer um *freelancer* aqui também, por um tempo. Então *assim*, eu tenho percebido que tem aumentado, não como eu acho que deveria, deveria ter muito mais, eu até acho que eu tinha que receber mais currículo sabe, de pessoas que tivessem interesse. (FABRÍCIO, 2020, s/p).

No caso do SBT, como foi apresentado anteriormente, não tivemos acesso aos dados mais precisos de quantos funcionários existem na empresa e quantos jornalistas negros, o setor de Recursos Humanos informou que não tinha os dados para responder às questões enviadas.

A visão de Fabrício sobre a diversidade no SBT é interessante, ele acredita que a empresa tem essa preocupação, não só com contratação, mas com pautas relacionadas a diversidade, ele acrescenta:

(...) é pela marca, você vê pela marca da emissora, você pode ver que o logo do SBT... isso é uma coisa que é o DNA da emissora, ele é colorido, ele é colorido de propósito, ele nunca mudou de cor, ele sempre foi colorido e ele é colorido, justamente, para representar todas as cores do país. (FABRÍCIO, 2020, s/p).

Mas por que o SBT não tinha jornalistas negros antes de Fabrício e qual a importância de ter mais contratados agora para construir o telejornalismo do SBT? Ele respondeu que não poderia precisar o porquê antes não tinha, não pode falar por quem o antecedeu, e afirmou que quando trabalhava na cidade de São Paulo era outra realidade em relação a isso. Fabrício explicou:

Mas eu acho que a importância é... sempre foi e cada vez mais *tá* crescendo, da participação dos jornalistas negros assim, eu acho que primeiro tem a questão da voz mesmo, eu acho que a gente tem que independente de qualquer coisa ser plural *né*, a gente tem que ter voz de todos os lados, sem preconceitos e também que a gente ouça bastante as pessoas. Então assim, eu vejo muito normal, assim como a gente tem, sei lá, fala do agronegócio, para representar o campeiro *né*, o cara lá da região da campanha, ou falar de assuntos das camponesas lá do norte do estado, a gente também tem que ter representação dos negros *né*. Então, independente do setor que trabalha, da classe social, mas eu acho que tem que ser cada vez mais plural *né*, e eu penso justamente isso, tipo, queria ter mais sabe, queria ter mais representatividade aqui dentro, acho que ainda é pouco, (...) só que eu acho também que a procura tinha que ser maior sabe, (...) não sei se é uma coincidência, mas nesse tempo que eu *tô* aqui, pouquíssimas pessoas apareceram sabe. (FABRÍCIO, 2020, s/p).

Uma questão que nos foi apresentada na execução das entrevistas, mais precisamente durante a entrevista com Maurício da Rádio Gaúcha, foi a questão de grupos de acolhimento. Ele nos contou que na empresa existe um grupo Afro, assim como LGBTIQ+, entre outros grupos minoritários na instituição. Todos os outros gestores e jornalistas entrevistados e que também trabalham no Grupo RBS, confirmaram essa informação. Então, foi questionado também para o Fabrício, editor de jornalismo do SBT Rio Grande e ele contou que não tinha conhecimento se na empresa também existiam esses grupos.

De acordo com Almeida (2019), é dever de uma instituição que realmente se preocupe com a questão racial investir na adoção de políticas internas que visem promover a igualdade e a diversidade em suas relações internas, para além da representatividade, é preciso remover obstáculos para ascensão de minorias em posição de direção e de prestígio na instituição, criar espaços permanentes para debates e eventual revisão de práticas institucionais e promover

acolhimento de conflitos raciais e de gênero. O grupo afro dentro da RBS, é uma iniciativa na construção de uma empresa que quer ser mais plural, tanto em suas pautas quanto na presença de pessoas negras na instituição.

4.1.2 - EIXO 2- Pautas e discussões raciais

Após as respostas mais burocráticas e de presença de jornalistas negros nas redações selecionadas, e quais são suas funções, foi questionado como cada veículo pensa as pautas, se há uma preocupação em falar sobre diversidade e discussões raciais, se são incluídas nas agendas de transmissão.

O chefe de reportagem da Rádio Gaúcha contou como que é debatido em reuniões de pautas do veículo, ele diz em sua entrevista que exerce a função de “pauteiro”, e conhecendo o perfil da audiência que atinge, desde a idade, horário e o que ela gosta de consumir, é que aderem mais a pautas utilitárias e esporte, Grêmio e Inter. Ele diz que o maior desafio enquanto gestor, é de ter um olhar que abarque todos os anseios dessa audiência, ele explica que: “(...) temos que tomar um cuidado com pauta de nicho, com a pauta muito específica porque afugenta a nossa média, porque temos uma “tabela própria” da nossa audiência, acompanhamos e conhecemos nosso público.” Neste aspecto observamos que o entrevistado acredita que pautas raciais sejam pautas nichadas e que não tem o interesse do público médio da rádio. Ele exemplifica:

(...) eu acho que temos o desafio de colocar, de aproveitar “ganchos”, como aconteceu recentemente com a pauta “Vidas Negras Importam”. (...) A gente até demorou um pouco, verdade seja dita, porque, às vezes, o óbvio não salta tanto aos olhos, mas pensamos e esse é o desafio em termos de gestão, “não, olha só o que a gente vai fazer para abordar de maneira diferente esse assunto? pô vamos colocar o cara para falar”. Fizemos isso e ele falou. O próprio Thomas, que foi esse colega que falou sobre esse assunto. O Thomas, um tempo atrás teve um desafio de desenvolver um podcast sobre assuntos relacionados à causa negra, ele queria fazer e demos espaço. E gostaram, foi bem, mas porque que ele não foi no ar no formato am/fm?! **Porque é algo que nós identificamos que ainda fala com um público de nicho**, que a gente espera que cresça, que se conscientize, que queira estudar e queira aprender mais sobre isso, até se tornar, daqui a pouco, uma informação de massa. Mas infelizmente, ainda é uma coisa que vai enfrentar uma resistência de uma parcela muito grande da audiência, então colocamos num espaço de um nicho porque ele está lá junto com outros temas, outras matérias que já foram feitas, podcasts e tal. (MAURÍCIO, 2020, s/p, grifo nosso).

De acordo com Maurício, o perfil da audiência da Rádio Gaúcha é de homens mais velhos, que ouvem e se interessam por assuntos e pautas quentes, principalmente da editoria de esporte. Não encontramos dados públicos sobre o perfil da audiência do veículo. Então, ele conta que não é evitado assuntos relacionados a pautas raciais, mas que a abordagem é feita de

forma a colocar tudo na mesa e dar ao ouvinte a liberdade de concluir por si mesmo. Sendo assim:

A Rádio Gaúcha está há mais de cinco anos, são 64 meses na liderança da audiência do estado, identificamos que as pessoas elas querem um pouco de futebol, elas gostam muito de serviço, gostam muito de temas relacionadas ao dia a dia, coisas simples, que a gente se permite em algumas janelas virar um pouco a pauta, mas não podemos, não conseguimos hoje ainda, virar muito a pauta a ponto de colocar isso numa pauta diária. Primeiro porque, o que significa falar sobre a causa negra? Bom, a gente tem cada vez apostado mais, investido mais em pautas sobre a violência policial, está bom, **e como tem vários eventos relacionados a morte de pessoas inocentes que “coincidentemente” são negras em ações da polícia.** A gente vai transformar isso numa bandeira de militância sobre a causa negra? Não, a gente vai fazer jornalismo, vamos apurar isso e as pessoas chegam à conclusão por elas mesmas, está tudo colocado sobre a mesa. (MAURÍCIO, 2020, s/p, grifo nosso).

No comentário feito por Maurício, ele conta um pouco sobre como é reportada pautas de violência policial, como ele pensa o assunto, quando ele coloca que coincidentemente (e ainda faz um gesto de aspas com as mãos) as vítimas são negras, mostra que o gestor tem algum conhecimento sobre o sistema de racismo estrutural e que esses fatos não são coincidências.

E quais são as pautas que a Rádio Gaúcha considera muito restrito a uma audiência? Ele explica melhor isso na sétima questão da entrevista, onde foi questionado se mesmo sem o interesse dos ouvintes, na semana da consciência negra, eles teriam como conectar ao assunto de esporte, até pelo sistema de racismo atingir também essa área. Ele respondeu com uma experiência recente:

Sim, inclusive no ano passado teve uma matéria, não partiu do Thomas, mas perguntamos se ele gostaria de fazer porque nos pareceu: olha só, a gente tem a semana da consciência negra e a gente tem um espaço semanal de matérias especiais, de um programa chamado “Super Sábado” que ele foge um pouquinho da pauta tradicional do dia a dia, ele foge um pouco desse hard news, ele é um programa que se propõe a falar com especialistas, colocar assuntos de entretenimento, assuntos leves, ou falar sobre comportamento, então falar sobre consciência negra. Ele gostou, obviamente, ele ficou bem feliz com a lembrança, “o que a gente pode fazer sobre causa negra neste ano? Qual a pauta?” então, reviramos juntos e lá a gente percebeu que Tarcísio Flecha Negra, que foi vereador aqui de Porto Alegre e ex-jogador do Grêmio, morreu ano passado, ou retrasado, agora não me recordo. O Tarcísio tinha proposto a criação de um museu da consciência negra para a capital e, faz muito tempo isso e até hoje não tinha saído do papel, projeto aprovado na Câmara. Então, bah! a gente resgatou a memória do Tarcísio, que é sempre importante para o esporte *né*, na condição dele como um político negro e esse é o “pulo do gato” para nós, tu tem uma matéria ali, não é só falar por falar, a gente pega um assunto que tem uma manchete de ordem jornalística, porque precisamos de uma manchete, imprimir uma coisa na capa do jornal e a abertura do jornal nacional tem que ter uma manchete, mas ao mesmo tempo tudo que está por trás dessa história de que passado tantos anos da aprovação da matéria lá na câmara de vereadores de Porto Alegre ainda não tem o seu museu da consciência negra. (MAURÍCIO, 2020, s/p)

Enquanto Maurício conta sua experiência na Rádio Gaúcha, com uma audiência que não se interessa por pautas raciais. Douglas da Gaúcha ZH, contou que ele percebe que pautas identitárias geralmente dão mais cliques, na sua visão depende da abordagem dos assuntos e que fica muito evidente para quem trabalha no digital, e tem termômetro de audiência diferente do impresso por exemplo, ele conta:

Agora a gente consegue entender, se o leitor clicou, se o leitor leu, até onde ele leu, o que ele leu. Então, pautas identitárias, via de regra, elas têm audiência, elas despertam interesse no leitor, mas isso é muito relativo com o tipo de pauta que tu tá falando, de um caso de racismo? essas de que se ouve especialistas, isso vai dar audiência. Casos mais factuais eles tendem a dar mais repercussão, matérias mais de debates, de reflexão, que a gente chama essas “pensatas” em que *tu aprofunda* o debate sobre racismo, ou sobre qualquer tema identitário, elas tendem a não ter tanta repercussão assim. (DOUGLAS, 2020, s/p)

Quanto a questão, se existe uma preocupação na Gaúcha ZH em incluir pautas com enfoque em ações de inclusão e diversidade, debates raciais, movimento negro, entre outras coisas. Douglas afirmou que há um esforço, muito mais evidente quando se aproxima a datas significativas, como a data da abolição da escravatura e dia da consciência negra. Ele acrescenta que é importante incluir os negros como fontes:

(...) Mas há um esforço de **incluir a agenda negra nas demais pautas, também na forma de fonte, por exemplo, tentar ouvir especialistas que sejam negros, não para os negros falar só quando é o dia consciência negra**, não, o negro economista, o negro especialista em direito, **abrir o leque de fontes...** eu acho que isso também é um caminho de abrir espaços para a pesquisa, para a ciência, para a inteligência negra *né*, que acho que isso é o fundamental também. (DOUGLAS, 2020, s/p, grifo nosso).

Na entrevista com a editora-chefe do jornal Zero Hora, ela respondeu essas mesmas questões de maneira semelhante aos seus colegas de empresa, ela mencionou que as questões sobre diversidade são muito debatidas no veículo, não só sobre pautas raciais, mas de gênero também, declarou que há uma preocupação em ter um olhar mais plural. Ela explica:

(...) nós vamos falar sobre as questões das presenças de negros e ela é importantíssima, até para trazer debates, trazer as pautas e colocar na roda. (...) a gente valoriza muito quando um repórter negro traz as questões que merecem ser pautadas, isso é muito importante, assim como veio a questão a ser pautada sobre a violência contra a mulher, sabe?! É esse tipo de pauta cada vez mais a gente *tá* incentivando e forçando que tenha que ser assim, não tem mais como fugir disso, isso aí é uma coisa, que eu vejo, que quem tá tantos anos na redação com tanto atraso, isso é um avanço. Já deveria ter sido [feito], lá atrás, duas décadas atrás, quando eu entrei numa redação isso já tinha que ser uma coisa natural. **Acho que hoje dá para se dizer que as redações (...) estão**

evoluindo, com grande atraso, mas estão evoluindo. (LAURA, 2020, s/p, grifo nosso).

Sobre o perfil da audiência do jornal Zero Hora e seus interesses, Laura, editora-chefe, respondeu que não saberia como mensurar isso, poderia falar pelo *print*, mas pelo impresso é difícil. Ela explica como acontece esse retorno e qual sua visão, enquanto gestora do veículo, sobre essas questões:

No impresso assim, tu tem como saber quando tu dá uma certa pauta que o retorno vem por outras formas, ele vem por e-mail, ou vem por ligação (...) então assim, sempre que a gente abre o leque de pautas, sempre vai ter um retorno positivo, talvez não consigamos codificar, porque não tem como medir, mas eu, como editora-chefe, sei que tem retornos positivos, em tudo que ampliamos, quanto mais as visões forem plurais, mais temas diversificados a gente abordar, o retorno sempre vai ser positivo. (LAURA, 2020, s/p)

Para saber como essas mesmas questões aparecem na perspectiva do SBT RS, Fabrício explica que como gestor de jornalismo da empresa, ele acredita que na emissora é muito fácil abordar assuntos desse tipo, por considerar aberta e não vê dificuldade na hora de propor. Ele explica e exemplifica sua experiência:

Eu acho que tem uma liberdade muito grande assim e não tem dificuldade (...) para exibir esse tipo de material, agora e o que eu percebo também é que, eu não sei mas eu percebo nos últimos cinco anos assim, que as pessoas que respondem por essa diversidade *né*, seja ela qual for, *tá* muito mais fácil, parece que estão mais organizadas entendeu. *Tá* muito mais de conseguir, por exemplo, uma entrevista, de gerar um debate, eu acho que as redes sociais também nos ajudam nisso, porque às vezes o que a gente não consegue explorar para a televisão, a gente consegue levar para as redes sociais, *né*. No ano passado a gente fez um debate muito bom, não sei se você se lembra daquela história do Taison, jogador do Inter, que ele foi agredido, *né* e ele pegou chutou uma bola e tal, a gente conseguiu fazer... não pelo jornal, não pela televisão, mas pelas redes sociais um grande de um debate, colocamos ele, ao vivo, colocamos o Roger Machado, que é um treinador super representativo, *né*, dos negros, ele mesmo se autointitula treinador negro no Brasil, (...) então ali a gente percebeu, como a rede social *tá* nos ajudando a ampliar o debate, sabe?! e a gente não fica só dentro de uma reportagem, dentro de um jornal e com aquele tempo reduzido, não, a gente pode abrir para um debate, em uma rede social, chamando todas as personagens centrais da situação. (FABRÍCIO, 2020, s/p).

Em relação a audiência, se há um evidente aumento quando é abordado pautas raciais, ele explicou que tem acesso de minuto a minuto da audiência da emissora, e que observa que uma resposta positiva quanto a isso. Sendo assim:

(...) a gente percebe nitidamente que assuntos como esse, *né*, seja ele (...) de qualquer assunto que seja relacionado a diversidade e principalmente os negros, essa questão,

recente, do que aconteceu nos Estados Unidos e impactou aqui também, que aumentou demais, era botar uma reportagem ou começar falar sobre o assunto, a audiência aumentava em relação a isso. Então é muito nítido assim, eu não consigo te especificar em números, porque eu não fiz um estudo dentro disso, mas que é muito perceptível, é. (FABRÍCIO, 2020, s/p).

Percebe-se a partir desses recortes coletados das entrevistas, o quanto as discussões raciais são consideradas pelos gestores como pautas segmentadas, pautas nichadas e que, geralmente, necessitam abordar racismo. O único gestor que mencionou o quanto é preciso não só abordar assuntos relacionados à população negra, como também é preciso procurar diversidade nas fontes que irão ouvir, foi o editor digital da Gaúcha ZH, Douglas. Além disso, nos relatos apresentados, percebemos que de certa forma, todos os gestores mencionaram que é preciso de um jornalista negro para escrever sobre pautas raciais, acreditamos que isso seja por uma interpretação equivocada do conceito de lugar de fala.

De acordo com o livro “Lugar de Fala”, de Djamila Ribeiro, o termo lugar de fala não tem uma origem epistemológica determinada, acredita-se que surgiu da teoria racial crítica e pensamento decolonial, a partir da discussão sobre *feminist standpoint*, da tradução literal o “ponto de vista feminista”, aparecendo em trabalhos em 1990, na autoria de Patricia Hill Collins. O conceito é basicamente, conceder a fala a grupos oprimidos, pensando que o discurso é estabelecido a partir de disputas de poder, principalmente sendo a comunicação um dos princípios da identificação. Sendo assim: “Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta.” (RIBEIRO, 2019, p. 39).

Historicamente, pessoas negras tiveram suas histórias apagadas e contadas a partir do olhar da branquitude. O poder da fala é dado a grupos socialmente privilegiados. Ribeiro (2019), explica a partir das obras da autora Lélia Gonzalez:

A pensadora e feminista negra Lélia Gonzalez nos dá uma perspectiva muito interessante sobre esse tema, porque criticava a hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população. Ou seja, reconhecendo a equação: quem possuiu o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica, conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e assim inviabilizando outras experiências do conhecimento. Segundo a autora, o racismo se constituiu “como a ‘ciência’ da superioridade eurocristã (branca e patriarcal)”. Essa reflexão de Lélia Gonzalez nos dá uma pista sobre quem pode falar ou não, quais vozes são legitimadas e quais não são. (RIBEIRO, 2019, p. 16)

Portanto, pessoas negras tendem a ser silenciados e delegados a histórias únicas por anos, por uma questão de sistema do racismo, que utiliza da comunicação e de relações sociais como manutenção do poder e da estrutura de racismo. (ALMEIDA, 2019). Por isso, críticas a jornais e outros meios de comunicação são tão evidentes, principalmente pela profissão ter em sua maioria jornalistas brancos, as pautas caem em um discurso colonizado. Ribeiro (2019) após estudos e apresentações de obras de estudiosas do feminismo, explica o quanto é preciso perceber que o colonialismo retifica as identidades, a concepção de que o sujeito é criado dentro da lógica colonial, sendo impossível expressar um assunto sem ser afetado por esse fator, sendo:

O que se quer com esse debate, fundamentalmente, é entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades. Logo, não é uma política reducionista, mas atenta-se para o fato de que as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimentos de outros. (RIBEIRO, 2019, p.18).

No caso do assassinato de João Alberto Silveira Freitas por seguranças do Carrefour houve uma mudança na abordagem, como apresentado anteriormente nesta pesquisa. No primeiro momento fala-se de um homem morto no Carrefour (manchete: Homem morre após ser espancado por seguranças de supermercado em Porto Alegre) e somente depois da repercussão na sociedade o veículo passa a incluir outras visões e outros profissionais chegando à edição especial do dia 21 de novembro, em que personalidades negras dos mais diversos setores da sociedade se posicionam sobre o homicídio de Beto. Ribeiro (2019) exemplifica como quando dados são apresentados dessa maneira, quando se usa unificação de indivíduos, desconsiderando todos os fatores de gênero, da etnia, raça e estrutura social, se torna uma informação irreal:

Reconhecer o status de mulheres brancas e homens negros como oscilante nos possibilita enxergar as especificidades desses grupos e romper com a invisibilidade da realidade das mulheres negras. Por exemplo, ainda é muito comum a gente ouvir a seguinte afirmação: “mulheres ganham 30% a menos do que homens no Brasil”, quando a discussão é desigualdade salarial. Essa afirmação está incorreta? Logicamente não, mas do ponto de vista ético, sim. Explico: mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos. Homens negros ganham menos do que mulheres brancas e mulheres negras ganham menos do que todos. Segundo pesquisa desenvolvida pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)²⁰, de 2016, 39,6% das mulheres negras estão inseridas em relações precárias de trabalho, seguidas pelos homens negros (31,6%), mulheres brancas (26,9%) e homens brancos (20,6%). (RIBEIRO, 2019, p. 21)

Sendo assim, podemos dizer que pautas sobre minorias devem ser delegadas a pessoas que pertencem a grupos vulneráveis? Pessoas brancas não podem reportar ou debater sobre casos de violência policial contra indivíduos racializados? De acordo com Ribeiro (2019), a discussão é mais profunda que isso, há um equívoco de relacionar o lugar de fala a representatividade, porque uma pessoa negra pode não se sentir representado por um homem branco, mas esse homem branco pode teorizar sobre a realidade de pessoas negras, principalmente se for com responsabilidade, considerando fatores históricos e sociais e usando do seu privilégio para ouvir as histórias desses grupos minoritários, não os silenciar.

No jornalismo, essa discussão é mais complexa, por simplesmente relacionarmos os números, pessoas negras são minorias em redações brasileiras, pautas raciais aparecem sempre expressadas com um certo receio de escrever sobre a raça, sendo reforçada o mito da democracia racial. Ao reportar um caso de violência policial considerando os dados que a cada 20 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, que em 2018, 75% dos homicídios no país as vítimas eram em sua maioria homens, pretos e pardos, contrapondo, por outro lado, que mesmo com essas estatísticas, quase metade do país não divulga a raça de pessoas mortas por violência policial³¹ podemos inferir que a realidade pode ser ainda pior. Trazer os jornalistas negros para noticiarem outros assuntos que não seja apenas sobre discussões raciais, mas também buscar fontes diversas, de visões, raças, gêneros, sexualidade e sujeitos diferentes. Demonstra uma posição mais fiel à realidade histórica do país, até mesmo cumprindo com a visão inicial do jornalismo na percepção de Traquina (2005), a realidade do que está acontecendo na sociedade.

4.2- Como é ser um jornalista preto no mercado gaúcho?

Neste tópico é apresentado os recortes das entrevistas com os jornalistas negros selecionados nas redações do Grupo RBS e na emissora SBT RS. Ressalta-se a importância dessa parte do processo de investigação, principalmente por essas pessoas serem o centro de interesse deste trabalho.

Deste modo, foram entrevistados cinco jornalistas negros, sendo três do Grupo RBS e dois do SBT RS. Os relatos compartilhados aqui têm como objetivo responder à questão

³¹ Dados da reportagem: > <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/03/quase-metade-dos-estados-nao-divulga-raca-de-mortos-pela-policia-dados-disponiveis-revelam-que-34-deles-sao-negros.ghtml><
Acesso em: 14 de março de 2021.

levantada na introdução deste trabalho: Quais os desafios enfrentados pelos jornalistas negros³² no exercício da profissão no estado do Rio Grande do Sul?

Foram realizadas seis perguntas aos jornalistas, sendo entrevistas semiestruturadas, apareceram mais questionamentos ao longo das conversas. Então, mais uma vez, foi necessário dividir os relatos por assuntos, serão apresentados em três eixos que pretendem responder questões em torno da problemática central da pesquisa:

4.2.1 - EIXO 1: Jornalismo e carreira

O primeiro grupo entrevistado, foram os jornalistas negros selecionados do Grupo RBS. A conversa inicial foi com a jornalista Isabela, na época da coleta das informações trabalhava na empresa como editora e apresentadora de um programa na Rádio Gaúcha, no processo de escrita desta monografia, ela foi desligada do veículo e trabalha atualmente em outro meio de comunicação.

Isabela, 34 anos, é formada em jornalismo pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter), a partir de uma bolsa de 50% na instituição. O jornalismo não foi sua primeira opção, foi depois de fazer um curso técnico em publicidade e propaganda e trabalhar em uma agência de eventos que ela decidiu que a comunicação seria sua área de atuação. Ela contou como foi que se encontrou na profissão:

Então, só que eu demorei a entender que o jornalismo era [o] caminho que eu *tava* procurando, *né*, mas aí depois que eu fiz o curso de publicidade, que eu trabalhei nesta área de marketing, eu vi que o caminho que eu desejava era ligado ao jornalismo. (...)Então, a decisão de fazer jornalismo sempre esteve muito ligada ao meu gosto pessoal de ler, eu acabei indo para o lado de letras porque eu achava que ‘ah! Se eu gostava muito de ler, eu tinha que trabalhar com literatura e tal’. (ISABELA, 2020, s/p)

Mesmo percebendo que gostava de ler e escrever, que comunicação poderia ser um caminho, ela explicou que nunca tinha se visto como jornalista, não via jornalistas negros na profissão e nem falando sobre o que ela se interessava. Ela explicou:

³² Pedimos licença para escrever em primeira pessoa. Neste momento, deve-se estar questionando o porquê eu usei “negro” e “preto” ao longo desse trabalho, principalmente por ter uma longa discussão de qual é o termo mais correto a se utilizar. Bom, eu como pessoa negra e pesquisadora desta investigação, não tenho problemas e utilizo os dois termos, por isso a partir daqui pode aparecer os dois modos nos diálogos com os entrevistados ou até mesmo nos relatos por eles revelados. Apenas deixo explicado que esse não é o principal problema da presente pesquisa.

(...) mas não tinha, sei lá, a Maju [Coutinho]. Sei lá *né*, a Glória Maria aparecia, sei lá, uma vez na semana ali no Globo Repórter, no Fantástico, não tinha de fato uma referência até eu me dar conta que aquela ligação que eu tinha com a comunicação, era óbvio, que se ligava ao jornalismo. (ISABELA, 2020, s/p).

Isabela trabalhou por oito anos na RBS, sendo o único veículo que tinha trabalhado até a realização da pesquisa, formada em jornalismo há mais de cinco anos. Começou a trabalhar na empresa no *Call Center*, sonhou em estagiar no grupo desde o primeiro semestre do curso e nunca conseguiu a vaga, esse anseio era porque suas principais inspirações tinham passado pela empresa. Ela contou:

(...) a referência que eu tinha de jornalista aí já era então o Renatinho Dorneles, *né*, como pessoa negra, e eu tinha um vínculo com ele em função do carnaval. Um vínculo que eu digo assim, a referência *né*, porque ele e o Renatinho Araújo também, que (...) não trabalha mais na RBS *faz* tempo, e, ele já foi do Correio do Povo também, eles faziam quando eu era criança e ouvia, *né*, matérias sobre carnaval e a RBS tinha um núcleo carnavalesco que era Cláudio Brito, enfim... na rádio. Então, eu me identificava com aquilo e eu queria tentar trabalhar lá, só que eu não consegui encontrar nenhuma vaga de estágio ou de assistente para o meu nível de escolaridade na época, então eu resolvi tentar uma vaga no *Call Center* que eu pensei assim “*tá*, eu vou entrar na empresa e vou galgando as vagas internamente da coisa”, não fazia a menor ideia que isso ia dar certo, *né*. (ISABELA, 2020, s/p).

Isabela entrou como vendedora de assinatura de jornal e então foi escalando até trabalhar na Agência RBS, dentro da redação da Zero Hora, assim como assistente e não como formada na profissão e depois de bacharel escalando até o cargo de editora e apresentadora de um programa da Rádio Gaúcha.

Enquanto Isabela precisou trabalhar em publicidade para se encontrar no jornalismo, Thomas sempre sonhou em ser jornalista. Thomas, 29 anos, na época que foi realizada a entrevista, era produtor de um programa na Rádio Gaúcha e durante a escrita desta monografia, também foi desligado da empresa. Ele contou que sempre esteve envolvido com a comunicação, quando pequeno gostava de se apresentar na escola e igreja, sendo assim foi estimulado a seguir na área do jornalismo. Ele explicou:

Eu frequentava o grupo de jovens de uma igreja perto de onde eu morava, no bairro da Imbé, na Zona Sul de Porto Alegre, a partir disso veio uma oportunidade de fazer um programa na rádio comunitária do bairro. Eu não sou de família de jornalistas, mas na minha família, meus pais sempre tiveram o hábito de consumir muita notícia, principalmente pelo meio rádio, ouviam muito rádio, assistiam muito jornal, o veículo impresso que não era muito frequente lá em casa. O rádio e a televisão, principalmente o rádio, era os mais frequentes lá em casa. Então eu tive uma influência muito grande desses dois meios, e acabei fazendo um programa de rádio, que é uma coisa que eu curti muito como ouvinte e aquele foi meu primeiro contato assim com o jornalismo. Curti muito isso. (THOMAS, 2020, s/p).

Thomas entrou na universidade com a expectativa de trabalhar na televisão, de acordo com ele, com uma visão muito superficial sobre representatividade, sendo: “querer ser uma representatividade na TV, uma representatividade preta, mas de uma forma bem inicial esse pensamento assim, nada muito estruturado, nada muito profundo.” (THOMAS, 2020, s/p). Foi no decorrer da graduação que se encontrou no radiojornalismo, mesmo que tivesse tido a experiência com a área na adolescência.

Thomas trabalhou por mais de quatro anos na RBS, entrou no final da graduação como estagiário e quando se formou foi contratado na empresa. Ele contou suas experiências anteriores com outros meios:

Antes da RBS eu trabalhei no Jornal do Comércio como estagiário da editoria de cultura, trabalhei três meses lá, eu tinha antes de lá, (...) comecei como bolsista do laboratório de TV na faculdade de comunicação da UFRGS e daí trabalhei como cinegrafista, editando vídeos, fazendo umas reportagens e tal. Dali eu fui para a Secretária de Educação de Porto Alegre onde eu trabalhava em assessoria, foi meu primeiro emprego na área assim, foi esse estágio na assessoria e trabalhei um ano e meio. E aí depois disso eu fiz uma seleção na RBS, acabei não sendo selecionado muito por causa dos horários da UFRGS, porque eu tinha aula de manhã e a vaga era de manhã, não tinha como mudar, se eu mudasse eu iria perder o semestre e daí não fui selecionado, mas depois mais para o final do semestre me chamaram para a seleção de outra vaga que era na Gaúcha [rádio], aí nessa fui chamado, enfim, *tô* lá desde então. Daí lá antes da RBS, eu trabalhei na Gaúcha e na Rádio CBN. (THOMAS, 2020, s/p).

A assistente da coluna de Economia do jornal Zero Hora, Laísa, 24 anos. Diferente dos outros entrevistados da RBS, ainda não é formada no curso de jornalismo, mas já conta com algumas experiências com a profissão. Ela iniciou a entrevista dizendo que a questão de como decidiu ser jornalista é complexa, pois ela não era uma criança que sonhava com isso, mesmo tendo uma família que consumia muita informação, através do impresso e do telejornalismo. Ela explicou como escolheu:

(...) eu decidi ser jornalista no último ano do ensino médio, porque foi quando eu tive que realmente escolher o que iria fazer, minha primeira opção era Direito e a minha segunda opção era Moda, Jornalismo era a terceira, só que eu pensei que direito eu não iria gostar, porque na minha cabeça a rotina ia ser muito igual e eu já tinha trabalhado então, eu achava assim: eu não posso escolher essa profissão que tem uma rotina muito igual, porque eu vou enjoar, então foi muito rápido. Eu comecei a pesquisar e fui naquelas feiras de profissões e também, eu visitei os laboratórios das faculdades de jornalismo e pensei ‘(...) eu tenho facilidade em me comunicar, eu gosto de assistir jornal, gosto de ler...porque não faço jornalismo?’ (LAÍSA, 2020, s/p)

Laísa começou a estagiar desde o segundo semestre de jornalismo, ficou um ano sendo assistente de fotografia do Jornal do Comércio em Porto Alegre, sendo seu primeiro contato com o jornalismo em 2016. Sua trajetória até é a RBS foi:

Eu fiquei dois anos lá, depois eu saí do Jornal do Comércio e fui estagiar numa agência de assessoria de imprensa, onde eu fiquei um ano e meio e aí eu fui para o Grupo RBS, para a Zero Hora, em maio do ano passado, início de junho do ano passado, então fez um ano que eu tô no Grupo RBS. Então, no mercado trabalhando desde 2016 e no Grupo RBS, Zero Hora, GaúchaZH, um pouco mais de um ano, *assim*. (LAÍSA, 2020, s/p)

Diferente dos entrevistados do Grupo RBS, os jornalistas negros da emissora SBT no Rio Grande do Sul, são considerados *freelancers* da empresa, por trabalharem prestando serviço a instituição, por contrato MEI (Micro Empreendedor Individual). Isso aparece de forma mais perceptível na hora que comentam como fazem seus quadros no veículo jornalístico, pois eles comandam programas com uma editoria específica.

O primeiro entrevistado da empresa foi o Gabriel, 48 anos, repórter de um quadro no Jornal SBT Rio Grande. Diferente de todos os entrevistados, Gabriel sempre sonhou em trabalhar na televisão, desde criança acompanhava o Programa do Sílvio Santos e brincava de ser o próprio apresentador. Ele explicou:

Sou jornalista desde (...) que me conheço por gente, mas em 1996 eu fiz meu registro de jornalista, *né*, eu já tinha meu registro radialista e fiz o de jornalista, porque foi cair uma lei de que não é necessário que a gente tenha curso de 4 anos, na faculdade, para poder ter esse canudo e eu aproveitei na época aquela liminar, *né*, aquela... nem foi liminar, já foi decidido que não é preciso ter curso superior. Mesmo assim, eu fui para a faculdade, estudei e para conseguir me tornar jornalista. (...) (GABRIEL, 2020, s/p).

Seu sonho sempre foi ser comunicador, trabalhou anos como radialista e na televisão, com registro de radialista e jornalista, Gabriel só ingressou na faculdade em 2017. Ele contou que em 1999 começou na Fundação Piratini de Rádio e TV, TVE, por lá ele trabalhou com rádio e televisão. Comandou por 10 anos, o programa de grande audiência do canal, o ‘Hip-Hop Sul’. Depois no mesmo canal, o “É Geral” por muitos anos, sendo os dois trabalhos que ele sente muito apreço:

“É Geral”, também foi o maior sucesso, também saiu infelizmente por questões políticas, quando muda a gestão, tem pessoas que não entendem que a cultura popular é importante e principalmente, quando ela é feita pelos gaúchos *né*, porque não porque tem que ser gaúcho, mas quando é feita pelo pessoal que é da terra *né*, tem tantas bandas de pagode, de rock, de reggae, de tudo e não tem espaço nas emissoras, porque

não utilizar uma TV pública e uma rádio pública, que é nossa (...) (GABRIEL, 2020, s/p).

O jornalista está há muitos anos no SBT, sendo uma história de idas e vindas, entrou em 2014, depois em 2016 saiu e retornou em 2019 e no período de finalização desta monografia, ainda está trabalhando para a empresa.

Enquanto Gabriel sempre sonhou em trabalhar na televisão, o segundo entrevistado do SBT, Lucas, começou na comunicação após passar por muitas áreas distintas na RBS, locutor em rádios, trabalhou na Pampa, até chegar ao SBT RS. Lucas, 44 anos, é repórter esportivo no quadro Arquibancada Grenal e está há nove anos na empresa. No ano de 1997, ele era *Office Boy* na RBS, passou para área de eventos, depois para o comercial e até procurar a área do rádio, após ganhar um curso de operador de rádio e logo se inscreveu no curso de locutor na Fundação Padre Landell de Moura (FEPLAM), ele contou como chegou a trabalhar em rádio:

(...) depois que eu comecei a fazer esse boletins esporádicos nas segundas, surgiu uma vaga na Atlântida para unidade móvel, daí eu comecei a fazer, só que na época me chamavam de [ele menciona o próprio nome] (...) fiquei na Atlântida um tempo, só que eu era muito novo, muito louco *né*, profissionalmente na questão de ir ao ar eu fazia muito bem, carismático, a gurizada gostava mesmo eu sendo um negro, isso daí até já é bom a gente começar a falar, mesmo sendo um negro dentro de uma rádio com perfil AB, jovem AB. Então eu ia em escolas como: Farroupilha, Sévigné, Rosário, Província de São Pedro...então eu ia nessas escolas aí, com um público extremamente elitista, mas a galera me curtia, só que na época eu, bah! era muito novo, o cara se deslumbra um pouco com um monte de coisa, daí eu saí. (LUCAS, 2020, s/p).

Para chegar à área que está hoje, Lucas teve muita ajuda de pessoas importantes do jornalismo esportivo na época. Formado em Marketing e concluindo a pós graduação em jornalismo, Lucas começou produzindo eventos até chegar no mercado. Ele contou como vê a profissão:

A gente tem uma competitividade muito grande dentro do jornalismo, e o jornalismo esportivo então, segmentado, é uma loucura porque tem cara mais jovem que eu que também *tá* aí nessa *vibe* assim, eles estão com gás. Então, a gente tem que estar, o tempo todo, lendo notícias, produzindo conteúdo, editando, botando voz, fazendo fotos, então tu acaba aprendendo toda essa questão do jornalismo na marra, (...) eu não tenho diploma, tenho diploma em profissional do marketing e *tô* fazendo um pós em jornalismo esportivo, *tô* pensando ainda se eu vou fazer o mestrado na área da comunicação, porque eu tenho visto que o nosso mercado ele *tá* ficando bem difícil, o jornalismo olha...aqui no Rio Grande do Sul tem poucas empresas para trabalhar, essa crise da pandemia dificultou mais ainda para que as empresas contratem outras pessoas, então eu vejo assim, a internet muito como uma saída alternativa para quem *tá* entrando hoje, ou se formando no jornalismo. (LUCAS, 2020, s/p).

A primeira percepção a partir desses recortes, é que do grupo de selecionados todos são muito múltiplos, tem sua área específicas de atuação e a maioria não sonhava ou não se via como jornalista ou algo próximo a profissão atual, a não ser Gabriel. Vale ressaltar que a falta de referências no jornalismo, da presença de pessoas negras atuando na profissão, como apontou Isabela, é algo que pode ter contribuído com a ausência do sonho de ser jornalista.

4.2.2 - EIXO 2: Racismo e ambiente de trabalho

Foi preciso perguntar diretamente aos entrevistados sobre as questões de racismo. No primeiro momento, foi possível perceber que eles não temiam falar sobre isso, principalmente como esse preconceito foi expresso durante o período de se encontrar como profissional até o exercício da profissão, e como eles se sentiram no ambiente de trabalho.

Foi questionado se no momento de trilhar o caminho até o jornalismo, sentiram que o mercado de trabalho era mais excludente para pessoas negras. Isabela, editora e produtora de um programa da Rádio Gaúcha, apontou que muitas vezes não enxerga racismo, até que seja explicitamente expressado, mesmo sabendo que faz parte da sociedade. Ela explicou como ela percebe isso:

(...) até hoje explicitamente eu nunca percebi nada, nunca passei por uma situação constrangedora de alguém ter uma atitude deste tipo, *né*. O que tu *percebe* são as expressões, as coisas que a gente vê no dia a dia, *né*. Primeiro lugar, o mais óbvio, *tu olha* pra redação inteira... por exemplo, lá pelas quatro da tarde, que eu acho que é o horário mais cheio assim, que quem entrou cedo ainda vai sair e quem tá entrando na metade do horário *tá* ali, então é o horário que *tá* quase todo mundo ali, tu *olha* e tu não *enxerga* os negros, *né*. (ISABELA, 2020, s/p).

Embora tenha declarado de não ter passado por situação de racismo, no decorrer da entrevista Isabela falou sobre um episódio de racismo que passou com uma fonte por telefone:

Mas uma coisa que me aconteceu agora recentemente, quando a gente já estava em home office, foi um dia que eu fui entrevistar a avó de uma criança, que tinha feito uma coisa que viralizou na internet, daí a avó disse que *tava* sozinha com ele porque a mãe tinha que trabalhar e tal, e quando ele não se comportava ela dizia para que iria mandar um “negão” preto ir pegar ele, aí pensa na minha reação na linha, *né*. Daí eu pensei: “putz, meu Deus, eu vou entrar no telefone e vou dar um “sacudão” nessa “véia”” (risadas). **E é óbvio que ela não tinha ideia de que eu era negra, né, do outro lado da linha, porque a gente tava se falando por telefone, né.** Mas independentemente disso *né*, poxa...e aí eu tive que ter que “engolir em seco”, *né*, porque se ela falasse isso olho no olho eu me sentiria no direito de perguntar, ter alguma reação de repreendê-la, *né*. Mas assim, por telefone, daí tu tá ali... cara, eu não soube como reagir por telefone e para mim, era inédito aquela situação. (ISABELA, 2020, s/p, grifo nosso)

A jornalista conta a situação de racismo vivenciado e relativiza o ocorrido trecho que evidenciamos com grifo. No ambiente de trabalho de Isabela, e na dos outros entrevistados da RBS, por fazerem parte de veículos localizados na redação integrada da empresa, a partir das entrevistas coletamos a informação que eram cinco jornalistas negros que trabalhavam nesse lugar. Isabela aponta outros colegas de trabalho negros, mas que estão presentes em outros ambientes, ela contou que os encontra nas reuniões do Grupo Afro da empresa. Ela explicou qual a importância desses encontros, que não são permitidos apenas pessoas negras, mas todos os funcionários do grupo:

(...) Bom, é uma total sensação de pertencimento, *né*, de se sentir em casa, porque quando a gente se encontra a gente consegue conversar, justamente, sobre essas coisas, pequenas coisas, as coisas que as pessoas não enxergam mas que a gente começa a ver, pequenas atitudes, coisas pelas quais a gente quer lutar, de tentar inserir mais pautas. E *aí* quando *tu tem* um grupo oficial assim, *aí* tu *pode* ter um representante do grupo que pode levar questões que a gente indaga, enfim, adiante [para] a diretoria, na empresa. (...) (ISABELA, 2020, s/p).

Isabela contou como ela se sentiu ao chegar no ambiente de trabalho e encontrar uma colega negra no mesmo ambiente que ela, isso para explicar como foi a sensação de acolhimento. Ela contou o dia que se encontrou com Laísa, logo depois que voltou da sua licença maternidade, chegou na redação, olhou ao redor e quando percebeu um “blackzão” (como ela pronunciou), ela logo foi dar as boas-vindas a nova colega de trabalho. Ela explicou:

(...) Porque, para *tu ver* assim, cara... **a gente não se enxerga dentro do lugar onde a gente trabalha**, entende?! Quando eu olhei para o meu canto esquerdo e enxerguei um cabelo afro assim, um “blackzão” que nem o meu e bah! fui lá falar “Olá, prazer. A gente não se conhece, eu sou a Isabela. Pô, que legal outra pessoa negra trabalhando aqui.” E daí nós ficamos muito amigas, e aí eu comecei a ter com quem dividir as minhas pautas, porque escrevo para o Diário Gaúcho sobre carnaval e eu nunca tinha ninguém para dividir aquilo dentro da redação, sabe, porque ninguém entende de coisa nenhuma, o pessoal entende de jornalismo *né*, não de carnaval. Cara para mim, é uma das coisas assim mais sensacionais, eu poder conversar com ela sobre as [pautas] que eu quero escrever, sabe?! Não tinha, claro que é uma experiência mais pessoal, óbvio, mas **para a gente entender o significado de ter alguém parecido com a gente**, então o significado de ter um grupo afro dentro da empresa, *né*. *Tu pode* ir lá chorar, desabafar, falar, tu sai dali fortalecido *assim*, todo mundo te deu apoio e ninguém te olhou com uma cara e te disse assim “Mas tu tem certeza que a pessoa foi preconceituosa e tu não tá interpretando mal?” que dá um ódio ouvir isso, *né*. Ali no grupo ninguém vai te dizer isso, todo mundo vai te entender, vai enxugar tuas lágrimas, vai te dar um abraço, então *bora lá*, vamos de novo. (ISABELA, 2020, s/p, grifos nosso).

Diferente de Isabela, Thomas já sentiu o racismo desde antes de começar na área da comunicação. Antes de trabalhar na Rádio Gaúcha e até no jornalismo, Thomas já perdeu

algumas vagas de emprego por sua cor, ele menciona que nunca falaram diretamente que era por isso, mas já foi muitas vezes até a entrevista de emprego e na hora ser informado que a vaga já tinha sido preenchida, logo quando o viam pessoalmente. Contou que:

Acabou que “dei com a cara na porta” algumas vezes, mas naquelas, tinha que fazer seleção e chegava na etapa final, ou perto da etapa final e tal, não era selecionado *assim*, mas eu não posso dizer, afirmar com todas as letras que nesses casos foram somente, esse [o racismo] foi um fator preponderante, *né*, isso eu não tenho como dizer. A RBS foi um local onde eu fiz a seleção e na primeira vez não fui selecionado, muito por conta da minha questão com a faculdade mesmo, de não ter horário, depois na segunda seleção que eu fiz eu passei. Então eu senti isso de uma forma mais forte antes, mas se a gente olhar nas redação vemos que isso é sim, um fator, porque majoritariamente brancas, muito brancas, pessoas negras são pouquíssimas nos lugares (...) (THOMAS, 2020, s/p).

Foi questionado ao jornalista, se ele já sentiu de alguma forma o racismo, na hora de desenvolver pautas, seja pelos outros jornalistas ou com fontes. Ele explicou que já sofreu preconceito de fontes, que preferiram ficar em silêncio, ou ignoravam suas tentativas de desenvolvimento da pauta. Ele explicou como que acontecia:

(...) acontece uma coisa muito curiosa assim, **muitas vezes já sofri com o silêncio, eu chegar numa fonte e chamar, pedir uma entrevista, algo assim, e ser ignorado**, muitas vezes e a gente fica no imaginário, *né*, porque aí depois tem colega que vai mandar mensagem para as mesmas pessoas e consegue contato, consegue entrevista e tal, tipo colegas brancos, **daí tu fica “bah, será se foi a abordagem que eu fiz? Será se é porque eu sou negro?”** e fica sempre nesse imaginário, porque pessoas não respondem e isso já aconteceu muito comigo, assim de ser muito ignorado, muito ignorado pelas pessoas. (THOMAS, 2020, s/p, grifos nosso).

A questão da representatividade no jornalismo foi levantada novamente, principalmente pela escassa presença de profissionais negras atuando em maior número na TV, no rádio, no jornal, não serem fontes frequentes do jornalismo resulta na falta de um imaginário social que pessoas negras podem ser o que quiserem. Podem ser advogados, engenheiros, médicos, jornalistas e etc. Como aponta este trecho da entrevista com Thomas:

Mas também tem outra coisa, *né*, que **eu enquanto, um homem negro, não sou imaginado como um jornalista do maior veículo do estado**, então quando as pessoas ouvem minha voz, quando não ali uma mensagem no *whatsapp* com minha foto, ela vai achar que eu sou branco, então tem isso, *né*, **eu não sou imaginado, não sou visto como esse corpo de um homem negro jornalista de um veículo importante**. Isso já aconteceu muitas vezes assim e muita gente... muita gente se surpreende quando sabe que eu trabalho na Gaúcha, e aí é gente de qualquer tipo, de todo o tipo assim, não imagine só uma pessoa mais velha e branca, tem de todo o tipo, gente dita progressista, “cabeça aberta” tudo mais, mas as pessoas se surpreendem porque elas não imaginam isso. Então tem isso, muitas vezes quando é a minha voz ligando, porque hoje a gente faz muita coisa pelo telefone *né*, é difícil a gente *tá* numa

pauta...eu fiz muita pauta na rua, mas muita coisa dentro da redação também, essa é uma realidade, então de ligar e conversa normal, mas pessoas imaginam que eu seja branco assim, quando elas não sabem de quem se trata. (THOMAS, 2020, s/p, grifos nosso).

Quando questionado sobre a importância de ter um Grupo Afro na instituição em que trabalha, ele contou o quanto esse acolhimento é importante para ter uma organização coletiva, para sentir a segurança de expressar as suas questões enquanto pessoa negra. Ele explicou que o grupo foi criado pela jornalista Laísa, quando trabalhava na revista Donna, com o intuito de ser um lugar para criarem uma troca. Acrescentou que:

(...) a gente precisa ter espaços seguros para a gente falar sobre as nossas questões, sobre nossos problemas, para a gente ter alguém que ouça e nos entenda e também para que a gente possa se organizar, se enxergar, para que a gente possa fortalecer o conhecimento um do outro, **porque cada pessoa tem um nível de entendimento diferente sobre sua negritude, sobre o racismo e sobre como essas dinâmicas afetam sua vida.** (...) Então a importância é essa assim, ter lugares de troca, lugares seguros, lugares para que a gente se reconheça e possa conversar entre iguais, porque é o que as pessoas brancas têm, quando tu entra num lugar e tu tem 10 pessoas brancas e uma negra, tu tem esse ambiente formado, tu tem esse ambiente de pessoas brancas que estão se reconhecendo, estão fazendo seus pares, têm pessoas que entendem suas questões e que elas estão podendo conversar e falar o que elas querem e essa pessoa negra aí vai ser só mais uma. (THOMAS, 2020, s/p, grifo nosso).

Laísa também contou como foi que percebeu o racismo no mercado de trabalho, mesmo que não tenha passado por uma situação de injúria racial ou racismo, ou tenha percebido. A jornalista contou que percebe a diferença e exclusão, quando entra na redação e observa como o número de funcionários negros é menor ao de brancos. Sendo assim:

Eu acho que assim, para mim tá estudando, que não tem relação com o mercado trabalho, parece um pouco óbvio, é pouco óbvio, **porque tu entra numa sala de aula e tu é um único negro, tu não tem professores negros, tem tu e mais um colega [negros], então querendo ou não, o mercado de trabalho vai ser um reflexo deste ambiente que é majoritariamente branco,** eu acho que não existe dúvida nisso né. Eu não tenho nenhuma situação de injúria racial por exemplo, ninguém nunca me ofendeu, mas depois de tu entrar numa redação que tem 300 pessoas e tu ser o único negro, isso já mostra, já revela o racismo estrutural que o mercado de jornalismo, de comunicação, em geral, carrega né, os dados não nos deixam mentir, os formadores de opinião são homens brancos, os coordenadores de redação são homens brancos, quando não são homens, são mulheres brancas, então, é diferente. Eu cheguei na redação, eu era a única mulher negra e tinha mais um colega, quando eu saí. (...), [No Jornal do Comércio a] redação de 100 pessoas e nenhum editor, nenhuma pessoa negra trabalhando em um lugar de liderança. Na agência onde eu trabalhei, a mesma coisa, cinco mulheres, todas brancas, eu era a única mulher negra. Na redação de GaúchaZH, a mesma coisa, dá para contar nos dedos as pessoas negras que têm lá, todo mundo se conhece né, (...), então acabou que não tem, nunca teve nenhum evento específico [de racismo] dentro das redações, mas é aquela coisa que “*tá no ar*”, sabe?! (LAÍSA, 2020, s/p, grifo nosso).

A jornalista contou uma situação de racismo que sofreu, mesmo que tenha dito anteriormente nunca ter percebido nada, ela relembra um momento quando trabalhava como estagiária na agência de assessoria que mencionou anteriormente, e se sentiu deslocada no próprio ambiente de trabalho. Contou como foi:

Tem um episódio que eu acho que é emblemático, que foi quando eu fui cobrir uma pauta no Palácio Piratini, aqui em Porto Alegre né, porque eu fazia muita assessoria para muitas empresas do agronegócio, daí tinha uma reunião com o governador sobre alguma pauta, que eu não me lembro especificamente o que era, e foi acompanhando os dois clientes da agência e eu cheguei depois dos clientes, então eu tive que me dirigir sozinha para o galpão e aí a menina que *tava* na recepção perguntou se eu tinha como provar que eu era assessora de imprensa deles, ela não acreditou que eu era, foi o primeiro dia que eu tive que chegar na agência e disse: “olha gurias, eu acho que eu preciso que a gente crie um crachá, porque eu não tenho e não é assim que as pessoas vão acreditar na minha palavra, enquanto, assessora de imprensa. Elas não desconfiam de vocês, porque vocês são mulheres brancas, não é algo que envolve o que vocês podem ser assessoras de imprensa né, não existe nenhuma dúvida, mas essa dúvida vai recair sobre mim e vai recair sobre se hoje ou amanhã eles contratarem outra pessoa negra” — outra pessoa negra que tenha um tom de pele mais escuro, a gente sabe que tem uma questão de colorismo muito forte, quanto a demonstração de racismo no país, as pessoas elas são muito mais maldosas quando mais o teu tom de pele é escuro, mais as pessoas são maldosas contigo e quanto mais tu é claro, mais tu é tolerado, isso também mostra o quão racista a gente é, porque as pessoas acho que o quanto mais branco, mais perto do branco tu é, melhor tu é. Então é indiscutível que a gente tenha um mercado de trabalho que é um reflexo do que a gente tem de estrutura social mesmo, não foge, não é diferente do que a gente tem nas outras áreas. (LAÍSA, 2020, s/p)

Laísa falou algo muito interessante que relava matizes do racismo velado quando questionada sobre a importância de um grupo afro na RBS. Ela que, de acordo com Thomas, foi a idealizadora desse projeto. Apontou que esse tipo de encontro é importante, principalmente em uma empresa tão grande como é a instituição, ela explicou o porquê:

Mesmo que isso não esteja numa placa, não esteja escrito em nenhum lugar *né*, não existe isso, **não existe nenhuma redação de jornal que ponha lá na porta: “Proibido a entrada de pessoas negras”. Mas quando tu chega nesse lugar e tu vê que não tem nenhuma pessoa negra, tu é a única, tu inconscientemente lembra dessa mensagem, né.** (...) Existem coisas que a gente vai vivenciar profissionalmente, afetivamente, socialmente, que estão diretamente ligados ao racismo estrutural, se você não tem um grupo, um colega, alguém para te ouvir neste sentido, você *tá* totalmente sozinho, porque as outras pessoas não negras *né*, não racializadas, elas não vão entender o que a gente *tá* falando, não é porque elas são maldosas, ou que elas não são legais, é porque elas não vivem, então elas não, com algumas coisas, elas não têm capacidade de digerir assim, de entender e de materializar isso, não dão tanta importância. (...) Quando a gente fala de jornalismo, a gente fala de quanto mais diverso vai ser uma redação, mais redondinha vai ser aquela informação e a gente vai passar para o leitor, para o ouvinte, para telespectador, menos chances de ter furos nas mensagens, sabe? porque às vezes a gente pensa assim: “nossa, não tem ninguém para avisar? será que não tem nenhum amigo para dizer que isso é transfóbico, que isso é homofóbico, isso é racista?” às vezes não tem, ou às vezes tem e essa pessoa não tem

o local de fala, no sentido de ela estar ali, mas ela não é ouvida. Então, quanto mais diverso forem nossas redações, menos erros a gente vai cometer e melhor vai ser o nosso produto jornalístico né, mais diverso, mais redondo. (LAÍSA, 2020, s/p, grifo nosso).

Foi importante colocar a questão de grupo de acolhimento em pauta, mas apenas os jornalistas do Grupo RBS têm essa perspectiva, mesmo que as duas fontes selecionadas do SBT RS mencionem o quanto o veículo é diverso, ainda são apenas os dois jornalistas trabalhando com MEI na empresa de televisão.

Foi questionado também aos jornalistas Gabriel e Lucas do SBT RS, se eles perceberam o mercado do jornalismo excludente para pessoas negras e se sim, como o racismo se expressou. Gabriel, repórter do Jornal SBT Rio Grande, contou que a todo o momento ele sente o preconceito e explica que ainda não se sente representado e declarou que o jornalismo brasileiro não tem que ser, nas suas palavras, um “jornalismo europeu”. Sendo assim:

com certeza, existe sim, um grande preconceito assim em cima de quem...eu vejo como um preconceito, sabe por quê? Como é que no Rio Grande do Sul, *tu vê* os grandes veículos de comunicação, se for olhar, tu vê que a minoria é negros, a grande minoria, entendeu?! Então, (...) tem alguma coisa errada, *né*, porque que não são...aqui no RS, a gente só tem uma emissora que tem apresentador negro, casualmente, essa apresentadora eu que coloquei ela, eu e um colega, nossa equipe lá do programa *É Geral*, nós [travou a ligação] ...é a única apresentadora no Rio Grande do Sul *né*, primeiro foi no TVE, depois ela foi para outra emissora que tem aqui no estado. (GABRIEL, 2020, s/p)

A ausência de representatividade nas redações é apontada nos recortes apresentado, o que pode reforçar o sistema de racismo estrutural, à medida que falta nas redações profissionais que vivenciem realidades diversas, que conheça a realidade da periferia, por exemplo:

Então, eu vou te dar um exemplo: tem um veículo de comunicação que tem um jornal impresso *né*, muitas vezes, eu cansei de ver, de ler notícias de lugares que eu conheço e que não era aquilo que *tava* escrito, entendeu?! Mas tudo bem, eu até entendo, porque naquela época que eu lia, eu leio ainda, mas quando eu via esses erros aí, eu entendia que o jornalista que estava fazendo, era aquele jornalista que tinha como bancar uma faculdade, entendeu?! Era um jornalista que os pais bancavam e ele não tinha nenhum conhecimento de como é que é comunidade, ele fazia um jornal ali, ele escrevia, aquilo que ele achava que era, é legal quando a gente vai fazer uma matéria, a gente estar lá dentro do campo, a gente olhar o local, a gente fazer o conhecimento local, saber o que é para poder contar, entendeu?! (GABRIEL, 2020, s/p)

O jornalista, que trabalha há muitos anos com a comunidade, discute assuntos que envolvem cultura negra e popular. Contou de um episódio de racismo que sofreu durante a gravação do “*É Geral*” na TVE:

Na TVE a gente foi gravar um programa, não me recordo agora qual era o município, se não me engano era Cruz Alta ou Santa Cruz, (...) então a gente gravava com caminhão em alguns lugares e o Hip- Hop Sul era gravado, de preferência, dentro de comunidades e o cenário era as vilas, era o beco, era o campinho de futebol, era a pessoas sentada numa cadeira ou assistindo pela janela, os artistas eram locais e isso dava bastante audiência sabe. Eu lembro que nós chegamos num hotel e tinha um assessor lá do prefeito, procurando o diretor do programa e aí uma hora ela veio assim: “Eu não acho esse diretor, vocês sabem onde é que tá esse diretor?” e aí o meu colega falou “nós já falamos que o diretor é esse rapaz, que está na sua frente...” daí ele olhou assim e ficou todo sem jeito, falou “bah...tá, me desculpe. não sei o que, tal, tal, tal e o prefeito tá te esperando.”, porque a TVE tinha marcado uma entrevista com o prefeito e não só para passar no nosso programa, mas também passar no jornal, porque eu também fazia o Notícias TVE, na época, ou o Jornal do TVE, (...). Então, eu sofri do assessor do prefeito, mas na mente dele não era um negro diretor do programa, ainda mais na época que eu era bem jovem, eu tinha 26 anos. (GABRIEL, 2020, s/p).

Enquanto Gabriel contou que a todo o momento percebe a exclusão, Lucas disse que nunca sentiu isso na profissão. Lucas, repórter esportivo do SBT RS, contou que nunca presenciou alguma situação de racismo nem no SBT nem mesmo nas rádios que trabalhou anteriormente, mesmo que depois ele mencione alguns casos de injúria racial, ele declarou:

Nunca deixei a cor da pele me influenciar, na questão do meu trabalho, só que eu *tô* falando por mim, (...) eu sou um exemplo de pessoa negra que estudou em escola particular, que tem uma estrutura familiar boa, financeiramente, nunca passei dificuldade na vida por questões financeiras assim, com a minha família, eu sozinho sim, mas com a minha família não. Meu pai é formado em engenharia mecânica, tem duas engenharias inclusive, meu pai é um *cabeção*, minha mãe também é outra *cabeçada*, formada em letras, é funcionária pública federal, a maioria dos meus amigos a minha volta são brancos. Então não posso dizer que fui um cara sofrido, sobre a questão do racismo, mas nem por isso eu não fui discriminado, em algumas situações. (...) Mas dentro do trabalho, teve uma ou duas situações, que não sai da minha cabeça até porque foi uma decepção que eu tive, com torcedores do Internacional,(...) mas dentro da torcida do Inter eu já sofri discriminação por ser negro, uma vez em Caxias...aquela cidade não é fácil, eu *tava* lá fazendo um material do arquibancada para o SBT e chegou um cidadão, no meu lado, ficou me olhando de cima a baixo, aí ele veio com o sotaque dele, da colônia italiana enfim, ”Mas tu não *tem* cara de repórter, tu não parece repórter...” daí eu senti *né*, que quando ele olhou de cima a baixo para mim e falou aquilo, obviamente ele *tava* falando que eu não tinha cara de repórter porque eu sou negro (...) (LUCAS, 2020, s/p).

Interessante observar a partir dos recortes, que mesmo os entrevistados sendo pessoas que falam abertamente de racismo, leem sobre as questões, ainda sentem medo de contarem suas experiências com o preconceito. Como foi apontado por todas as fontes, nunca é percebido até que seja explicitamente, isso é mais uma das ferramentas do racismo estrutural. Não é por não reconhecer o preconceito, que ele vai parar de existir, isso é mais um mecanismo de reforçar o mito da democracia racial.

4.2.3 -EIXO 3: O negro único

No episódio 66 do podcast Vida de Jornalista,³³ publicado no dia 26 de julho de 2020, Flávia Oliveira³⁴ mencionou o quanto foi pega de surpresa com o convite para participar do especial sobre racismo do “Em Pauta” da GloboNews, e durante a gravação do programa recebeu a notícia que iria fazer parte do elenco fixo na bancada. Quando Rodrigo Alves, que conduz a entrevista, pergunta se é da vontade dela falar sobre questões raciais, ela declarou: “Eu tenho que falar. Eu tenho que falar porque o Brasil é o Brasil, e porque eu sou essa voz que pode ser ouvida nesse tema, mas eu me ressinto também, de estar confinada a essa [pauta], ser obrigada a falar sobre isso.” (OLIVEIRA, 2020 s/p).

Flavia Oliveira comentou na entrevista para podcast, o quanto colocar sujeito negro para falar e ser porta-voz de assuntos relacionado a raça é uma expressão do sistema racista, como se grupos minoritários devem “carregar a agenda de um povo” como ela fala. Mas por que isso acontece? De alguns anos para cá, o conceito lugar de “Lugar de Fala” tomou as redes sociais e os meios de comunicação, principalmente relacionado à representatividade. Isso percebemos nas três entrevistas citadas anteriormente: Nikole Hanna-Jones no New York Times, declarando que se não fosse por ela na redação, o jornal nunca criaria um projeto relacionado a participação da população negra na história dos EUA; Maju Coutinho exemplificou esse sentimento na entrevista para o Café da Manhã da Folha de S. Paulo, mencionado anteriormente. Ela contou que nas reuniões de pauta já sugeriu abordagens e fontes para que ficasse mais diverso e ainda declarou “Não sou Wiki Preta”. Trazemos estes exemplos porque tem relação com uma das questões apresentadas aos jornalistas entrevistados para a presente investigação.

Seguindo a lógica interpretativa, foi questionado aos entrevistados desta monografia, como é organizado as reuniões de pauta, se eles já sentiram em algum momento pressionados a falar sobre um assunto ou até delegados às editorias, ou passaram por racismo durante a apuração de alguma reportagem.

Isabela, editora e produtora de um programa na Rádio Gaúcha, contou que nunca percebeu nenhuma diferença na hora de distribuição de pautas, mas falou como se sente em relação a aderir pautas que sejam relacionadas a discussões raciais,

(...) O que eu poderia dizer que eu sinto assim é que **eu sinto pouca aderência a pautas que a gente tenta levar em relação a negritude, ao racismo**. Eu sinto que o jornal poderia abraçar isso mais *né*, mas em relação às pautas assim, ainda não senti,

³³ #66 Flávia Oliveira: Jornalismo e Socioeconomia. Disponível em: ><https://open.spotify.com/episode/1HEMa6MVJwjXnNpup2q4R3?si=WB8bp3nXRz6aNTBuDgCSpw> < Acesso em 12 de março de 2020.

³⁴ Jornalista de economia e indicadores sociais. Colunista na editoria de “Sociedade”, do O Globo. Comentarista de Economia no ‘Estúdio I’, no telejornal da Globo News.

até porque, infelizmente, a gente faz muitas pautas por telefone, *né*. Então essas pessoas não estão te vendo e em tese não estão sendo preconceituosas, *né*. (ISABELA, 2020, s/p, grifo nosso).

Mesmo que a jornalista diga que nunca percebeu um episódio onde foi tratada diferente ou foi exigida a cobrir uma pauta por ser negra, ela disse que já percebeu esse tratamento com um colega de redação, além de muitas vezes sentir que as pessoas supõem qual é sua história antes mesmo de falar sobre sua vida. Sendo assim:

(...) muitas vezes, eles pressupõem que por tu ser negro tu *tem* uma vivência de periferia. A minha família é classe-média, bem média, mas eu nunca morei na periferia, nunca morei no morro. Eu tenho uma experiência neste sentido porque eu sou de uma família carnavalesca, então, eu sempre tive contato com pessoas que moram na periferia, nos morros e tudo mais, porque esse era meu círculo de amizade, dentro do carnaval. Mas eu, especificamente, nunca morei, eu não sei como é, daqui a pouco, tu não ter o esgoto encanado e tu morar na beira do “valão”. Eu não sei como é isso. Eu sei como é a vida de amigos, de pessoas que me contam, eu propriamente, não vivi essa experiência. Então, o que a gente percebe é que, muitas vezes, eles partem do princípio, sejam editores ou sejam colegas teus, partem do princípio de que tu por ser negra, diz na tua cara que *tu é* negra e que morou na periferia, na beira do “valão”, entendeu? (...) (ISABELA, 2020, s/p).

Então, foi questionado a Isabela, e aos outros entrevistados, se eles acreditam que o mercado gaúcho está preparado para a inserção de jornalistas negros nas pautas e nas redações. A jornalista declarou que não acredita estar, há iniciativas na empresa em que trabalhava, mas num geral, ainda é excludente. Ela explicou:

(...) infelizmente, **a população negra demora mais para ter o nível de escolaridade, especialização, de pessoas brancas que nasceram com oportunidades melhores** e eu já vi que tem planos, em empresas assim, que pensando tentam contratar negros em vagas que tenham um nível melhor, porém, não com a mesma exigência que, de repente, eles teriam para poder inserir as pessoas negras, *né*. Então, talvez esse fosse o caminho, hoje eu vejo que o Grupo RBS tem um núcleo de atração e diversidade, que eles chamam, que é um projeto para tentar ser menos preconceituoso possível com negros, com LGBTQIa, mulheres, enfim para tentar dar um melhor encaminhamento nessas questões. (ISABELA, 2020, s/p, grifo nosso).

Thomas tem uma percepção semelhante a de Isabela, ele que foi mencionado anteriormente por Maurício, chefe de reportagem da Rádio Gaúcha, como o repórter convidado para abordar discussões raciais, por ser seu lugar de fala enquanto negro, ele explicou: “(...) convidamos o Thomas que normalmente é produtor, ele não entra tanto no ar, que inclusive, ele gosta, reflete sobre isso e estuda sobre isso, ele é um cara muito envolvido sobre a causa.” (MAURÍCIO, 2020, s/p). Thomas contou sua perspectiva, essa diferença na hora de propor

pautas, já que ele geralmente não abordava discussões raciais no veículo, mas sempre era requisitado para esses assuntos. Ele explicou:

Eu trabalhei um tempo como repórter, hoje sou produtor, eu fazia com pautas gerais assim, de tudo um pouco, a questão até de começar a pautar o racismo, fazer pautas sobre isso vem muito mais de mim, de uma percepção, de uma necessidade de que essas pautas... não só que as falem sobre racismo, mas falem sobre questão de negritude, essas coisas precisavam ser contadas e não estavam sendo. Então teve uma percepção minha, até pelo meu envolvimento mais no movimento negro, de integrar um coletivo sobre masculinidade negra e começar a me aprofundar mais em algumas coisas, então sugestões vem muito de mim, de fazer isso. Eu fazia muita pauta geral assim, de polícia, de falta de água, falta de luz, muito coisa assim. Mas sim, já aconteceu de colega tipo me manda um... sei lá, hoje em dia tem muito isso, *né*, de tipo **as pessoas confundem muito o que “lugar de fala” e se aproveitam disso muitas vezes, para não falar *né*, pessoas brancas fazem muito isso, e sei lá, tem um boletim de racismo, acontece um caso de racismo, qualquer coisa, tipo manda para mim, para eu ler, ou é uma pauta que eu ia me interessar, alguma coisa assim, isso ocorre.** Daí dessa forma, **essas pessoas, elas não lidam, elas não precisam lidar com o incômodo de ver isso, de ver o que a branquitude acaba fazendo, *né*, elas passam para outra pessoa negra fazer.** Outra coisa assim, não é porque eu me interesse por pesquisar, por estudar, por ler alguns assuntos ou por esse tipo de assunto, que eu vou estar sempre disposto a fazer alguma coisa ou só eu irei fazer *né*, isso acontece. (THOMAS, 2020, s/p, grifos nossos).

A fala de Thomas corrobora com as afirmações mencionadas no início deste tópico a partir das entrevistas de Maju Coutinho e Flávia Oliveira. Entrando na questão mencionada por Flávia na entrevista no início deste tópico, sobre como as pessoas negras são pressionadas a carregar a agenda de um povo. Thomas declarou sua opinião sobre isso de uma maneira muito interessante, a partir de um exemplo de uma proposta de emprego que recebeu, onde ele seria um repórter nas comunidades, mas ele não aceitou por perceber que sempre o colocam nesse lugar, sendo assim:

(...) eu acho muito legal, **mas eu não acho que deva ser a única possibilidade de um repórter negro em uma emissora** e eu não aceito muito por causa disso. **Porque é a gente entrar numa caixinha**, talvez se eu *tivesse* precisando no momento eu teria, se eu tivesse desempregado ou qualquer outra coisa, eu teria aceitado, mas eu *tô* trabalhando na Gaúcha, tenho minhas funções, *tava* bem com isso *né*, *tô* bem com isso. Então eu pude recusar a proposta, pude pensar melhor sobre isso, **não condenaria alguém que fizesse, até porque eu acho uma função muito importante**, mas eu repito, **não deve ser o único lugar de um negro, um repórter negro.** (THOMAS, 2020, s/p, grifos nossos).

Laísa que trabalha como assistente na coluna de Economia da Zero Hora, ela também contou como vê a organização de pautas no ambiente em que trabalha. A jornalista declarou que nunca percebeu nada com ela, principalmente por trabalhar dentro de uma editoria

específica, mas reconhece que acontece com outras pessoas negras nessa mesma profissão. Ela compartilha sua percepção sobre isso:

As pessoas brancas não refletem sobre a branquitude delas, não refletem, elas não pensam “Ah! vou fazer um trabalho refletindo sobre [como] o impacto da branquitude na distribuição midiática afeta Porto Alegre.” Nem pensar! Cabe aos negros fazer uma matéria, fazer um trabalho, fazer uma pesquisa, fazer um dossiê, seja lá o que for, porque eles não se opõem. Então, esse lugar fica totalmente com as pessoas negras, **“Ah! vocês querem ter protagonismo? Querem que tenha matérias diversas? Façam.”** e não deveria ser assim. Mas na redação...nunca [aconteceu] assim, porque eu tô num lugar que não permite negros, como eu entrei para um assunto muito específico e eu trabalho com uma pessoa que é muito respeitosa, ela me escuta muito, tenta entender esses processos. **O que já aconteceu é a gente, justamente, incluir fontes de pessoas negras na coluna, mas sem estarem falando de racismo.** (LAÍSA, 2020, s/p, grifos nossos).

A fala de Laísa exemplifica a importância de redações diversas, ou seja, abrir espaços para a população negra se fazer presente, além de pautas sobre racismo ou sobre violência. A possibilidade de serem fontes de outros temas também relevantes para a sociedade. Diferente dos outros jornalistas entrevistados no Grupo RBS, Laísa foi questionada sobre como se vê na sua especialização e no lugar em que ocupa, como uma jornalista de economia. Ela explicou que no Rio Grande do Sul não consegue pensar em nenhuma referência negra na sua área, nacionalmente, ela mencionou Flávia Oliveira. Contou uma experiência que passou onde percebeu que era minoria nesse ambiente:

Eu fui cobrir a Expointer por exemplo, que é um dos principais eventos da economia no estado e eu acho que era a única mulher negra, na sala de imprensa, por exemplo. Então, *tu sabe* que é praticamente ter que invocar referências, porque não existem, então tu vai estudar pesquisadores brancos, homens na maioria das vezes, tu vai na palestra, quem vai que palestrar na faculdade? **Negros são como se não existissem no mercado, porque eles não são chamados para fazer palestra nas faculdades. (...) Quando você é negro você faz, praticamente, duas graduações, porque tem a graduação que todo mundo tem, que são as suas referências [brancas] e depois vai buscar as suas próprias,** praticamente, dois trabalhos ao mesmo tempo. (LAÍSA, 2020, s/p, grifo nosso).

Enquanto o grupo selecionado da RBS mencionou que vê tratamento diferente, os dois jornalistas do SBT RS, declararam nunca ter lidado com esse tipo de tratamento, por jornalistas negros serem delegados a pautas raciais, mas eles compartilham visões interessantes sobre isso.

Gabriel, repórter do Jornal SBT Rio Grande, é um jornalista que por muitos anos cobre pautas e assuntos que envolvem as comunidades de Porto Alegre, tanto na emissora em que trabalha quanto nas anteriores, ele sempre abordou cultura e raça. O jornalista contou que tem uma visão muito diferente do que os outros esperam da sua especialização, declarou o quanto

não gosta dos estereótipos que existem pelas pessoas que moram nas comunidades e percebe que muitas vezes, muitos jornalistas não vão cobrir reportagem por medo desses lugares.

Diferente de todos os entrevistados, Lucas, repórter esportivo do SBT RS, contou que nunca percebeu nenhuma diferença no seu ambiente de trabalho. Na sua área de especialização ele conta que encontra muitos jornalistas negros presentes, tanto no rádio como na televisão, mas muito poucos no entretenimento, ou com algum destaque no meio.

Lucas traz algo muito mais interessante sobre sua vivência enquanto jornalista esportivo, ele conta que muitas vezes, por tratar de um assunto do entretenimento, sofre com uma estigmatização, onde o público não aceita quando ele fala sobre assuntos mais sérios, que envolvam sua vivência como pessoa negra e isso o deixou em uma posição de defesa, que por muitos anos deixou de compartilhar suas opiniões até mesmo em suas redes sociais. Ele contou:

(...) com o SBT por exemplo, porque lá eu tenho um papel de divertido, carismático, palhaço, fanfarrão, que é a cara do SBT e todas as vezes que eu quis ser mais racional, explicar melhor uma questão do jogo, o pessoal não gostou muito, quando eu tive que usar mais meu cérebro para mais esse tipo de coisa, criar tese sobre o futebol, sobre como o Inter tá atuando, por que isso? Porque que o negro não pode também racionalizar em cima de situações, assusta né, pô eu no início do ano, *tava* fazendo um textos, coisa mais linda, eu tirei todos os textos e eu não sei porque eu tirei sabe, o meu Instagram pessoal quero usar eles mais para essas coisas, das minhas ideias, das minhas ansiedades, de comportamento, que ninguém é perfeito na vida né, sempre comete um erro ou outro em várias situações da vida, mas eu quero o meu pessoal mais para isso. Hoje eu voltei a fazer de novo, fiz um textão (...), talvez eu faça vídeos falando sobre isso de novo, *né*, (...) (LUCAS, 2020, s/p).

Esse é o tópico mais interessante da presente pesquisa, a partir dos recortes apresentados aqui e nos anteriores sobre as visões dos gestores de cada veículo, podemos observar como que realmente é organizado os ambientes de trabalho na presença de jornalistas negros.

4.3- Antirracismo e futuro

Durante o processo de realização das entrevistas, por ser um roteiro semiestruturado, foi possível adicionar questões de acordo com o que ia sendo revelado. Então, desde a primeira entrevista feita com o gestor da Rádio Gaúcha, surgiu uma pergunta e que iremos apresentar neste tópico, para aprofundarmos a visão dos veículos com a questão do sistema de racismo.

Questionamos a cada entrevistado se eles acreditam que o veículo que trabalhavam estava se tornando antirracista e se na visão deles, a comunicação gaúcha também. Apenas ao jornalista Gabriel do SBT RS não foi feita esta questão, mas iremos mostrar a visão dos outros. Interessante é observar como os jornalistas negros enxergam essa questão em contrapartida aos

gestores, que de alguma forma compartilharam de opiniões parecidas. Então será apresentado a seguir os recortes dessa pergunta em dois eixos.

4.3.1 EIXO 1: Perspectiva dos gestores

Maurício, chefe de reportagem da Rádio Gaúcha há três anos, foi o gestor que mais compartilhou o pensamento sobre diversidade e a importância disto para uma grande empresa, como o Grupo RBS. Quando questionado, a partir de todas as questões anteriores e lavando em conta quantos jornalistas negros o veículo que gerencia tinha contratado e a cerca do conteúdo transmitido; se ele acreditava que a empresa estava caminhando para uma comunicação antirracista, ele opinou positivamente:

Sim. Estamos caminhando para uma comunicação antirracista, embora o processo de desconstrução é permanente e diário, sem nunca baixar a guarda, porque todos nós, falo por mim, falo por outros gestores que estão conscientes disso. Diariamente a gente tem que trabalhar com discurso de desconstrução racista, **porque nós somos racistas, sendo pessoas brancas.** (...) é um trabalho permanente assim de evitar que sejamos interpretados desse jeito, para que não sejamos racistas e mais do que isso, nos tornarmos antirracistas. (MAURÍCIO, 2020, s/p grifo nosso)

O jornalista, mesmo que tenha declarado positivamente a sua opinião, ainda apontou que vê isso como um caminho inicial, uma iniciativa muito recente da empresa em que trabalha. Maurício não respondeu apenas isso, quando havia acabado as questões e estava encerrando a entrevista, ele acrescentou uma visão interessante sobre a presente pesquisa:

Eu queria dizer que gostei da proposta, que é uma reflexão importante para nós gestores, que mesmo em instâncias acima de mim, meio que se constroem um pouco por pensar “o que vamos fazer para tentar atrair pessoas diferentes?”, acho que essa é uma reflexão que há tempo atrás não se tinha em esferas de gestão, nas grandes esferas de gestão da empresa, acho que as empresas estão percebendo que essa é uma política socialmente aceita, mas ao mesmo tempo isso renova a nossa audiência porque agora a gente inova para o consumo dos nossos produtos, a gente investe em pessoas com olhares diferentes, a gente produz coisas diferentes. (...) E pensando também, *tu não me perguntou* isso, mas na condição de chefe de reportagem, eu penso que **um dos desafios que temos além de ampliar nosso leque de repórteres, produtores editores, são os gestores negros e esse é o próximo passo.** Porque os negros já se enxergam como repórteres, como jornalistas, mas falta gestores ainda, então já é um passo à frente, que já se está trabalhando na RBS para inverter essa cultura. (MAURÍCIO, 2020, s/p, grifo nosso).

Não muito diferente de Maurício, o editor digital da Gaúcha ZH, Douglas, também reflete positivamente sobre a questão da diversidade na redação integrada da RBS, reconhecendo também que é um caminho inicial, até refletindo sobre o sistema de racismo estrutural. Sendo assim:

(...) Para mim, acho que não tem nenhuma dúvida aqui, (...) **acho que são poucos, ainda não é o suficiente, tudo que eu disser eu ainda acho que não é o suficiente que ainda pode mais, tá!?** (...) Enfim, acho que existe esse esforço e que existe um caminho, acho que *tá* colocado o caminho, *tá* posto de ser mais diversificada a redação, **ela precisa ser mais diversificada, ela precisa espelhar o que é a sociedade e nesse momento ela não, proporcionalmente, não espelha.** E eu acho que esse caminho foi iniciado (...), mas ainda tem muito a avançar. Eu acho que a redação caminha para ser, eu acho que a redação é uma redação antirracista, eu acho que é, com suas nuances obviamente, o racismo é estrutural, isso não vai...não tem como tirar, mas acho que isso sim, acho que *tá* bem colocado esse de não aceitar determinadas coisas, essas questões mais básicas de combate ao racismo estrutural e o racismo diário, acho que estão super bem colocadas *né*. (DOUGLAS, 2020, s/p, grifos nossos).

A questão para a jornalista e editora-chefe da Zero Hora, Laura, também parece um assunto muito pesquisado por ela. Apontou que não pode falar pelo jornalismo gaúcho, apenas pela RBS, ela acredita que estão se tornando antirracistas, menciona que o assunto é discutido na redação e também acredita ser apenas o início. Ela explicou:

Não sei do jornalismo gaúcho como um todo, eu não tenho como avaliar outros veículos, mas a RBS sim, (...) a questão de ser antirracista é muito [discutida], nós temos fóruns de debates na redação, é uma questão que ao *tu* contratar um repórter negro ele *tá* sendo muito ouvido, para justamente ver se a gente vai acertando o tom, se a gente *tá* dando um espaço e se (...) estamos acompanhando, é uma preocupação que alguns anos atrás não existia, eu posso te falar assim que hoje essa preocupação (...) *tá* muito forte, muito presente. Como eu te disse antes, **acho que um pouco tarde, é uma preocupação que não deveria estar começando agora e sim, quando eu entrei na redação, por exemplo, quando eu tinha tua idade. Enfim, o fato é que mudou, isso é muito importante, agora se já chegamos no nível ideal? Não, não chegamos.** Estamos evoluindo, caminhando e eu acho que temos que acelerar. (LAURA, 2020, s/p, grifo nosso).

Enquanto os gestores selecionados do Grupo RBS, pensam que estão em um caminho para o antirracismo, Fabrício, gerente de jornalismo do SBT RS há sete anos, demonstra não querer se posicionar, e até uma isenção em torno do assunto. Mas acredita que o veículo está engajado nas mudanças e na diversidade. Sendo assim:

A comunicação gaúcha? Eu acho que tem vários lados assim, eu acho que a gente dizer que a comunicação gaúcha num modo geral, é você pegar muitas empresas e muitas emissoras *né*, e eu como gestor, posso falar pelo o SBT contigo, acho que a gente consegue fazer uma comunicação que não é nem racista, nem antirracista, a gente faz uma cobertura de um modo geral. Mas eu acho que cada vez mais, os grupos de comunicação estão engajados em campanhas, isso é perceptível *né*, seja ela de raça, gênero, de sexo... eu acho que ela cada vez mais as empresas se envelopando nessas campanhas. Então eu acho que tem crescido muito, agora como eu te falei, eu posso falar pelo SBT *né*, dizer uma comunicação de um modo geral eu acho que aí fica meio difícil, porque a gente sabe que tem gente que não tem esse compromisso. (FABRÍCIO, 2020, s/p).

Percebemos que a questão da diversidade pela maioria dos gestores entrevistados, é uma questão já bastante debatida. Maurício e Douglas dão a impressão de conhecer e pesquisar sobre o sistema de racismo, não só nessa questão, mas nas anteriores isso se mostra bem perceptível. Obviamente, não esperávamos uma negativa deles, sabendo que eles não iriam mostrar nada que pudesse apontar aspecto que prejudicasse a imagem da empresa em que trabalham, mesmo assim é interessante para reflexão.

4.3.2 EIXO 2: Perspectiva dos jornalistas negros

Para Isabela, produtora e editora de um programa da Rádio Gaúcha, quando questionada sobre o antirracismo na redação que atua e na comunicação, ela declarou que sim, está mais evidente para ela o quanto o mercado está mudando. Mas aponta que há um receio ainda em se declarar antirracista. Ela explicou:

(...) baseado nas minhas experiências pessoais, **eu acho que a gente tem ganhado mais voz e mais pessoas têm tido coragem de dizer, nem que seja só para ti, que querem ser antirracistas**, porque o que acontece muitas vezes é que infelizmente pessoas que são mais “públicas” e precisam da mídia, de seguidores enfim, acho que às vezes elas têm um certo receio de se declarar antirracista e receber toda a enxurrada de críticas que os racistas fazem. Só *tu reparar* que toda vez que tem uma matéria sobre isso enche de comentário pejorativos e falando que é mimimi, dizendo um monte de coisa ruim. (...) Então **eu percebo que existe um movimento mais interno assim e tímido, claro. Mas para mim, é melhor do que antes né**, porque eu entendo que de repente, essa pessoa não vai ir no *Instagram* dela fazer um vídeo dizendo que ela é antirracista, mas eu particularmente, se eu tiver numa sensação que aconteça algo assim e a pessoa tiver junto ela vai tentar me ajudar, vai ir ao meu favor, isso para mim, já tem um grande avanço porque quando tu *tá* numa situação constrangedora, quando tu sofre um preconceito nem sempre tu tem aquela atitude de te defender de imediato, às vezes *tu tomou* um choque primeiro e às vezes a pessoa que *tá* de fora tem uma reação melhor que tu, *né*. (ISABELA, 2020, s/p, grifos nossos).

Enquanto Isabela observa positivamente o cenário de uma mudança devagar, mas que está acontecendo. Thomas, produtor de um programa da Rádio Gaúcha, apontou que ainda não

está vendo nada muito efetivo, para ele o jornalismo precisa de uma revisão quanto a apuração de matérias de discussão racial. Ele declarou:

Eu acho que tá engatinhando, para a gente caminhar para uma comunicação antirracista nos veículos tradicionais, e até nos alternativos, por que não?!, porque a gente tem muito veículo alternativo que não tem pessoa negra nas redações, nas equipes... para gente caminhar para isso precisa de uma, que eu posso chamar assim, de uma reforma, de uma reforma por exemplo, que pare de criminalizar digamos, ou de suprimir o fator racial em notícias, por exemplo: **quando acontece um crime de racismo nos EUA, a manchete é que “um homem negro foi assassinado pela polícia”, quando acontece isso aqui não, a gente não vê, o fator racial some das manchetes**. O menino Miguel caiu do prédio e em nenhum momento dizia que ele era negro, fato dele ser negro era uma coisa importante naquela notícia, porque mostrava toda uma caracterização de uma família branca, com a empregada negra, uma mulher negra tendo que cuidar de cachorros enquanto o filho *tá* tipo, *procurando ela* sozinho no prédio e morre, *tá* ligado?! E esse tipo de reflexão (...) não é feito, é pouco feito *né*, o quanto esses padrões são repetidos pela imprensa, de modo geral. (...) Então, eu acho que hoje em dia a gente começa a ter assim, uma autocrítica. **Como a gente vai ter uma imprensa antirracista sem jornalistas negros nos veículos tradicionais, ou alternativos?** São questionamentos que eu vejo que começam assim, pouco feitos, começam a ser feitos, mas ainda de uma forma “engatinhando” muito e pode ser um processo demorado, pode ser mas tem que se admitir isso muito mais do que fazer coisas, textos e hashtags e imagem. (THOMAS, 2020, s/p, grifos nossos).

Laísa, assistente da coluna de Economia da Zero Hora, também compartilhou uma visão parecida com Thomas, mas diferente de todos, ela enxerga que a comunicação não está mudando, que há uma cobrança da audiência, mas ainda observa um cenário pouco positivo. Sendo assim:

Eu acho, de verdade, que a gente não está caminhando para uma comunicação antirracista, a gente tá caminhando para um questionamento social, a passos bem lentos assim (...). Essa transformação não é para agora, não é para um dois, três, ou quatro anos não, porque ela vai depender da base, a gente precisa que tenha mais pessoas negras se formando, (...) mais pessoas negras que tenham vontade de trabalhar nos veículos de massa, a gente precisa que as pessoas acreditem e que essas pessoas resistam nesses espaços. **Eu acho que a gente tá caminhando para a aceitação de pessoas negras nesses espaços, a gente tá aprendendo a normalizar**, (...), é isso que a gente tá aprendendo a fazer. (...) Agora dizer que a nossa comunicação é antirracista?! (aceno de cabeça em negação) não é. **Não é, porque ao mesmo tempo que temos uma audiência que faz essa exigência de antirracismo, a gente tem outra parte muito conservadora, crescendo**. É sempre assim, quando temos um avanço de pautas raciais, feministas, de pautas que lutam, pelas ditas, minorias, a gente tem um avanço muito grande de uma audiência conservadora e não é assim para romper, porque envolve dinheiro, quando a gente pensa em empresas de comunicação, a gente tem que pensar que são empresas feitas para dar dinheiro, para dar lucro e quem é que tem dinheiro nesse país?! (...) **Então, eu acho que vai demorar muito tempo para a gente chegar no nivelamento, vai demorar muito, porque envolve dinheiro, envolve audiência e envolve uma mudança estrutural muito grande**. Eu não acho que a gente tenha tão rapidamente, uma comunicação antirracista. (...) (LAÍSA, 2020, s/p, grifos nossos).

Os jornalistas selecionados do SBT RS, durante as entrevistas tiveram dinâmicas de perguntas diferentes, por isso passou despercebido o fato de que o Gabriel, repórter da comunidade do Jornal SBT Rio Grande, não foi questionado sobre o antirracismo, mas sua última questão foi se ele sentia que o mercado gaúcho está preparado para a inserção de jornalistas negros nas pautas e nas redações. Ele respondeu:

Olha, eu acho que ele ainda não é preparado não, eles recém estão se preparando, porque eles têm que pensar que o leque é grande, porque aquele neguinho que eles *tireoteram* e mataram e falaram que é traficante e já foi preso, lá naquela mesma vila tem um negrinho, tem uma negrinha, que pode estar ali sentado na redação também, sentado e fazendo o jornal. **Então isso ainda tá indo devagar, (...) mas o processo tá indo, porque a gente tem [que] ter jornalistas negros também na redação, mas ocupando também cargos de chefia, porque daí ele vai entender a necessidade de contratar profissionais negros e negras né, indígena...**eu vi isso num canal fechado, num canal acho que do governo federal, que tem um menina que ela tetraplégica, se não me engano, e ela é uma repórter, tem outros que tem síndrome de down e que são repórteres, apresentadores, isso é legal, porque as pessoas conseguem se ver e a gente tem que se ver. É um processo (...), eu fico feliz por ter pessoas, que de uma certa forma, deram essa oportunidade para mim e o Fabrício é um deles, a Cissa Kremer, da Band, é uma delas, lá na TVE foi o Paulo Leônidas, mas foram poucas pessoas que me deram a oportunidade e me sinto feliz, por poder ter essa oportunidade. (GABRIEL, 2020, s/p, grifo nosso).

Mesmo que a questão não seja a mesma feita aos outros, podemos perceber que a visão do jornalista é parecida com a opinião dos anteriores, acreditando que o mercado está se preparando para a diversidade, mas ainda é excludente.

Já Lucas, repórter esportivo do SBT RS, contou que o que mais percebe é o senso de comunidade por parte dos jornalistas negros, que isso é uma coisa que ele percebe acontecendo na hora de indicar para os veículos. Mesmo que não diga diretamente a palavra “antirracismo”, o jornalista indica isso como uma boa iniciativa para mais diversidade no jornalismo.

O que é legal é que assim, até *tava* conversando com o Glauco sobre isso, é legal que o negro ele *tá* se quilombando *né*, ele fala *né*, ele *tá* se unindo, que era algo que a gente não via acontecer, que a gente vê acontecer na comunidade judaica, que a gente vê acontecer na comunidade italiana, na germânica, na chinesa, na árabe... *putz* na árabe, eu tenho uma parte árabe na família e é tudo unida, os árabes são tudo unidas, então, o negro tem que ter também isso. “Ah, tem um amigo meu que tem uma padaria aqui do lado de casa, pequena e é negro, vamos lá consumir... vamos nos ajudar, vamos nos unir.” eu acho que aos poucos, *tá* começando a acontecer isso, principalmente na área da comunicação, com os negros na comunicação. (...) Tudo isso que a gente *tá* vendo, tem a ver com o que aconteceu lá atrás *né*, com o racismo estrutural... então temos que nos unir, tem que olhar para o negro como teu irmão, que é aquilo que fizeram com a gente lá, quando nos trouxeram para cá, que dividiram pai e filho, mãe de filho, irmão de irmão, aquilo lá, é o que eu acho que é o maior terrorismo contra a humanidade, tu dividir as pessoas que se amam *né*, e que tem os mesmo sangue correndo nas veias. (LUCAS, 2020, s/p)

A questão do antirracismo ainda é muito recente na sociedade, assim como reconhecer o sistema de racismo estrutural, ainda vivemos o mito da democracia racial e tentamos a todo o momento apagar a história de opressão do passado, perpetuada no presente. Além de ser um processo de desconstrução demorado, tanto para pessoas negras quanto para pessoas brancas, como explica na citação: “O processo envolve uma revisão crítica profunda de nossa percepção de si e do mundo. Implica perceber que mesmo quem busca ativamente a consciência racial já compactuou com violências contra grupos oprimidos.” (RIBEIRO, 2019 p.5-6).

A ação de querer não falar de racismo, ou negar que se é racista, é um mecanismo de renovação desse sistema de opressão. De acordo com Ribeiro (2019), a prática antirracista é urgente, principalmente considerando o sistema de racismo um preconceito que está em constante atualização. A questão não é individual, se você é racista ou não, mas o que está fazendo efetivamente para combater o racismo?

Foi apontado anteriormente nesse trabalho que a representatividade não é a única iniciativa eficiente no antirracismo, os grupos identitários de acolhimento nas empresas, a constante pesquisa e discussão nas reuniões de pautas, representatividade no conteúdo transmitido, seja por fontes profissionais quanto por fontes bibliográficas. É preciso reconhecer o preconceito antes mesmo de ser questionado, já pensar em ações de combate para além do individual. Sendo assim:

Devemos aprender com a história do feminismo negro, que nos ensina a importância de nomear as opressões, já que não podemos combater o que não tem nome. Dessa forma, reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo. Não tenha medo das palavras “branco”, “negro”, “racismo”, “racista”. Dizer que determinada atitude foi racista é apenas uma forma de caracterizá-la e definir seu sentido e suas implicações. A palavra não pode ser um tabu, pois o racismo está em nós e nas pessoas que amamos—mais grave é não reconhecer e não combater a opressão. (RIBEIRO, 2019, p. 10).

E por que isso também é uma missão de pessoas brancas? Pessoas negras desde sempre lidam com o preconceito, desde a infância precisam enxergar o mundo a partir de seus lugares sociais (RIBEIRO, 2019). É preciso rever a branquitude também, reconhecer privilégios e relações de poder, não perpetuar a ideia de que somos todos iguais, “não vejo raça”, porque o sistema estrutural vê.

Para além disso, é não se excluir de debates raciais e estudar sobre o assunto, como jornalista precisa se manter atualizado perante as questões da sociedade. Então o racismo não é um assunto de nicho, é um assunto que atravessa a todos. Como mencionado anteriormente, o

“Lugar de Fala” discute justamente o *locus social*, não exclui grupos sociais em posição de poder, apenas reconhece que pessoas partem para pensar e existir no mundo, de acordo com suas experiências no mundo. (RIBEIRO, 2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado neste trabalho, o Brasil é historicamente um país construído em cima do sistema de racismo estrutural, sendo esse um preconceito que sobrevive em constante atualização. Utilizando de várias ferramentas de manutenção, não há um âmbito social onde o racismo não esteja presente (ALMEIDA, 2019). Pensando no Rio Grande do Sul, como recorte desta pesquisa, o estado se estabeleceu se beneficiando deste sistema, e mesmo não explicitamente, propagando uma história única (ADICHIE, 2019), onde os negros não estão inseridos.

O jornalismo gaúcho reflete o racismo estrutural e pela percepção que tiramos das entrevistas com os gestores, ainda existe um certo receio de como a audiência irá receber notícias e assuntos que mostrem que existem histórias e pessoas negras no estado. O que mais chama atenção é que mesmo sabendo que existe o preconceito, assuntos que envolvem discussões raciais são tratados de forma pouco responsável ou destinadas a um público de nicho, mesmo que durante a investigação percebamos que há uma mudança acontecendo, a audiência está refletindo e pedindo por mais pautas diversas e reais. Em questão de jornalistas negros contratados, ainda são minoria no ambiente de trabalho e ainda como relatamos, dois dos entrevistados foram desligados dos veículos analisados.

Além disso, durante todo o processo de investigação foi constatado o quanto é preciso discutir raça, mesmo que a sociedade tenha receio de falar essa definição, foi assim que esse país e estado foi constituído, com a noção de raça e discriminação social estabelecida a partir desse entendimento. Como vimos anteriormente, a raça por muito tempo, foi uma forma de firmar posições na pirâmide social brasileira. (SPERANZA, 2017) Isso reflete nos conhecimentos deturpados de lugar de fala e representatividade, que mesmo que falemos sobre esses dois termos, ainda há dúvidas que precisam ser expostas e discutidas.

Não há mudança no jornalismo sem representatividade, sem contratação e sem pluralidade. Mas a diversidade não acontece ao empregar uma pessoa negra e não oferecer mais oportunidades e equidade na hora de designar vagas, não tornar o ambiente de trabalho um lugar seguro e de acolhimento, faz com que essa representatividade seja uma iniciativa pouco efetiva, que a longo prazo não fará diferença. Os números apresentados mostram o quanto é preciso mais pessoas trabalhando, pessoas que se sintam bem-vindas no ambiente de trabalho e livres para trilhar um plano de carreira, por exemplo, que sejam um dia gestores desses veículos.

Durante a realização das entrevistas, o racismo estrutural foi reforçado em algumas falas, tanto dos gestores quanto dos jornalistas negros, que mesmo que não explicitamente,

percebemos reflexos do sistema. Ao naturalizar o preconceito e a falta de pessoas negras no ambiente de trabalho, demonstram ser coisas comuns e que não serão resolvidas. Existem recortes que mostram o quanto os jornalistas negros já parecem acostumados com o tratamento, que muitas vezes naturalizam ações que acontecem no ambiente de trabalho e esperam por isso, já sendo uma opressão comum a cultura brasileira.

A questão propulsora deste trabalho foi: **Quais os desafios enfrentados por jornalistas negros no exercício da profissão no Rio Grande do Sul?** Então, sistematizamos a seguir, a partir das entrevistas, alguns tópicos que auxiliam a visualização de quais os desafios enfrentados por jornalistas negros no exercício da profissão no Rio Grande do Sul, apontando assim respostas para a pergunta problema desta pesquisa:

- Poucas referências negras no jornalismo brasileiro e no jornalismo gaúcho;
- Sentimento de ser um “corpo estranho” na redação, pois há poucos profissionais negros atuando nas redações investigadas na pesquisa;
- Expressões do racismo estrutural como, por exemplo, serem identificados como os únicos jornalistas capazes de tratar de temas sobre preconceito racial, racismo e temas afins;
- Ser ignorado por fontes no desenvolvimento de pautas;
- Perceber pouca aderência às pautas sobre negritude e racismo por parte das redações que atuam;
- A meritocracia como via de ingresso no mercado de trabalho, como fica claro na resposta do setor de RH apresentado nesta pesquisa;
- Não ser imaginado como jornalista, simplesmente por ser negro;
- Redações pouco ou nada diversas;

Objetivo geral desta pesquisa era identificar quais os desafios dos jornalistas negros no exercício da profissão no Rio Grande do Sul, o que foram encontrados. Além disso, também cumprimos com a mapeamentos das funções ocupadas pelos jornalistas selecionados, em que maioria, se encontravam em editorias gerais e sendo delegados a pautas que não necessariamente, eram sua especialidade, apenas por serem negros, como pautas de racismo e discussões raciais. Nenhum dos entrevistados ocupava algum cargo de liderança na redação, sendo minorias em números, eram quatro jornalistas negros na redação integrada da RBS (Rádio Gaúcha, GaúchaZH e Zero Hora), e dois na emissora SBT Rio Grande do Sul.

Por fim, ressaltamos: Quando Ribeiro (2019) escreve que é preciso ser mais do que não racistas, mas sim antirracistas, explicando que é preciso refletir o seu lugar social e sua raça.

Refletir sua raça! Porque foi a partir dela que a pirâmide social foi construída. Precisamos discutir raça, porque ao negar que existe um significado social a esse conceito de 'raça', negamos o sistema de racismo e ao negá-lo, o reforçamos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

AGÊNCIA BRASIL. **Negros são maioria entre desocupados e trabalhadores informais no país**. Disponível:><https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-11/negros-sao-maioria-entre-desocupados-e-trabalhadores-informais-no-pais>< Acesso em: 27 de Abril de 2020.

ALBANESE, Bruno Cuter. Por um herói da Tropa: uma análise discursiva da reportagem de capa da Revista Veja. **Língua, Literatura e Ensino**-ISSN 1981-6871, v. 8, 2015.

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. In: RIBEIRO, Djamila. **Feminismos Plurais**. Editora Jandaíra, São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Forense universitária, 2007.

BARDIN, Laurence; Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70. **Obra original publicada em 1977**.

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Escravidão no Brasil: Projeto de escravos e escravidão da Biblioteca Nacional**. Online: 1999. Disponível em:><http://bndigital.bn.gov.br/projetos/escravos/introducao.html>< Acesso em: 17 de Maio de 2020.

BREED, Warren. **Controlo social na redação - uma análise funcional**. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999.

BONIN, Jiani. Revisando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy. **Metodologias De Pesquisa Em Comunicação:Olhares, Trilhas E Processos**. 2 ed. Porto Alegre; Sulina, 2011.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Preconceito racial: Portugal e Brasil-Colônia**. Ed.3. São Paulo. 2005.

CARTA CAPITAL. Onde estão os negros e negras na moda? Disponível em:><https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/onde-estao-os-negros-e-negras-na-moda/>< Acesso em: 27 de Abril de 2020.

COLETIVA.NET. **Gaúchos são maioria no top10 dos +Premiados Jornalistas da História**. Disponível em:> <https://www.coletiva.net/jornalismo-/gauchos-sao-maioria-no-top10-dos-premiados-jornalistas-da-historia.291425.jhtml>< Acesso em: 27 de Abril de 2020.

COSTA, Guilherme Souza. Uma leitura sociocrítica do jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro (1948-1950).- Dissertação de mestrado Universidade Estadual de Londrina. 2015.

COUTINHO, Maju. Maju Coutinho: 'Eu não sou Wikipreta'. Podcast Café da Manhã. Folha de S. Paulo. Spotify. Fevereiro de 2021. Disponível em: > https://open.spotify.com/episode/10ZZrmeTTa0xHukKEe37D9?si=nZF_f9yMRUejAsjhvqYUOg< Acesso em 12 de março de 2021.

EDIGIO, Priscila Mion. Racismo, negação e discurso: uma análise crítica de dois eventos ligados a práticas racistas na mídia brasileira. - Dissertação de mestrado Universidade Federal do Espírito Santo. 2016.

GAÚCHAZH. Lista de A a Z: Colunistas. Disponível: ><https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/a-z/>< Acesso em: 27 de abril de 2020.

GEMMA. **Jornalismo Brasileiro: gênero e cor/raça dos colunistas dos principais jornais do país.** Disponível:><http://gema.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-genero-cor-raca-dos-colunistas-dos-principais-jornais/>< Acesso em: 27 de Abril de 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Editora Vozes, 2000.

IBGE. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil.** Disponível em: >https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf< Acesso em: 22 de fevereiro de 2021.

JONES, Nikole Hannah-. 'Diversidade é crucial para fazer bom jornalismo', diz vencedora de Pulitzer. Fernanda Mena. Folha de S. Paulo. São Paulo. Edição Imprensa Ano 101, N° 33, 549. Fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/02/diversidade-e-crucial-para-fazer-bom-jornalismo-diz-vencedora-do-pulitzer.shtml> Acesso em: 12 de março de 2021.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? São Paulo: Sueli Carneiro. Editora Jandaíra, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** Companhia das Letras, 2019.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. "**Racismo: a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil**". 20 de novembro de 2017. Disponível em: ><https://nacoesunidas.org/racismo-a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-e-assassinado-no-brasil/> <Acesso: 19 de maio de 2020.

NEXO, Jornal. **A busca pela equidade racial na comunicação em programa do 'Nexo'.** Disponível em: > <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2021/03/08/A-busca-pela-equidade-racial-na-comunica%C3%A7%C3%A3o-em-programa-do-%E2%80%98Nexo%E2%80%99>< Acesso em: 12 de março de 2021.

NEW YORK TIMES. **Building a Culture That Works for All of Us.** Disponível em: > <https://www.nytc.com/company/diversity-and-inclusion/a-call-to-action/> < Acesso em: 12 de março de 2021.

NEW YORK TIMES. **New York Times Calls for Workplace Changes in Diversity Report.** Disponível em: > <https://www.nytimes.com/2021/02/24/business/media/new-york-times-workplace-diversity.html>< Acesso em: 12 de março de 2021.

OLIVEIRA, Flávia. #66- Flávia Oliveira: Jornalismo e socioeconomia. Rodrigo Alves. Podcast Vida de Jornalista. Spotify. Disponível em: > https://open.spotify.com/episode/1HEMa6MVJwjXnNpup2q4R3?si=sd1H_qc5QbiHuFmepM_wSw < Acesso em: 12 de março de 2021.

OSÓRIO, Helen. Para além das charqueadas: estudo do padrão de posse de escravos no Rio Grande do Sul, segunda metade do século XVIII. **III Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**, 2007.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX.** Selo Negro, 2014.

PIAUI. **Letra preta: Os negros na imprensa brasileira.** Disponível em:> <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/letra-preta/>< Acesso em: 27 de abril de 2020.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA DA UFSC. Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país. Disponível em: > <https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf><. Acesso em: 27 de abril de 2020.

QUIRINO, Kelly Tatiane Martins. Enquadramentos e Advocacy sobre o genocídio de jovens negros: análise da cobertura da Folha de S. Paulo. - Tese em doutorado Universidade de Brasília. 2017.

ROSA, Isabel Cristina da. Racismo em pauta: a pluralidade confrontada no noticiário da Folha de S. Paulo na década de 2000 - Dissertação de mestrado Universidade de Brasília. 2011.

SANTOS, Thais Vital dos. "Era só mais um Silva que a estrela não brilha": a legitimação do racismo institucional do Caso Cláudia Silva Ferreira no jornalismo online. - Dissertação de mestrado Universidade Federal da Paraíba. 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira.** Editora Companhia das Letras, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. **São Paulo: Companhia das Letras**, p. 99-133, 1993.

SILVA, O. A.; ROSEMBERG, F. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: VAN DIJK, T. A. Racismo e Discurso na América Latina. São Paulo: Contexto, 2008.p. 74-117.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOUSA, Aryclennys Silva. Entre a cordialidade e o branquíssimo: o discurso racista na representação social da pessoa negra no jornal Folha de S. Paulo. – Dissertação de mestrado Universidade Federal de Goiás, 2019.

SPERANZA, Clarice Gontarski. Branco, preto, pardo, moreno ou escuro? Classificações raciais nas carteiras dos trabalhadores gaúchos (1933-1945). **Tempos Históricos**, v. 21, n. 1, p. 100-124, 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Insular, 2005.

UOL. **Homem Negro Morre Após ser Espancado em Supermercado de Porto Alegre**. Disponível em: ><https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/11/20/video-mostra-homem-sendo-e-espancado-por-segurancas-do-carrefour-no-rs.htm> < Acesso em: 22 de fevereiro de 2021.

UFRGS. **Oliveira Silveira — Poeta da Consciência Negra do Brasil**. Disponível em:> <https://www.ufrgs.br/oliveirasilveira/>< Acesso em: 22 de fevereiro de 2021.

VAN DIJK, T. A. Racismo e Discurso na América Latina. São Paulo: Contexto, 2008.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)- GESTOR

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **O Jornalismo tem cor: Quais os Desafios Enfrentados por Jornalistas negros no Rio Grande do Sul?** desenvolvida por Danielle Vaz Maciel, discente de graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, sob orientação da Professora Dra. Sara Alves Feitosa.

O objetivo central do estudo é identificar quais os desafios enfrentados pelos jornalistas negros no exercício da profissão no Rio Grande do Sul, visando assim mapear as funções que estes jornalistas ocupam no mercado de trabalho, observando como a redação se estabelece sob a perspectiva de diversidade étnica, encontrando o percentual de negros presentes nas redações do estado.

Seu relato como gestor de redação será importante para a pesquisa, no sentido de realizar o mapeamento e investigação do cenário do jornalismo gaúcho. Devido o contexto da pandemia de Covid-19 e o distanciamento social a metodologia da pesquisa foi alterada, inicialmente o mapeamento destes profissionais seria realizado in loco. Além disso, como gestor de redação de empresa jornalística você pode contribuir na investigação no sentido de esclarecer se há ou não política de diversidade na redação em que atua. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma.

Serão tomadas as seguintes medidas e/ou procedimentos para assegurar a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas: os nomes serão substituídos por fictícios e toda e qualquer informação que possa identificar o participante será ocultado, apenas informações necessárias para o resultado da pesquisa serão utilizadas. Somente a pesquisadora e orientadora do trabalho, que se comprometeu com o dever de sigilo e confidencialidade terão acesso a seus dados e não farão uso destas informações para outras finalidades, contudo, informações como

a instituição de trabalho e cargo serão preservados, os gestores serão identificados a partir disso e os jornalistas com o título da profissão, não especificando à qual redação estão inseridos.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista semi-estruturada à pesquisadora do projeto assegurando o profissionalismo e respeito ao entrevistado. A entrevista será realizada em videoconferência e deverá ser gravada, no entanto, o participante terá a liberdade de solicitar o encerramento da gravação a qualquer minuto, podendo também requisitar o vídeo a qualquer momento, estes arquivos serão armazenados e transcritos em arquivos digitais, mas somente terão acesso a pesquisadora e sua orientadora. O tempo necessário para o desenvolvimento da entrevista será de até uma hora.

Se houver algum dano, decorrente da presente pesquisa, você terá direito à indenização, através das vias judiciais, como dispõem o Código Civil, o Código de Processo Civil, na Resolução nº 466/2012 e na Resolução nº 510/2016), do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

A pesquisa não trará benefícios imediatos ao participante, contudo, como o objetivo geral é de mapear, encontrar e identificar os jornalistas negros nas redações jornalísticas do Rio Grande do Sul e quais os desafios enfrentados no exercício da profissão, estes dados poderão ser importantes para o desenvolvimento de políticas de diversidade nas redações e tem potencial de contribuir com outros estudos a serem realizados sobre a temática desta investigação.

A intenção desta pesquisa é identificar os desafios e observar o cenário jornalístico gaúcho, sob o olhar de experiências de profissionais negros, portanto, qualquer risco de constrangimento, de dano emocional e social, será ocultado da pesquisa, podendo o participante solicitar a exclusão da informação. Bem como, a entrevista pode ser interrompida e perguntas podem ser ignoradas caso alguma delas provoque algum dano ou mal-estar no entrevistado

Os resultados desta pesquisa serão apresentados aos participantes conforme a proximidade de defesa do trabalho de conclusão de curso, mas lembrando que a qualquer momento o participante poderá solicitar a exclusão de suas informações. Este projeto poderá ser divulgado não apenas uma vez, na publicação e apresentação a banca, mas também poderá ser utilizado em trabalhos futuros da pesquisadora, como por exemplo, artigo científico ou reportagens digitais.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unipampa. O Comitê é formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas

Tel do CEP/Unipampa: (55) 3911-0202, voip 2289

E-Mail: cep@unipampa.edu.br

<https://sites.unipampa.edu.br/cep/>

Endereço: Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592

Prédio Administrativo – Sala 7A

Caixa Postal 118 Uruguaiana – RS

CEP 97500-970

Se desejar, consulte ainda a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep):

Tel: (61) 3315-5878 / (61) 3315-5879

E-Mail: conep@saude.gov.br

Pesquisadora responsável: Sara Alves Feitosa - Tel (cel): 55. 99999.7785

e-mail: sarafeitosa@unipampa.edu.br

Tel (cel): (55) 98438-72-93

e-mail: daniellevazmaciel99@gmail.com

_____, dia ____ de _____

Nome e Assinatura do Pesquisador – (pesquisador de campo)

Informo que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa intitulada **O Jornalismo tem cor: Quais os Desafios Enfrentados por Jornalistas negros no Rio Grande do Sul?** e concordo em participar.

Autorizo a gravação da entrevista por filmagem.

Não autorizo a gravação da entrevista de imagem por filmagem.

(Assinatura do participante da pesquisa)

Nome do participante:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)- JORNALISTA

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **O Jornalismo tem cor: Quais os Desafios Enfrentados por Jornalistas negros no Rio Grande do Sul?** desenvolvida por Danielle Vaz Maciel, discente de graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, sob orientação da Professora Dra. Sara Alves Feitosa.

O objetivo central do estudo é identificar quais os desafios enfrentados pelos jornalistas negros no exercício da profissão no Rio Grande do Sul, visando assim mapear as funções que estes jornalistas ocupam no mercado de trabalho, observando como a redação se estabelece sob a perspectiva de diversidade étnica, encontrando o percentual de negros presentes nas redações do estado.

Seu relato como jornalista e pessoa negra, será importante na pesquisa, para assim realizar o mapeamento e investigação do cenário do jornalismo gaúcho, já que não será possível estar presencialmente nesses ambientes devido às medidas de distanciamento social impostas pela pandemia de COVID-19. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma.

Serão tomadas as seguintes medidas e/ou procedimentos para assegurar a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas: os nomes serão substituídos por fictícios e toda e qualquer informação que possa identificar o participante será ocultado, apenas informações necessárias para o resultado da pesquisa serão utilizadas. Somente a pesquisadora e orientadora do trabalho, que se comprometeu com o dever de sigilo e confidencialidade, terão acesso a seus dados e não farão uso destas informações para outras finalidades, contudo, informações como a instituição de trabalho e cargo serão preservados, os gestores serão identificados a partir disso e os jornalistas com o título da profissão, não especificando à qual redação estão inseridos.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista semiestruturada à pesquisadora do projeto assegurando o profissionalismo e respeito ao entrevistado. A entrevista será realizada em videoconferência e deverá

ser gravada, no entanto, o participante terá a liberdade de solicitar o encerramento da gravação a qualquer minuto, podendo também requisitar o vídeo a qualquer momento, estes arquivos serão armazenados e transcritos em arquivos digitais, mas somente terão acesso a pesquisadora e sua orientadora. O tempo necessário para o desenvolvimento da entrevista será de até uma hora.

Se houver algum dano, decorrente da presente pesquisa, você terá direito à indenização, através das vias judiciais, como dispõem o Código Civil, o Código de Processo Civil, na Resolução nº 466/2012 e na Resolução nº 510/2016), do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

A pesquisa não trará benefícios imediatos ao participante, contudo, como o objetivo geral é de mapear, encontrar e identificar os jornalistas negros nas redações jornalísticas do Rio Grande do Sul e quais os desafios enfrentados no exercício da profissão, estes dados poderão ser importantes para o desenvolvimento de políticas de diversidade nas redações e tem potencial de contribuir com outros estudos a serem realizados sobre a temática desta investigação.

A intenção desta pesquisa é identificar os desafios e observar o cenário jornalístico gaúcho, sob o olhar de experiências de profissionais negros, portanto, qualquer risco de constrangimento, de dano emocional e social, será ocultado da pesquisa, podendo o participante solicitar a exclusão da informação. Bem como, a entrevista pode ser interrompida e perguntas podem ser ignoradas caso alguma delas provoque algum dano ou mal-estar no entrevistado

Os resultados desta pesquisa serão apresentados aos participantes conforme a proximidade de defesa do trabalho de conclusão de curso, mas lembrando que a qualquer momento o participante poderá solicitar a exclusão de suas informações. Este projeto poderá ser divulgado não apenas uma vez, na publicação e apresentação à banca, mas também poderá ser utilizado em trabalhos futuros da pesquisadora, como por exemplo, artigo científico e apresentação em eventos científicos.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unipampa. O Comitê é formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas

Tel do CEP/Unipampa: (55) 3911-0202, voip 2289

E-Mail: cep@unipampa.edu.br

<https://sites.unipampa.edu.br/cep/>

Endereço: Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592

Prédio Administrativo – Sala 7A

Caixa Postal 118Uruguaiana – RS

CEP 97500-970

Se desejar, consulte ainda a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep):

Tel: (61) 3315-5878 / (61) 3315-5879

E-Mail: conep@saude.gov.br

Pesquisadora responsável: Sara Alves Feitosa - Tel (cel): 55. 99999.7785

e-mail: sarafeitosa@unipampa.edu.br

Tel (cel): (55) 98438-72-93

e-mail: daniellevazmaciel99@gmail.com

_____, dia ____ de _____

Nome e Assinatura do Pesquisador – (pesquisador de campo)

Informo que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa intitulada **O Jornalismo tem cor: Quais os Desafios Enfrentados por Jornalistas negros no Rio Grande do Sul?** e concordo em participar.

Autorizo a gravação da entrevista por filmagem.

Não autorizo a gravação da entrevista de imagem por filmagem.

(Assinatura do participante da pesquisa)

Nome do participante:

INSTRUMENTOS DA PESQUISA TCC:

ROTEIRO ENTREVISTA CHEFES DE REDAÇÃO

- 1) O intuito desta pesquisa é observar, encontrar e mapear as funções dos jornalistas negros nas diferentes redações jornalísticas do Rio Grande do Sul, portanto, a primeira questão é quantos negros existem hoje contratado no [inserir aqui o veículo em questão]?
- 2) É possível afirmar que houve um aumento de contratação de pessoas negras neste veículo durante os anos que comanda a redação em questão? Pode se considerar uma redação diversificada?
- 3) Há quantos negros neste veículo? agora considerando cada editoria, por exemplo na editoria de esporte tem um negro, na de moda nenhum e etc.
- 4) Na hora de contratação quais são os pré-requisitos para ser admitido no veículo? Há algum projeto de formação ou inclusão de minorias?
- 5) Neste veículo pautas com enfoque em ações de inclusão e diversidade do movimento negro são incluídos nas agendas de transmissão?

ROTEIRO ENTREVISTA JORNALISTAS NEGROS

- 1) Quando você decidiu que queria ser jornalista?
- 2) Quantos veículos de comunicação você trabalhou?
- 3) Enquanto estava à procura de emprego no jornalismo, sentiu que o mercado de trabalho era mais excludente para pessoas negras? Se sim, como o racismo se expressou?
- 4) Quantos negros tem/tinham no seu ambiente de trabalho?
- 5) Alguma vez você já sentiu ser tratado de modo diferente de outro jornalista branco? Como pautas ou editorias sugeridas apenas a você?
- 6) Na hora de desenvolver a pauta, contatar as fontes e depois desenvolver a reportagem na redação diante de outros jornalistas, você já sentiu o racismo de alguma forma nesse processo de apuração? Tanto com outros jornalistas ou com fontes?
- 7) Na área de sua especialização é possível encontrar outras pessoas negras?
- 8) De acordo com a ética e a forma de fazer Jornalismo, como uma redação é organizada com a presença de jornalistas negros? Você percebe alguma diferença nas editorias e pautas?
- 9) O mercado gaúcho é preparado para a inserção de jornalistas negros nas pautas e nas redações brasileiras?

ENTREVISTAS TRANSCRITAS:

GESTORES:

Maurício, Rádio Gaúcha: > <https://docs.google.com/document/d/1sxbsnAln4pQXq1c-Tbz-kpLR5MBigCqNZYSvv7PM3jM/edit?usp=sharing> <

Douglas, Gaúchazh: >
https://docs.google.com/document/d/1LWHewn7_UKt6LuknRoA8LpIvqNas7278hz8r8kD1COW/edit?usp=sharing<

Laura, Zero-hora: > <https://docs.google.com/document/d/1eYyh9HJxok24ueK-ForNrIDxcG7LhUr7FLnMO-WtgT0/edit?usp=sharing> <

Fabício, Sbt Rs:>
https://docs.google.com/document/d/1MMxPM4Yqxl8T2J6V2zCCa_kelfFfiYfiXLUXO72gieI/edit?usp=sharing <

JORNALISTAS NEGROS:

Isabela:>

https://docs.google.com/document/d/1I6loYOWGTrCLIMjOw6AESd_fnXox4gsy6jLHIftWfYQ/edit?usp=sharing <

Thomas:

>https://docs.google.com/document/d/1QgxuA39b8xkYXc2T9FmepK0W7cd5ncPDJ4_952qWHTo/edit?usp=sharing <

Laísa: >

https://docs.google.com/document/d/1vF9IXURG6ZBluQjX0gVZNc_PqLMsOCcGu1NBi1R61kY/edit?usp=sharing<

Gabriel: > <https://docs.google.com/document/d/1BU72t1it1Z6AmtjhyIDA2FLRxj1V9tULiS-neDf0Fjo/edit?usp=sharing> <

Lucas: >

<https://docs.google.com/document/d/11q1QnftIdXBCfvlwEU77jPXTvoJhA3JM8FSTQwxg6U/edit?usp=sharing><

ANEXOS



Universidade Federal do Pampa

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O Jornalismo tem cor: Quais os Desafios Enfrentados por Jornalistas negros no Rio Grande do Sul? **Pesquisador:** Sara Alves Feitosa

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 39865920.8.0000.5323

Instituição Proponente:Fundação Universidade Federal do Pampa UNIPAMPA **Patrocinador**

Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.570.079

Apresentação do Projeto:

As afirmações elencadas nos campos “Apresentação do Projeto”, “Objetivos da Pesquisa” e “Avaliação dos Riscos e Benefícios” foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1639644, de 25/02/2021).

Trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em jornalismo, que investiga os desafios enfrentados por jornalistas negros no exercício da profissão no estado do Rio Grande do Sul. Parte-se do pressuposto que o racismo é estrutural na sociedade brasileira e que este aspecto interfere na experiência profissional e no estabelecimento de uma carreira de negros no jornalismo. A questão problema que norteia a pesquisa é: Quais os desafios enfrentados por jornalistas negros no exercício da profissão no Rio Grande do Sul? Embora se tenha claro que esta característica não se restringe a um único estado, o recorte geográfico desta pesquisa centra-se no RS, mais especificamente nas redações de empresas jornalísticas sediadas em Porto Alegre. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizará o instrumento de entrevista semiestruturada, aplicada remotamente(devido a pandemia de COVID19), com profissionais de jornalismo das empresas RBS (TV, Rádio e Jornal) e SBT. Além de jornalistas negros pretende-se entrevistar as chefias dos veículos investigados para compreender o contexto de contratação e políticas de diversidade nas empresas de comunicação.

Endereço: BR 472 - Km 585. Campus Uruguaiana

Bairro: Prédio Administrativo - Sala 23 - Caixa **CEP:** 97.501-970

UF: RS **Município:** URUGUAIANA

Telefone: (55)3911-0202 **E-mail:** cep@unipampa.edu.br

Página 01 de 04



Universidade Federal do Pampa

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA



Continuação do Parecer: 4.570.079

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Identificar quais os desafios dos jornalistas negros no exercício da profissão no Rio Grande do Sul.

Objetivo Secundário:- Mapear quais as funções ocupadas por jornalistas negros no Rio Grande do Sul;- Observar como é distribuída as funções para jornalistas negros em diferentes redações; - Identificar o percentual de negros estão presentes nas redações do estado.- Descrever os desafios de jornalistas negros no exercício da profissão no RS;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: No caso das entrevistas com jornalistas negros há o risco que constrangimentos, de alguma questão provocar lembranças dolorosas para o entrevistado. Mas diante de qualquer risco de constrangimento, de dano emocional e social, será ocultado da pesquisa, podendo o participante solicitar a exclusão da informação. Bem como, a entrevista pode ser interrompida e perguntas podem ser ignoradas caso alguma delas provoque algum dano ou mal-estar no entrevistado.No caso das entrevistas com gestores de redação a entrevista pode causar constrangimento à medida que o entrevistado pode perceber-se racista ou já ter cometido atitudes racistas na chefia. Mas diante de qualquer risco de constrangimento, de dano emocional e social, será ocultado da pesquisa, podendo o participante solicitar a exclusão da informação. Bem como, a entrevista pode ser interrompida e perguntas podem ser ignoradas caso alguma delas provoque algum dano ou mal-estar no entrevistado. Ao aceitar participar da investigação as fontes receberão informações detalhadas sobre o teor da entrevista e que estas poderão provocar algum desconforto emocional, dando ênfase para a autonomia do/da participante em negar-se a responder algumas questões. As fontes da investigação serão informadas ainda que se entenderem necessitarem, terão o devido apoio das pesquisadoras, seja para conversar como se sente em relação aos fatos e mais especificamente com informações e orientações de serviços de apoio psicológico de saúde pública.Também será lembrado aos colaboradores da investigação que a participação é voluntária e que têm em seu poder a decisão de desistir em qualquer momento do estudo ou optar por não responder às questões apresentadas.No processo de coleta desta pesquisa é possível nos depararmos com relatos de crime relacionado a racismo. Entendemos que se no decorrer da investigação nos deparemos com casos de racismo previsto por lei o papel das pesquisadoras é orientar os caminhos e a necessidade de denúncia formal do crime. No entanto, não nos parece nosso papel como pesquisadoras empreender denúncias que possa vir a ser identificada durante a investigação.

Benefícios: A pesquisa não trará benefícios imediatos ao participante, contudo, como o objetivo

Endereço: BR 472 - Km 585. Campus Uruguaiana

Bairro: Prédio Administrativo - Sala 23 - Caixa **CEP:** 97.501-970

UF: RS **Município:** URUGUAIANA

Telefone: (55)3911-0202 **E-mail:** cep@unipampa.edu.br

Página 02 de 04



Universidade Federal do Pampa

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA



Continuação do Parecer: 4.570.079

geral é mapear, encontrar e identificar os jornalistas negros nas redações jornalísticas do Rio Grande do Sul e quais os desafios enfrentados por estes no exercício da profissão, os dados poderão ser importantes para o desenvolvimento de políticas de diversidade nas redações jornalísticas e tem potencial de contribuir com outros estudos a serem realizados sobre a temática desta investigação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo nacional unicêntrico de caráter qualitativo. Estudo acadêmico referente a um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) visando a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.Patrocínio: Financiamento próprio. País de origem: Brasil.Número de participantes incluídos: 8.Centros de pesquisa no Brasil: Universidade Federal do Pampa.Previsão de início e encerramento do estudo: 30/09/2020 - 16/07/2021.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo “Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações”.

Recomendações:

Vide campo “Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações”.



Universidade Federal do Pampa

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA



Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Parecer referente a versão 4 do projeto inserido na PlatBr em 25/02/2021.

Pendências atendidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe a pesquisadora responsável encaminhar os relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo “relatório” para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Norma Operacional CNS n° 001/13, item XI.2.d.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1639644.pdf	25/02/2021 10:08:03		Aceito
Outros	cartarespostaapendencias.pdf	12/12/2020 09:46:30	Sara Alves Feitosa	Aceito
Outros	INSTRUMENTOSDAPESQUISATCC.pdf	12/12/2020 09:42:41	Sara Alves Feitosa	Aceito
Declaração de	TC.pdf	19/10/2020	Sara Alves Feitosa	Aceito

Endereço: BR 472 - Km 585. Campus Uruguaiiana

Bairro: Prédio Administrativo - Sala 23 - Caixa **CEP:** 97.501-970

UF: RS **Município:** URUGUAIANA

Telefone: (55)3911-0202 **E-mail:** cep@unipampa.edu.br

Página 03 de 04



Universidade Federal do Pampa

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA



Continuação do Parecer: 4.570.079

Pesquisadores	TC.pdf	13:50:28	Sara Alves Feitosa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOSIPPEE.pdf	19/10/2020 11:30:18	Sara Alves Feitosa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEGESTOR.docx	19/10/2020 11:28:13	Sara Alves Feitosa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEJORNALISTASNEGROS.docx	19/10/2020 11:27:40	Sara Alves Feitosa	Aceito

Folha de Rosto	FolhadeRostoASSINADA.pdf	15/10/2020 18:11:27	Sara Alves Feitosa	Aceito
----------------	--------------------------	------------------------	-----------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

URUGUAIANA, 03 de Março de 2021

Assinado por:

Rafael Lucyk Maurer (Coordenador(a))

Endereço: BR 472 - Km 585. Campus Urugaiana

Bairro: Prédio Administrativo - Sala 23 - Caixa **CEP:** 97.501-970

UF: RS **Município:** URUGUAIANA

Telefone: (55)3911-0202 **E-mail:** cep@unipampa.edu.br

Página 04 de 04

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O Jornalismo tem cor: Quais os Desafios Enfrentados por Jornalistas negros no Rio Grande do Sul?

Pesquisador: Sara Alves Feitosa

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 39865920.8.0000.5323

Instituição Proponente: Fundação Universidade Federal do Pampa UNIPAMPA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.570.079

Apresentação do Projeto:

As afirmações elencadas nos campos “Apresentação do Projeto”, “Objetivos da Pesquisa” e “Avaliação dos Riscos e Benefícios” foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1639644, de 25/02/2021).

Trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em jornalismo, que investiga os desafios enfrentados por jornalistas negros no exercício da profissão no estado do Rio Grande do Sul. Parte-se do pressuposto que o racismo é estrutural na sociedade brasileira e que este aspecto interfere na experiência profissional e no estabelecimento de uma carreira de negros no jornalismo. A questão problema que norteia a pesquisa é: Quais os desafios enfrentados por jornalistas negros no exercício da profissão no Rio Grande do Sul? Embora se tenha claro que esta característica não se restringe a um único estado, o recorte geográfico desta pesquisa centra-se no RS, mais especificamente nas redações de empresas jornalísticas sediadas em Porto Alegre. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizará o instrumento de entrevista semiestruturada, aplicada remotamente (devido a pandemia de COVID19), com profissionais de jornalismo das empresas RBS (TV, Rádio e Jornal) e SBT. Além de jornalistas negros pretende-se entrevistar as chefias dos veículos investigados para compreender o contexto de contratação e políticas de diversidade nas empresas de comunicação.

Endereço: BR 472 - Km 585. Campus Uruguiana

Bairro: Prédio Administrativo - Sala 23 - Caixa **CEP:** 97.501-970

UF: RS **Município:** URUGUAIANA

Telefone: (55)3911-0202

E-mail: cep@unipampa.edu.br

Continuação do Parecer: 4.570.079

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Identificar quais os desafios dos jornalistas negros no exercício da profissão no Rio Grande do Sul.

Objetivo Secundário:- Mapear quais as funções ocupadas por jornalistas negros no Rio Grande do Sul;- Observar como é distribuída as funções para jornalistas negros em diferentes redações; - Identificar o percentual de negros estão presentes nas redações do estado.- Descrever os desafios de jornalistas negros no exercício da profissão no RS;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: No caso das entrevistas com jornalistas negros há o risco que constrangimentos, de alguma questão provocar lembranças dolorosas para o entrevistado. Mas diante de qualquer risco de constrangimento, de dano emocional e social, será ocultado da pesquisa, podendo o participante solicitar a exclusão da informação. Bem como, a entrevista pode ser interrompida e perguntas podem ser ignoradas caso alguma delas provoque algum dano ou mal-estar no entrevistado.No caso das entrevistas com gestores de redação a entrevista pode causar constrangimento à medida que o entrevistado pode perceber-se racista ou já ter cometido atitudes racistas na chefia. Mas diante de qualquer risco de constrangimento, de dano emocional e social, será ocultado da pesquisa, podendo o participante solicitar a exclusão da informação. Bem como, a entrevista pode ser interrompida e perguntas podem ser ignoradas caso alguma delas provoque algum dano ou mal-estar no entrevistado. Ao aceitar participar da investigação as fontes receberão informações detalhadas sobre o teor da entrevista e que estas poderão provocar algum desconforto emocional, dando ênfase para a autonomia do/da participante em negar-se a responder algumas questões. As fontes da investigação serão informadas ainda que se entenderem necessitarem, terão o devido apoio das pesquisadoras, seja para conversar como se sente em relação aos fatos e mais especificamente com informações e orientações de serviços de apoio psicológico de saúde pública.Também será lembrado aos colaboradores da investigação que a participação é voluntária e que têm em seu poder a decisão de desistir em qualquer momento do estudo ou optar por não responder às questões apresentadas.No processo de coleta desta pesquisa é possível nos depararmos com relatos de crime relacionado a racismo. Entendemos que se no decorrer da investigação nos deparemos com casos de racismo previsto por lei o papel das pesquisadoras é orientar os caminhos e a necessidade de denúncia formal do crime. No entanto, não nos parece nosso papel como pesquisadoras empreender denúncias que possa vir a ser identificada durante a investigação.

Benefícios: A pesquisa não trará benefícios imediatos ao participante, contudo, como o objetivo

Endereço: BR 472 - Km 585. Campus Uruguaiana

Bairro: Prédio Administrativo - Sala 23 - Caixa

CEP: 97.501-970

UF: RS

Município: URUGUAIANA

Telefone: (55)3911-0202

E-mail: cep@unipampa.edu.br

Continuação do Parecer: 4.570.079

geral é mapear, encontrar e identificar os jornalistas negros nas redações jornalísticas do Rio Grande do Sul e quais os desafios enfrentados por estes no exercício da profissão, os dados poderão ser importantes para o desenvolvimento de políticas de diversidade nas redações jornalísticas e tem potencial de contribuir com outros estudos a serem realizados sobre a temática desta investigação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo nacional unicêntrico de caráter qualitativo. Estudo acadêmico referente a um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) visando a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo. Patrocínio: Financiamento próprio. País de origem: Brasil. Número de participantes incluídos: 8. Centros de pesquisa no Brasil: Universidade Federal do Pampa. Previsão de início e encerramento do estudo: 30/09/2020 - 16/07/2021.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo “Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações”.

Recomendações:

Vide campo “Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações”.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Parecer referente a versão 4 do projeto inserido na PlatBr em 25/02/2021.

Pendências atendidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe a pesquisadora responsável encaminhar os relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo “relatório” para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Norma Operacional CNS nº 001/13, item XI.2.d.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1639644.pdf	25/02/2021 10:08:03		Aceito
Outros	cartarespostaapendencias.pdf	12/12/2020 09:46:30	Sara Alves Feitosa	Aceito
Outros	INSTRUMENTOSDAPESQUISATCC.pdf	12/12/2020 09:42:41	Sara Alves Feitosa	Aceito
Declaração de	TC.pdf	19/10/2020	Sara Alves Feitosa	Aceito

Endereço: BR 472 - Km 585. Campus Uruguaiiana

Bairro: Prédio Administrativo - Sala 23 - Caixa **CEP:** 97.501-970

UF: RS **Município:** URUGUAIANA

Telefone: (55)3911-0202

E-mail: cep@unipampa.edu.br

Continuação do Parecer: 4.570.079

Pesquisadores	TC.pdf	13:50:28	Sara Alves Feitosa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOSIPPEE.pdf	19/10/2020 11:30:18	Sara Alves Feitosa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEGESTOR.docx	19/10/2020 11:28:13	Sara Alves Feitosa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEJORNALISTASNEGROS.docx	19/10/2020 11:27:40	Sara Alves Feitosa	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoASSINADA.pdf	15/10/2020 18:11:27	Sara Alves Feitosa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

URUGUAIANA, 03 de Março de 2021

Assinado por:
Rafael Lucyk Maurer
(Coordenador(a))

Endereço: BR 472 - Km 585. Campus Uruguaiiana

Bairro: Prédio Administrativo - Sala 23 - Caixa **CEP:** 97.501-970

UF: RS **Município:** URUGUAIANA

Telefone: (55)3911-0202

E-mail: cep@unipampa.edu.br